



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PROLING**

FÁBIO LÚCIO GOMES BARBOSA

**CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS COM VERBOS DICENDI:
PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO.**

João Pessoa
2014

FÁBIO LÚCIO GOMES BARBOSA

**CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS COM VERBOS DICENDI:
PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING da Universidade Federal da Paraíba, como requisito exigido para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição.

Orientador: Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite

João Pessoa
2014

B238c *Barbosa, Fábio Lúcio Gomes.*
 Construções transitivas com verbos dicendi em língua
 inglesa: processos de significação / Fábio Lúcio Gomes
 Barbosa.- João Pessoa, 2014.
 120f. : il.
 Orientador: Jan Edson Rodrigues Leite
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
 1. Linguística. 2. Linguagem. 3. Sentido. 4. Cognição.
 5. Construção. 6. Transitividade verbal.

UFPB/BC

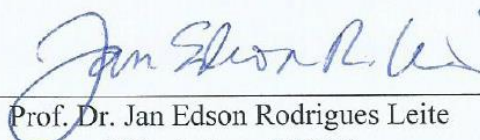
CDU: 801(043)

FÁBIO LÚCIO GOMES BARBOSA

**CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS COM VERBOS DICENDI EM
LÍNGUA INGLESA: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO.**

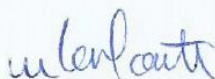
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING da Universidade Federal da Paraíba, como requisito exigido para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite
(Orientador – UFPB)

Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira de Sousa
(Examinadora – UFPE)



Prof.^a Dr.^a Marianne Cavalcante
(Examinadora – UFPB)

AGRADECIMENTOS

Creio que esta é uma das etapas mais delicadas de nosso trabalho. Não por que nós tenhamos dificuldades em agradecer, mas por que tememos esquecer alguém neste processo. Não gostaríamos de ser injustos com ninguém e deixar de mencionar aqui neste espaço. Assim, gostaríamos de agradecer a todos os nossos colegas que fizeram parte deste processo, alguns de forma mais direta como nossos colegas do LACON, Dani sempre “bombando” em seus comentários, Mábia que nos deu forças incentivando a continuar com as leituras e sempre se mostrando solícita nas crises que passamos com a gama de leituras que tínhamos para fazer. Talita com suas leituras e comentários, Andrea, minha “best” que procura sempre me acalmar nos momentos de desespero com prazos apertados para darmos conta de tantos projetos em andamento. Soube, Andrea, muitas vezes nos conduzir à paz interior necessária para continuarmos na lida que foi fazer esta dissertação. Berla, Chicão e Liliane pelo seu companheirismo e como não lembrar do amigo Marinésio que nas vésperas de nossa defesa nos prestou seu conhecimento de revisor de textos para acalantar nossa angústia de ter que finalizar algo que cremos que é só o começo de nossa carreira acadêmica.

Ao PROLING que sempre estive de portas abertas a nos esclarecer qualquer que fosse nossa dúvida ou ansiedade. Aos nossos professores das disciplinas de pós-graduação que nos encheu com seus ensinamentos e senso crítico.

Ao nosso orientador professor mestre doutor Jan, que nos guiou com toda sua paciência e perspicácia a desenvolvermos nosso trabalho. Ensinou-nos a sermos independentes academicamente com uma atitude sempre positiva de nos ensinar a pescar e não de nos oferecer o peixe pronto.

A minha família, filhos, esposa, cunhados, tios e primos que tiveram a paciência de entender nossa ausência em certas reuniões de família. Em especial a minha esposa que soube, ao longo destes dois anos, ser a companheira ideal apoiando-nos com carinho, sabedoria e em especial muita paciência. A minha mãe, professora linguística do DLCV, hoje já aposentada, que, além de mãe, foi minha mentora, dando me suporte deste que me

decidi enveredar na academia. Ela esteve e está comigo desde o processo de seleção para este mestrado, ora terminado.

Finalmente agradeço a CAPES pelo financiamento de meus estudos, e à banca, à professora doutora Marianne e à professora doutora Medianeira que disponibilizaram seu tempo também de deslocamento da UFPE para a UFPB. Concluímos sabendo que há muito mais a agradecer e a quem agradecer, o que não torna aqueles que não foram mencionados menos especiais.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal entender a relação entre o processo de significação e o contexto, via a transitividade verbal. Nossa hipótese geral é que os informantes teriam uma maior facilidade de compreensão das estruturas em que os argumentos pospostos aos verbos tivessem sua transitividade atendida. E, com o maior número de itens linguísticos que a estrutura permitisse, a transitividade agiria como facilitadora da interação comunicacional. Para este trabalho, ancoramo-nos na teoria da *imagética convencional*, em especial na noção de *Trajetor e Marco* proposto por *Langacker (2008)*. Neste fazer, foi utilizada uma metodologia experimental baseada na psicolinguística que teve como variáveis dependentes *o tempo* e *o índice de acerto*, e, como variável independente, a *transitividade* verbal com três condições: *argumentos não preposicionados*, *argumentos preposicionados* e, *simultaneamente, argumentos preposicionados e não preposicionados*. Este experimento teve como informantes jovens entre dezesseis (16) e dezoito (18) anos de idade, nativos brasileiros. Após a aplicação dos experimentos, os dados foram coletados e tratados por três programas, um apenas para a coleta de dados, o Qualtrics e dois de estatística, o “R” e o “ACTION”. Em relação aos resultados, pudemos concluir que existe uma relação entre transitividade e os processos de significação. A presença ou ausência da preposição confirmou-se como agente facilitador da compreensão.

Palavras chave: Linguagem. Sentido. Cognição. Construção. Transitividade.

ABSTRACT

This work aims at understanding the relationship between the process of meaning and context, via verbal transitivity. Our general hypothesis is that the participants would have an easier understanding of the structures in which the arguments placed after the verbs had met its transitivity. And, with the largest number of language items allowed by the structure, transitivity would act as a facilitator of communication interaction. For this work, we have anchored on the theory of conventional imagery, in special on the notion of *Trajector and Landmark* proposed by Langacker (2008). Based on experimental psycholinguistic methodology, we have had as dependent variables *time* and *rate of accuracy* and the *transitivity* as an independent variable with three conditions: *not prepositioned arguments*, *prepositioned arguments* and *simultaneously prepositioned and not prepositioned arguments*. This experiment was conducted with young informants from sixteen (16) to eighteen (18) years old, Brazilians natives. After the application of the experiments, the data were treated in three programs, the Qualtrics, and two statistical packages, R and ACTION. Regarding the results, we concluded that there is a relationship between the context and the process of signification. The presence in opposition to the absence of the preposition seems to have acted as facilitator of the understanding.

Keywords: Language. Meaning. Cognition. Construction, Transitivity.

TABELAS

Tabela 01 – Croft (2001)	15
Tabela 02 – Goldberg (1995)	18
Tabela 03 – Análise da gramática cognitiva da sentença Pedro chutou a bola	19
Tabela 04 – Mapeamento sintático semântico	19
Tabela 05 – Mapeamento sintático semântico com funções	20
Tabela 06 – Exemplo de estrutura mais frequente	21
Tabela 07 – Similaridades translinguísticas	22
Tabela 08 – Classificação proposta por Hopper e Thompson	60
Tabela 09 – Distribuição dos informantes	65
Tabela 10 – Critério de divisão dos informantes	67
Tabela 11 – Seleção dos informantes	69
Tabela 12 – Condições experimentais	70
Tabela 13 – Condições experimentais e distratoras	76
Tabela 14 – Índice de acerto com e sem contexto	84
Tabela 15 – Associação da condição experimental X, com contexto versus sem contexto	85
Tabela 16 – Associação da condição experimental Y, com contexto versus sem contexto	85
Tabela 17 – Associação da condição experimental Z, com contexto versus sem contexto	85
Tabela 18 – Associação da condição experimental TODOS, com contexto versus sem contexto	85
Tabela 19 – Experimento 1	86
Tabela 20 – Grupo de controle	86
Tabela 21 – Cruzamento das sentenças Z	88
Tabela 22 – Cruzamento das sentenças “TODOS”	89
Tabela 23 – Índice de acerto de argumentos preposicionado e não preposicionado simultaneamente (x) e argumento preposicionado (y)	92
Tabela 24 – Cruzamento das sentenças X	93
Tabela 25 – Índice de acerto com e sem contexto	95
Tabela 26 – Resultado feito pelo programa R	97

TELAS

Tela 01 – Estímulo não preposicionado.	63
Tela 02 – Pergunta com três opções de resposta	64
Tela 03 – Termo de consentimento	67
Tela 04 – Blocos editáveis	72
Tela 05 – Exemplo de blocos editados para o experimento	72
Tela 06 – Imagem de edição do experimento em língua portuguesa com contexto	73
Tela 07 – Imagem de edição do experimento em língua portuguesa sem contexto	73
Tela 08 – Estímulo sem contexto	73
Tela 09 – Sentença de afirmação para aferir o processo de significação	74
Tela 10 – Texto motivador para criar uma situação	74
Tela 11 – Servia de estímulo	74
Tela 12 – Tinha a finalidade de aferir o processo de significação	75
Tela 13 – Sentença preposicionada	76
Tela 14 – Sentença não preposicionada	77
Tela 15 – Sentença preposicionada e não preposicionada simultaneamente	77
Tela 16 – Uma sentença distratora	77
Tela 17 – Mostra o contexto	80
Tela 18 – Argumento não preposicionado	81
Tela 19 – Argumento preposicionado	81
Tela 20 – Argumento não preposicionado e preposicionado simultaneamente	81
Tela 21 – Estímulo linguístico	91
Tela 22 – Estímulo linguístico	91
Tela 23 – Estímulo linguístico	91
Tela 24 – Texto motivador (o contexto)	94
Tela 25 – Sentença de estímulo	94
Tela 26 – Tempo com contexto e sem contexto	96
Tela 27 – Exemplo da sentença cinco	96
Tela 28 – Exemplo da sentença sete	97

GRÁFICOS

Gráfico 01 – X com contexto e sem contexto	83
Gráfico 02 – Sentenças X com contexto versus sem contexto	87
Gráfico 03 – Sentenças Y com contexto versus sem contexto	89
Gráfico 04 – “TODOS” com contexto versus sem contexto	90
Gráfico 05 – Sentenças X com contexto versus sem contexto	93
Gráfico 06 – Sentenças Y com contexto versus sem contexto	95

FIGURAS

Figura 1 – Langacker (2008)	25
Figura 2 – Langacker (2008)	28
Figura 3 – Langacker (2008)	29
Figura 4 – Langacker (2008)	31
Figura 5 – Langacker (2008)	36
Figura 6 – Langacker (2008)	37
Figura 7 – Langacker (2008)	39
Figura 8 – Langacker (2008)	39
Figura 9 – Langacker (2008)	41
Figura 10 – Ferrari – Proposta da gramática cognitiva para análise das classes de palavras	44
Figura 11 – Langacker (2008)	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 LINGUAGEM, SENTIDO E COGNIÇÃO	14
1.1 PROPOSTA DE GRAMÁTICAS COGNITIVAS	14
1.1 A Gramática das Construções Radicais	15
1.2 A Gramática das Construções	16
1.3 A Gramática Cognitiva	23
1.3.1 Simbolização	24
1.3.2 Conceptualização	27
1.3.3 “Construal”, interpretação ou perspectiva perspectivada	27
1.3.4 Dimensões imagéticas	32
1.4 Classes de Palavras	41
2 A TRANSITIVIDADE: DA VISÃO LINGÜÍSTICA TRADICIONAL À LINGÜÍSTICA FUNCIONAL – LF	46
2.1 A VISÃO TRADICIONAL	46
2.2 A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE SUJEITO E PREDICADO	48
2.3 A VISÃO DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL E SUA PROXIMIDADE COM A LINGÜÍSTICA COGNITIVA	56
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	62
3.1 OBJETO DE ESTUDO: QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS DE PESQUISA	62
3.2 EXPERIMENTO PILOTO	63
3.3 SUJEITOS DE PESQUISA	65
3.4 DESENHO DO EXPERIMENTO COM E SEM CONTEXTO EM LÍNGUA INGLESA E PORTUGUESA	69
3.4.1 Materiais	71
3.4.2 Procedimentos	75
3.5 ETAPA DE ANÁLISE	77
4 RESULTADO DOS TESTES: ANÁLISE DOS DADOS	79
4.1 ENTENDENDO A NATUREZA DAS SENTENÇAS DO EXPERIMENTO	80
4.2 A CODIFICAÇÃO DAS SENTENÇAS: X, Y, Z, E TODOS	82
4.3 APRESENTAÇÃO DAS TABELAS, GRÁFICOS E PARÂMETROS ESTATÍSTICOS	84
4.4 MAS O QUE ACONTECE COM A INTERAÇÃO ENTRE Z E Z COM E SEM CONTEXTO E DE “TODOS” COM CONTEXTO E SEM CONTEXTO?	88

4.5 QUAL O RESULTADO PARA O CONTEXTO QUANDO O(S) ARGUMENTO(S) POSPOSTO(S) FOR (EM) PREPOSICIONADO(S) DO TIPO X E Y?	91
4.6 OS RESULTADOS EM RELAÇÃO AO TEMPO	95
4.7 CONCLUSÃO A QUE CHEGAMOS	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100

REFERÊNCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A linguística tradicional, desde o início dos anos 80, vem presenciando o desenvolvimento de um novo paradigma que tem se firmado no cenário linguístico internacional: a Linguística Cognitiva cujo interesse está voltado também para o fenômeno da significação e da investigação psicolinguística de Eleonor Rosch.

A consolidação da Linguística Cognitiva, nos últimos anos, evidencia certo pluralismo de teorias e de métodos advindos de outras perspectivas linguísticas, particularmente, do funcionalismo linguístico de Givón. Assim, Langacker (1999), um dos nomes de relevante significação nesta área de estudo, assume um posicionamento convergente com o movimento funcionalista (claramente oposta à tradição formalista). Neste sentido, funcionalistas e Linguistas Cognitivos comungam do conceito de que a linguagem é parte integrante da cognição e se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionistas e culturais.

Neste contexto, nosso trabalho versará sobre a transitividade verbal em construções cujos argumentos são pospostos ao verbo. O ente linguístico na posição de sujeito gramatical, ou *Trajetor* como é denominado por Langacker (2008), apesar de fazer parte do argumento do verbo, não estará envolvido em nosso estudo. Voltaremos nossa atenção para a importância da presença do argumento - elemento facilitador da comunicação - em construções com verbos transitivos que evidenciem a seguinte estrutura: *sujeito + verbo + objeto (S V O)*.

A inquietação desta pesquisa nasceu da percepção da incongruência teórica existente entre conhecimentos inconscientes utilizados pelos sujeitos durante o uso das construções gramaticais produzidas e compreendidas, em oposição ao conhecimento formal e adquirido sobre a forma de estruturas sintáticas tratadas pelos gerativos como “autocontidas”. A abordagem gerativa assume que as construções/estruturas eram passíveis de serem analisadas separadamente dos aspectos fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Embora se saiba que o gerativismo é a primeira versão, por assim dizer, da abordagem cognitiva, Chomsky e seus discípulos não levavam em conta fenômenos cognitivos como categorização, simbolização (pareamento entre forma e sentido) e conceptualização (processo geral de significação), bem como creditavam à análise sintática a explicação de todos os fenômenos da linguagem humana.

Diante destas inquietações, elegemos a Linguística Cognitiva como uma teoria capaz de oferecer um suporte teórico para o fenômeno da compreensão de construções em estruturas transitivas que contemplem todos os critérios do contínuo linguístico.

Usaremos experimentos psicolinguísticos experimentais - testes experimentais - com o intuito de buscarmos respostas para questões do tipo: (1) como a compreensão de estruturas simbólicas que envolvem processos mais amplos de memória, de conceptualização pode ser afetada pela transitividade? (2) como a transitividade, satisfazendo os argumentos exigidos pelo verbo, pode afetar, facilitando ou dificultando, o processo de compreensão das estruturas no ato comunicativo? (3) se a simbolização é a união entre forma e sentido, criando um contínuo para o uso de estruturas/construções que pareiam forma e sentido, até que ponto, uma estrutura que apresenta seus argumentos de forma explícita afetará o custo de processamento desta informação para se chegar ao entendimento intencionado pelo falante?

Neste proceder, duas hipóteses nortearão nossa pesquisa: numa construção em que todos os argumentos estejam presentes na sentença, não ocorrerá necessidade de se fazer grandes “cálculos” mentais para se chegar às inferências desejadas. Para tanto, vamos expor os informantes a três condições para cada verbo. Cada um receberá um argumento do tipo direto, outro indireto e um duplo, direto e indireto. Apesar de a construção com argumento duplo carregar mais itens lexicais, cremos que o tempo para se chegar à inferência desejada poderá ser significativamente menor. Como segunda hipótese, observaremos a transitividade verbal. Os argumentos explícitos poderão ser, ou não, um facilitador do processo de compreensão da linguagem em uso e não mera função sintática como parecem crer os normativos e gerativos.

Diante do proposto, nosso objetivo principal será investigar a transitividade como facilitadora ou não da compreensão de sentenças que se apresentem com os argumentos solicitados pelo verbo de forma explícita.

Assim, elegemos o conceito da Gramática das Construções, *Imagética convencional*, proposto por Langacker (2008) para nos fornecer elementos teóricos que cumpram o objetivo de apontar para as respostas aos nossos questionamentos. No corpo de nossa dissertação explicaremos com mais detalhes os conceitos que envolvem a teoria da *Imagética convencional*, neste momento, no entanto, esclarecemos que nossa atenção maior será destinada ao conceito de *Trajeto* e *Marco*.

Estruturaremos nosso trabalho em quatro partes: no primeiro capítulo faremos uma revisão teórica dos conceitos de gramática cognitiva. Iniciaremos com a Gramática das Construções Radicais de Croft por ser uma das gramáticas cognitivas, embora para nosso trabalho, a relevância seja de menor intensidade. Ainda dentro do primeiro capítulo faremos algumas considerações sobre a gramática das Construções de Goldberg (2005) no que tange ao como e ao porquê internalizamos línguas. A Gramática em que mais nos deteremos será a de Langacker (2008): traremos uma discussão sobre conceitos de *simbolização, conceptualização e imagética convencional além do princípio de Trajetor e Marco* (neste trabalho compreendido como sujeito gramatical e complemento verbal-objeto).

No segundo capítulo, *A Transitividade: da Visão Linguística Tradicional à Linguística Funcional – LF*, faremos um apanhado sobre a transitividade verbal em suas várias abordagens: visão dicionarizada, normativa, funcional e cognitiva. Buscaremos conceitos que contemplam visões de estudiosos como Lucien Tesnière, Mattoso Câmara e gramáticos normativos tais como Celso Cunha e Cintra e, ainda, Evanildo Bechara; ainda traremos conceitos próprios da linguística funcional, segundo Hopper, Thompson, Halliday.

No terceiro capítulo, localiza-se a metodologia com descrição sobre os procedimentos e a forma de aferir os dados obtidos através de dois experimentos possíveis de revelar e averiguar o fenômeno da transitividade em que ocorrem os argumentos solicitados pelo verbo.

Por fim, teremos a análise e tratamento de dados, momento em que discutiremos os resultados já constatados em nossas hipóteses. Finalmente apresentaremos nossas considerações sobre possíveis contribuições para pesquisas que envolvam a transitividade como um fenômeno cognitivo.

1 LINGUAGEM, SENTIDO E COGNIÇÃO

1.1 PROPOSTAS DE GRAMÁTICAS COGNITIVAS

Nosso trabalho versará sobre gramática, um tema, aparentemente, pouco amistoso para os falantes de uma língua. Ao iniciarmos este capítulo, refletimos sobre: um tema que remonta a dissabores, como é o caso de gramática, cuja má reputação é histórica. Contudo, aqui e agora, referimo-nos a um tipo de estudo advindo do uso, uma gramática cuja noção não se entrelaça com as tradicionais, nem com a concepção medonha que o termo parece sugerir. Para esta gramática, não haverá uma fronteira clara entre gramática e léxico (noção que se firma por volta da década de 70 e que é adotada tanto por funcionalistas como pela Linguística Cognitiva), ela propõe uma nova abordagem, diferente do modelo tradicional. Tal modelo foge à *doutrina padrão* (LANGACKER, 2008, p. 4). Ainda mais inquietante de saber que a má reputação da gramática a precede, é deter conhecimento de que este capítulo deve ter uma natureza teórica e que esta teoria deve ser apresentada de forma concisa sem que conceitos não triviais tais como *gramática é semântica, símbolo é o pareamento entre forma-significado, significado é simbolização e simbolização é conceptualização* e, ainda, tantos outros, mantenham-se integrais ao estabelecido pelo autor (LANGACKER, 2008) e, desta forma, expressem a verdadeira natureza da gramática em referência, a Gramática Cognitiva.

Inicialmente, ressaltamos que a literatura que trata os conceitos norteadores da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008) apresenta duas outras propostas de gramática na mesma linha cognitiva:

1. Gramática das Construções Radicais de Croft (2001).
2. Gramática das Construções de Goldberg (1995-2006), trabalho inspirado nos estudos de Charles Fillmore.

Silva e Batoréo (1997) registram que tanto a Gramática das Construções, como a Gramática das Construções Radicais podem ser vistas como complementares da proposta de Gramática Cognitiva, “...apesar de algumas divergências, todos partilham de um conjunto de princípios fundamentais, que permitem falar de uma abordagem cognitiva da gramática”.

Entre as principais características da Gramática das Construções Radicais de Croft (2001) e da Gramática das Construções de Goldberg (1995), destacaremos certos aspectos pertinentes a nosso trabalho, porém nosso interesse maior prende-se à Gramática Cognitiva de Langacker (2008), por acreditar que esta edição expressa maior refinamento da Gramática Cognitiva.

1.1.1 A Gramática das Construções Radicais

Silva e Batoréo (1997) asseveram que a Gramática das Construções Radicais exhibe um maior alinhamento com a Gramática das Construções de Goldberg do que, propriamente, com a Gramática Cognitiva de Langacker. Divergem, contudo, da Gramática das Construções de Goldberg em quatro razões:

1. primeiro, as classes de palavras e funções sintáticas (categorias gramaticais) são consideradas como construções específicas e não como primitivos semânticos, como faz a Gramática Cognitiva;
2. as unidades básicas de representação sintática são as construções;
3. não há relações sintáticas com entidades independentes da construção;
4. as construções são especificidades de cada língua.

Com o intuito de, apenas, exemplificar, segue abaixo uma tabela do contínuo léxico-sintático sugerida por Croft (2001).

Tabela 1 – Croft (2001).

Construction type	Traditional name	Examples
Complex and (mostly) schematic	syntax	[Sbjbe-tns Verb-en by Obl]
Complex and (mostly) substantive	idiom	[kick-tnsthe bucket]
Complex but bound	morphology	[Noun-s], [Verb-tns]
Atomic and schematic	syntactic category	[Dem], [Adj]
Atomic and substantive	word/lexicon	[this], [green]

A teoria de William Croft, a Gramática das Construções Radicais, é, na opinião de Silva e Batoréo (1997), uma das propostas de gramática cognitiva que merece ser estudada e refinada como toda proposta de gramática feita pela Linguística Cognitiva. Não a

elegemos, no entanto, como suporte teórico de nosso trabalho e, assim, não nos cabe fazer comentários sobre a natureza de suas proposições.

1.1.2 A Gramática das Construções

Tradicionalmente, pode-se fundir a ideia de oração com construção. Assim sendo, *construção* sob uma abordagem formalista deverá ser a unidade mínima a ser considerada em análises linguísticas, pode ser entendida como a estrutura que carrega os constituintes de uma oração. Para citar apenas alguns exemplos, podemos falar em construções passivas, construções reduzidas de infinitivo ou particípio ou até mesmo construções reduzidas de gerúndio. Tradicionalmente *construções* podem ser definidas como a “montagem” do sujeito + verbo + completo + circunstância. Nesta perspectiva, Tomasello faz a seguinte observação: “a ênfase estava em descrever padrão muito geral, estas construções eram quase sempre descritas em termos de categorias e regras linguísticas abstratas, tais como SUBSTANTIVO, VERBO, ARTIGO + SUBSTANTIVO, SVO...” (TOMASELLO, 2005, p. 25).

Com base na citação de Tomasello vê-se que este psicolinguísta tem um ponto de vista diferente em relação à noção tradicional de *construção*. Assim, sob uma perspectiva diferenciada do modelo adotado pelos formalistas e compartilhada pelos autores da linguística cognitiva (FILLMORE, 1989; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; o próprio TOMASELLO, 2000 e LANGACKER 2008), na gramática cognitiva, em uma gramática baseada no uso, as *construções* devem ter uma abrangência mais elástica. As *Construções* para Goldberg (1995) devem ser analisadas, levando-se em conta tanto as generalizações mais amplas, como fazem os formalistas, como também os padrões mais limitados, chegando a considerar morfemas presos como *construções*, proporcionando, assim, uma análise mais ampla das *construções* linguísticas.

Linguistas cognitivos acreditam na existência de um contínuo de significado, ou seja, o pareamento entre forma e significado, que se deve estender às *construções* simples. Do mesmo modo que é feito com as palavras, frases e estruturas sintáticas, os morfemas, sejam eles livres ou presos, devem receber tal tratamento. Tomasello, em consonância com Goldberg (1995) e Croft (2001), afirma que existe nestas construções um significado, a “estranheza”, contudo, está em reconhecer nestas entidades seus vários níveis de complexidade. No decorrer deste trabalho será mostrada a proposta de níveis de

complexidade na visão de Goldberg. Para tanto exemplificaremos abaixo a razão de entendermos morfema como uma *construção*:

- a. Destroying wind - Vento destruidor
- b. Destroyed city- Cidade destruída

Os Morfemas “ing” e “ed”, comumente relacionados a verbos, estão sendo usados para compor um *adjetivo* que deriva de *verbo*, fenômeno rotineiro em Inglês. Em relação ao contínuo de significado que eles expressam, o morfema “ing” e o “ed” agregam a *construção* valores de *adjetivo ativo* e de *adjetivo passivo*, permitindo que o *vento* seja entendido como o causador da destruição. De forma análoga, faz com que a *cidade* tenha comportamento passivo em relação a uma força externa exercida sobre ela. Confirmando que no processo de significação todos os itens que compõem uma *construção*, sejam de que nível de complexidade for, devem ser levados em consideração numa análise linguística baseada no uso. As teorias que dão suporte ao estudo da Gramática das Construções são chamadas de abordagens construcionistas e são relevantes para nossa pesquisa. Para a Gramática das Construções de Goldberg (1995-2006), construção é todo pareamento entre forma e função. “A motivação primária para o termo é que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das construções gramaticais: convencionalmente pareadas em forma e função” (GOLDBERG, 2006 p. 4).

Com esta afirmação Goldberg pretende enfatizar o papel das construções, convencionalmente, identificado com o pareamento entre forma e função. Este é um preceito funcionalista que, de certa forma, é incorporado ao conjunto teórico da Linguística Cognitiva, em especial, às propostas de Gramática Cognitiva. Não se deve confundir, contudo, a noção de simbolização que é o pareamento entre forma e sentido, com a noção de construção que é o pareamento entre forma e função. Fica claro na citação acima que a autora quer chamar a atenção para a motivação primária da gramática das construções: pareamento entre forma e função.

A escolha deste tema é relevante para nosso trabalho, uma vez que, segundo a própria autora, estudaremos a natureza das generalizações na linguagem; o conhecimento que um adulto detém sobre sua língua e como as crianças aprendem sua própria língua. Assim, este tema nos norteará sobre como e porque as construções podem ser aprendidas e

como as generalizações se comportam tanto entre línguas estrangeiras como dentro da própria língua, a materna.

A gramática das Construções concorda com a abordagem gerativa ao considerar a linguagem como sistema (cognitivo) mental. As diferenças, contudo, existem. A que parece motivar com maior ênfase os estudos na área é a crença no pareamento entre forma e semântica e, no caso da Gramática das Construções, as funções do discurso, princípio este rejeitado pelos gerativistas. Para a Gramática das Construções, todos os níveis de análise envolvem construções, sejam morfemas, palavras, expressões idiomáticas, léxicos parcialmente completos e padrões frasais completos. Goldberg afirma que qualquer padrão linguístico é reconhecido como construção, seja previsível ou não. Abaixo, segue uma tabela em que a autora exemplifica a categorização das construções, segundo seu tamanho e complexidade.

Exemplos de construções que variam em tamanho e complexidade.

Tabela 2 – Goldberg (1995).

Morpheme	e.g. <i>pre-</i> , <i>-ing</i>
Word	e.g. <i>avocado</i> , <i>anaconda</i> , <i>and</i>
Complex word	e.g. <i>daredevil</i> , <i>shoo-in</i>
Complex word (partially filled)	e.g. [N-s] (for regular plurals)
Idiom (filled)	e.g. <i>going great guns</i> , <i>give the Devil his due</i>
Idiom (partially filled)	e.g. <i>jog <someone's> memory</i> , <i>send <someone> to the cleaners</i>
Covariational Conditional	The Xer the Yer (e.g. <i>the more you think about it, the less you understand</i>)
Ditransitive (double object)	Subj V Obj ₁ Obj ₂ (e.g. <i>he gave her a fish taco</i> ; <i>he baked her a muffin</i>)
Passive	Subj aux VP _{pp} (PP _{by}) (e.g. <i>the armadillo was hit by a car</i>)

O exemplo denominado de Condicional Covariante, “Covariational Conditional”, exemplificado por *construções em inglês* do tipo “The Xer The yer” ilustra padrões não previsíveis que também são chamados de construções. Estes termos, que são considerados pela Gramática das Construções como não padrão, são os que resistem à classificação gramatical tradicional, tratados normativamente como idiossincráticos. Com certeza, este fenômeno merece um estudo específico, no momento, porém, estaremos centrados na transitividade verbal padrão (SVO).

Tabela 3 – Análise da gramática cognitiva da sentença Pedro chutou a bola.

Semântico	Chutar	< Pedro	a bola>
Sintático	verbo	sujeito	objeto

A Gramática das Construções (GOLDBERG, 2006, p. 6), assevera, textualmente, o papel da transitividade como elemento facilitador para a compreensão de determinadas construções. O verbo principal, chave mestra nas construções, exerce a combinação com os argumentos. Estes podem ser entendidos de forma clássica como sendo os sujeitos e objetos da oração e sob esta perspectiva, nada há mais que se fazer do que assumir que a forma e a interpretação geral de padrões básicos das sentenças são determinados pelos aspectos semânticos e/ou informações sintáticas específicas expressas pelo verbo principal. (GRIMSHAW, 1990; LEVIN and RAPPAPORT HOVAV, 1995; PINKER, 1989) apud GOLDBERG, 2006, p. 6).

Os exemplos, a seguir, mostram o papel do verbo principal com relação à determinação dos seus argumentos. Os exemplos são uma tradução do inglês, usados por Goldberg para ilustrar a “força” do verbo principal e que servem, com propriedade, para ilustrar também esta força na língua portuguesa.

- a. Chris deu para Pat uma bola
- b. Coloque a bola na mesa

Na sentença “a”, em língua portuguesa, há necessidade de se colocar uma preposição antes do sintagma nominal “Pat”. O fato relevante é que tanto o verbo *dar* quanto o verbo *colocar* são compreendidos cognitivamente como entidades instanciadoras de processo que requerem três argumentos.

Tabela 4 – Mapeamento sintático semântico.

Semântica:	Processo (Dar)	< agente (Chris)	Tema (uma bola)	Paciente> (Pat)
Sintático:	VT	Arg1 Sujeito	Arg2 Obj1	Arg3 Obj2

Tabela 5 – Mapeamento sintático semântico com funções.

Semântico: Processo	< agente	objeto	ObjL>
(Colocar)	(“colocador”)	(a bola)	(na mesa)
	Arg1	Arg2	Arg3
Sintático: VT	Sujeito	Obj1	Localização

Neste caso, o verbo colocar, conforme exemplo acima, é do tipo que exige três (3) argumentos (um “colocador”, um objeto a ser colocado e uma localização); este fato entra em desconformidade com o modelo padrão normativo de análise estrutural que defende que, no caso dos verbos que pertencem ao grupo do verbo colocar, o terceiro argumento não é inerente à transitividade. O terceiro argumento torna-se parte essencial da construção discursiva, conduzindo o teor objetivado a sua compreensão plena, conforme visualizado acima, bem de acordo com o que Langacker (2008) teoriza em relação à quantidade de itens lexicais necessários para a se chegar à precisão linguística. Assim, no processo de interação discursiva, caso o terceiro elemento não esteja presente na sentença, a informação será prejudicada e, em consequência, ocorrerá impedimentos cognitivos manifestados linguisticamente entre os interlocutores.

A força do verbo principal é visualizada ao se analisar a ordem de colocação dos argumentos, em geral, as estruturas seguem o padrão agente + processo + tema(s), contudo há situações em que o verbo principal determina a ordem de aparecimento dos argumentos, conforme os exemplos citados acima e esquematizados a seguir:

- a. Sujeito + verbo + sn (preposicionado) + sn (não preposicionado)
- b. Sujeito + verbo + sn (não preposicionado)+ sn (preposicionado)

A troca de posição entre os argumentos verbais do tipo complemento é que nos leva a assumir que a transitividade (força que o verbo exerce sobre aspectos contextuais, pragmáticos e semânticos) determina a facilidade de comunicação entre indivíduos no ato de interação comunicacional. Não só a transitividade pode alterar a posição dos argumentos verbais que servem de complemento, mas também a relação que o verbo pode ter com a quantidade de argumentos. Goldberg usa o verbo *fatiar* em inglês como exemplo e demonstra que dependendo da construção em que ele esteja inserido, a configuração do

complemento poderá sofrer variações. Abaixo, seguem alguns exemplos dos diferentes comportamentos, ou configurações de argumentos verbais (GOLDBERG, 2006, p. 7).

He sliced the bread.	(transitive)
Pat sliced the carrots into the salad.	(caused motion)
Pat sliced Chris a piece of pie.	(ditransitive)
Emeril sliced and diced his way to stardom.	(wayconstruction)
Pat sliced the box open.	(resultative)

Tentaremos mostrar que a transitividade verbal como uma forma facilitadora da aquisição de novas estruturas, quando o conceptualizador envolve-se no processo de aquisição de um novo idioma, neste caso o Inglês, ou na comunicação usual através da língua materna (língua portuguesa). Para confirmar essa hipótese, faremos experimentos, utilizando testes psicolinguísticos e, desta forma, verificaremos se a transitividade exerce papel de facilitadora, de fato, da compreensão de estruturas verbais em atos de comunicação, conforme afirma Goldberg (2006, p. 7) textualmente: “É a estrutura argumental da construção que prover a ligação direta entre a forma e os outros aspectos gerais da interpretação...” (GOLDBERG, 2006 p. 8). Nossa intenção é mostrar que a transitividade verbal é mais que uma mera função sintática, trabalho já efetivado pelos funcionalistas.

Neste sentido, a Gramática das Construções é relevante, pois nos direciona para a compreensão de como e porque aprendemos certas construções. Uma explicação que nos parece plausível é a de que “os padrões linguísticos são armazenados se eles forem suficientemente frequentes, mesmo quando forem instância completamente regular de outras construções e assim previsíveis” (GOLDBERG, 2006, p. 13).

Com a intenção de confirmar esta afirmação, Goldberg elenca estruturas que corroboram a hipótese de que quanto mais frequentes são as estruturas, mais fácil será sua memorização, conforme exemplifica:

Tabela 6 – Exemplo de estrutura mais frequente.

Mais idiomático	Menos provável de ser dito
Eu gosto de feijão	Feijão me apetece.

Esta tabela permite visualizar a ideia de que quanto mais frequentes forem determinadas construções linguísticas, mais fácil torna-se seu processo de arquivamento em memória de longa duração e logo o uso se tornará mais frequente.

No entanto, construções baseadas nos arquétipos da língua nativa são adaptáveis aos novos padrões que vão atender às especificidades da língua estrangeira em processo de aprendizado; este fato evidencia o como nós aprendemos/arquivamos construções na língua alvo.

Visualizemos, translinguisticamente, este processo em construções do tipo:

Tabela 7 – Similaridades translinguísticas

Em Português	Em Inglês	Em Alemão
Um soco no rosto pode causar um <i>olho roxo</i>	A punch in the face can cause a <i>black eye</i>	É um <i>olho roxo</i> : <i>Ein blauesauge</i> .
Ela dorme como <i>uma pedra</i>	She sleeps like a <i>log</i> or a <i>dog</i>	<i>Dorme como uma pedra</i> : <i>Wie ein murmeltier schlafen</i> .

Logo, a partir destes exemplos, verifica-se que o arquétipo linguístico, neste caso *olho roxo* na língua materna, servirá de modelo para a apreensão de construções específicas em um idioma estrangeiro. Conforme explica a autora, “saber/conhecer tais estruturas é saber uma língua, e claramente suas especificidades não são determinadas por princípios universais, mas devem ser aprendidos na “base” de item a item”. Goldberg (2006 p. 13).

1.1.3 A Gramática Cognitiva

A Gramática Cognitiva “oferece uma visão coerente e compreensiva da estrutura da língua com a vantagem de ser intuitivamente natural, psicologicamente plausível e empiricamente viável” (LANGACKER, 2008 p. 1). O autor em tela afirma, ainda, que passou a vida toda estudando gramática e que este gosto não é compartilhado pela maioria da população. O autor explica que a má reputação desse estudo prende-se ao fato de que mesmo em linguística, a gramática é desenhada de tal forma que gera pouco interesse e a

apresenta através de definição que a coloca como: “um sistema de formas baseadas em princípios arbitrários não relacionados a aspectos cognitivos ou com o empreendimento humano” (LANGACKER, 2008, p. 1).

Para este autor, gramática é, na verdade, bastante envolvente quando entendida com propriedade e ressalta o papel canônico da linguística geral que é o de descrever as línguas naturais e não “ensinar a falar” (LANGACKER, 2008, p. 1), afirmando que, enquanto a gramática requer o aprendizado de muitas formas, o mesmo também é verdade em relação ao léxico, porém de forma mais leve, sendo com frequência, fonte de reflexão e diversão. A gramática é significativa (LANGACKER, 2008 p. 3).

Ela é significativa porque, primeiro, seus elementos da gramática, incluindo os itens lexicais, apresentam significados por si só e, adicionalmente, porque a gramática nos permite construir e simbolizar os significados mais elaborados de expressões complexas. (frases, orações e sentenças) (LANGACKER, 2008, p. 4).

Os conceitos da Gramática Cognitiva revelam-se como um todo, uma cadeia em que a capacidade cognitiva nos guia a depreender o valor semântico das predicações e, assim, cada estrutura só pode ser corretamente compreendida a partir do seu domínio cognitivo específico. Para nosso trabalho utilizaremos a *imagética convencional: foco, proeminência, grau de especificidade e perspectiva*, de Langacker (2008) uma das inúmeras teorias que integra o arcabouço da Linguística Cognitiva.

O modelo cognitivo de se compreender gramática rompe com o padrão formalista, racional e não empírico de analisar os fenômenos da linguagem; para a Linguística Cognitiva, assim como pela Linguística Funcional, o léxico e a gramática são a mesma coisa, ou pelo menos, admite-se a dificuldade de se estabelecer barreiras entre o que é léxico e o que é gramática; rompe-se, também, com a ideia de módulos de linguagem com foco na sintaxe. Para os gramáticos que seguem a corrente de Langacker, aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos formam um contínuo que não deve ser separado das demais habilidades cognitivas e nas análises linguísticas, aspectos como o contexto e a pragmática devem ser considerados. A Gramática Cognitiva estabelece uma estreita relação com o modo funcional de se estudar a manifestação do pensamento humano. Entre os inúmeros linguistas que compõem esta corrente, mencionaremos Givón, cujos trabalhos têm contribuído com suporte teórico para análises linguísticas de base cognitiva. Langacker (2008) afirma que “a linguagem é modelada e restringida pela função a que serve” (LANGACKER, 2008, p. 7). Definida por seu criador Langacker (2006, p. 29) “A

gramática Cognitiva é, assim, distinta de qualquer versão de gramática gerativa. Mais ainda, ela separa-se da maioria das variedades tradicionais e da Semântica Formal”.

A Gramática Cognitiva é semântica. Com esta afirmação, Langacker quer dizer que, não é que ele não acredite em gramática, mas que o estudo de gramática deve contemplar a língua como um todo, um contínuo que englobe em suas análises os aspectos fonológico, morfológicos e semânticos.

A Gramática Cognitiva acredita que nada mais é necessário para evocar a caracterização própria de expressões complexas e os padrões que eles instanciam, além da estrutura simbólica. Esta gramática entende a língua como “uma faceta integrante da cognição” (LANGACKER, 2008, p. 8) e esta ideia é reforçada pelo conceito cognitivista de que a linguística não aceita a imposição de fronteira entre língua e outros fenômenos psicológicos, diferente da postura gerativa e explica o seguinte:

Visão de linguagem não-modular da CG - aproximando-o como uma faceta integrante da cognição dependente dos sistemas e habilidades mais gerais - implica numa responsabilidade final com os resultados de outras ciências cognitivas (LANGACKER, 2008. p. 14).

1.1.3.1 Simbolização

A Gramática dever ser entendida como simbólica por natureza. E, a noção de símbolo deve conter, em sua essência, o pareamento forma-significado; assim toda construção gramatical válida é simbólica e fornece estruturação e simbolização convencional do conteúdo conceitual; compreende-se, então, que significado assemelha-se à conceptualização (“que mora no processo cognitivo” (LANGACKER, 2006 p. 30), e pode-se incluir no processo, conceitos novos e antigos (sensoriais, sinestésicos, experiências emotivas, reconhecimento imediato do conteúdo e outros).

Quanto à estrutura simbólica, o autor afirma que “não são diferente das estruturas semânticas e fonológicas, pelo contrário ela as incorpora” (LANGACKER 2008, p. 15), ou seja, as estruturas simbólicas incorporam tanto as estruturas semânticas (S) como as estruturas fonológicas (P). Entende-se, assim, que uma estrutura simbólica é caracterizada graficamente conforme os modelos a seguir.

Modelo gráfico sem léxico:

Estrutura simbólica = $[[S]/[P]]$

Modelo gráfico com a entidade Cat:

Estrutura simbólica = $[[CAT]/[cat]]$

Observa-se que a entidade (palavra) *cat* está grafada em maiúscula para representar polo semântico e, grafada com letras minúsculas para representar polo fonológico. Uma peculiaridade do fonológico é que alcança sons, gestos e escrita (LANGACKER, 2008, p. 15).

Nesta organização linguística, isto é, neste processo de manifestação do propósito, ocorrem graus de complexidade simbólica, por exemplo, como ocorre com o morfema *cat* que, se traduzido, perderá a eficiência do exemplo, devido à estrutura da língua portuguesa. Em português, *gato* refere-se ao animal do sexo/gênero masculino devido à desinência de “o” no final da palavra, enquanto que, em Inglês, o morfema *cat* refere-se a um felino, sem necessariamente fazer nenhum outro tipo de inferência acerca do item lexical. Entende-se que, de acordo com Langacker, este morfema é definido como uma expressão cuja complexidade simbólica é zero e que sua análise em unidades menores não deve ser feita. Um morfema pode ser pensado como *montagem simbólica* (LANGACKER, 2008, p. 16).

(Os gráficos, abaixo, ilustram os graus de complexidades possíveis de ocorrer.)

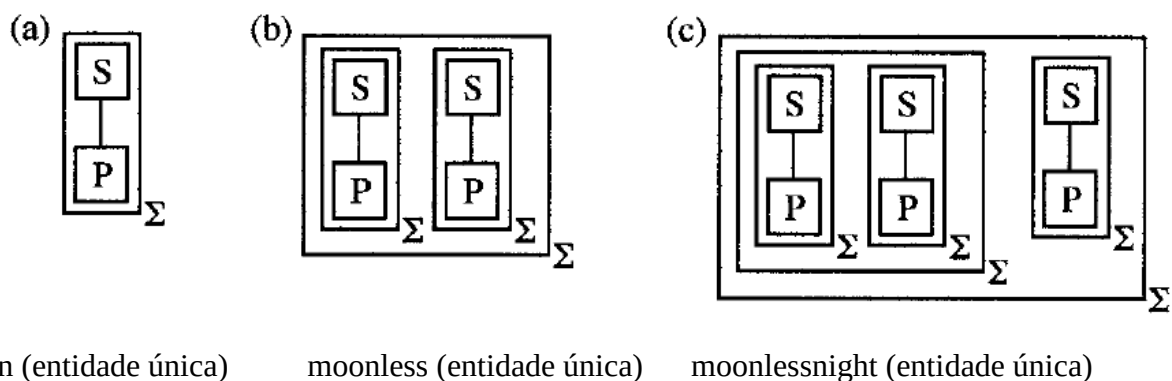


Figura 1 (Langacker, 2008).

Em “a”, observa-se um grau de complexidade zero. Isto quer dizer que a construção linguística encerra o processo em si mesmo. Uma propriedade definidora da linguagem humana é a formação de estruturas complexas a partir de estruturas simples, ou de complexidade zero. O que fica claro é a noção de que cada entidade, “a”, “b” e “c”, com seus diferentes níveis de complexidade é considerada um item lexical.

É sobre este suporte teórico que o autor da Gramática Cognitiva chama atenção para a necessidade de se reconhecer o léxico, considerando seus vários níveis de complexidade simbólica, para se entender léxico como gramática.

Um importante entendimento é destacado por Langacker: o parâmetro esquemático, ou seja, sua convergência específica, que o autor ilustra assim:

Coisa, criatura, animal, cachorro, pastor alemão.

Fazer, agir, propulsão, jogar, arremessar (LANGACKER, 2008).

Assim, para se entender o que é, de fato, simbolização, deve-se ter em mente que a gramática é semântica. Uma estrutura semântica é simbólica e *símbolo* está relacionado à noção de pareamento entre *forma-sentido*. Não se pode esquecer que, nesta visão, a estrutura semântica é composta por duas vias: *fonológica* (que engloba, som, gesto e/ou escrita) e *semântica* (processo de significação). A estrutura simbólica, então, ao se originar, as englobará. A estrutura simbólica será montada a partir de níveis de complexidade que variarão do nível mais baixo ao mais alto. Este nível de complexidade ocorrerá nos alomorfes, nos morfemas, no léxico, e nas estruturas complexas, conforme exemplificado acima. Devido a uma austeridade teórica e uma análise baseada no conteúdo conceptual, esta gramática não permite a fuga dos seguintes parâmetros:

1. As estruturas serão analisadas sob aspectos semânticos, fonológicos e simbólicos;
2. A esquematização de estruturas permitidas;
3. As relações categoriais permitidas pela estrutura.

Todos estes aspectos derivam dos fenômenos básicos psicológicos da associação, automatização, esquematização e categorização.

1.1.3.2 Conceptualização

A Gramática é, nesta visão, compreendida como uma parte integrante da cognição e ainda como a chave para se entender o todo. Esta versão da gramática opõe-se ao modelo de sistema distinto e autocontido. O significado da gramática torna-se aparente apenas com a visão apropriada do significado linguístico. Na semântica cognitiva, significado é identificado como conceptualização associado a expressões linguísticas. Para Langacker, tais afirmações não procedem, embora a conceptualização seja um fenômeno mental, ela está enraizada na realidade (bases experienciais sensorio-motoras) física: ela consiste em uma atividade do cérebro, é parte integral do corpo que funciona como uma parte integral do mundo. Os significados linguísticos também são enraizados na interação social, na negociação feita por interlocutores baseados em tarefas mútuas de conhecimentos, pensamentos e intenções.

Como alvo de análise, a conceptualização é desafiante e pode nos conduzir a conclusões surpreendentes sobre o significado linguístico e a cognição humana.

Por um lado, ela pressupõe um substrato conceptual elaborado, que inclui questões como “conhecimento prévio”, “background knowledge” e a apreensão do contexto físico, social e linguístico.

Por outro lado, uma expressão impõe uma “construal” (interpretação) particular, que reflete apenas uma das inúmeras formas de conceber e retratar a situação em questão. Não se deve omitir, também, a extensão em que as habilidades imaginativas entram em cena.

1.1.3.3 “Construal”, interpretação ou perspectivização

Gramática depende do fenômeno imaginativo e das construções mentais. A figura, abaixo, desmente a visão reinante de gramática como um sistema formal autônomo. Não apenas porque ela é significativa, mas por que ela reflete nossa experiência básica de movimento, percepção e de atuação no mundo. No núcleo da significação gramatical, estão as operações mentais próprias do viver, momento a momento. Assim a gramática tem muito mais a nos dizer sobre significado e cognição.

O significado consiste na interpretação, “construal” que engloba conteúdo e construção (LANGACKER, 2008 p. 43), nem sempre prontamente fácil de serem

distinguidos, como exemplificados por Langacker na relação de um copo com água, conforme é ilustrado:

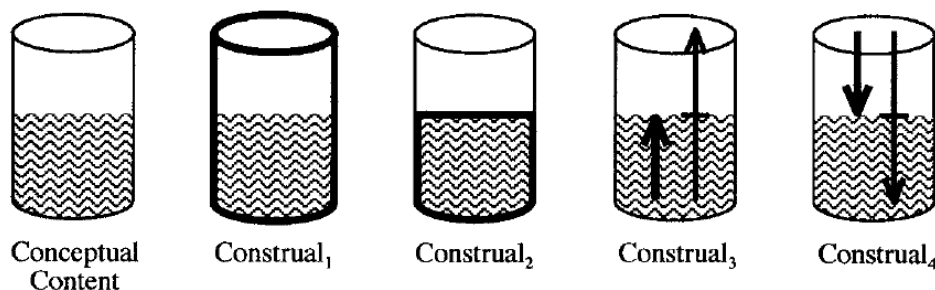


Figura 2 – Langacker (2008).

A Gramática Cognitiva adota a nomenclatura *domínio cognitivo* para o conteúdo. O conjunto de domínio é chamado de “Matrix”, ou seja, matriz. Domínio é o conteúdo ou reino de uma experiência. O autor cita o exemplo do copo de água e seus possíveis “reinos”: noção de molhado, espaço, preenchimento do copo, líquido. Mais importante que reconhecer os reinos de um domínio ou de uma matriz é reconhecer a diversidade e a natureza multifacetada que um conteúdo conceptual evoca. Contudo, deve-se estabelecer diferença entre domínios e domínios básicos, tais como gradação de cores, tempo, espaço, altura e diferentes tons sonoros e outros. Para estes, a melhor definição seria de domínios básicos, ou seja, de conceitos motivadores da conceptualização.

Para os domínios não contemplados como básicos, há vários graus de complexidade conceptual que variam desde os mais baixos ao mais alto. Como exemplo de domínios não básicos que instância uma complexidade baixa, Langacker ilustra com o termo “red”, vermelho em inglês e explica que apenas o domínio básico é evocado, neste caso, a cor.

Outro nível, ou seja, um nível mais elaborado de complexidade conceptual seriam entidades que evocam conceitos mais elaborados como é caso do termo pescoço que evoca o conhecimento da configuração do corpo humano. Este grau de complexidade pode variar até níveis que evoquem todo um sistema de conhecimento que temos sobre determinado assunto, como é o caso do termo *posse de bola* que envolverá todo nosso conhecimento de futebol e estatística.

Inúmeros exemplos podem ilustrar o conceito de graus de complexidade: temos o verbo *entrar* que implica no movimento físico de um objeto deslocando-se ao longo de um

caminho com o objetivo de ir para dentro de um contêiner, conforme ilustra os gráficos abaixo.

Objeto → fonte, → Caminho

contêiner = entrar (nível mais alto)

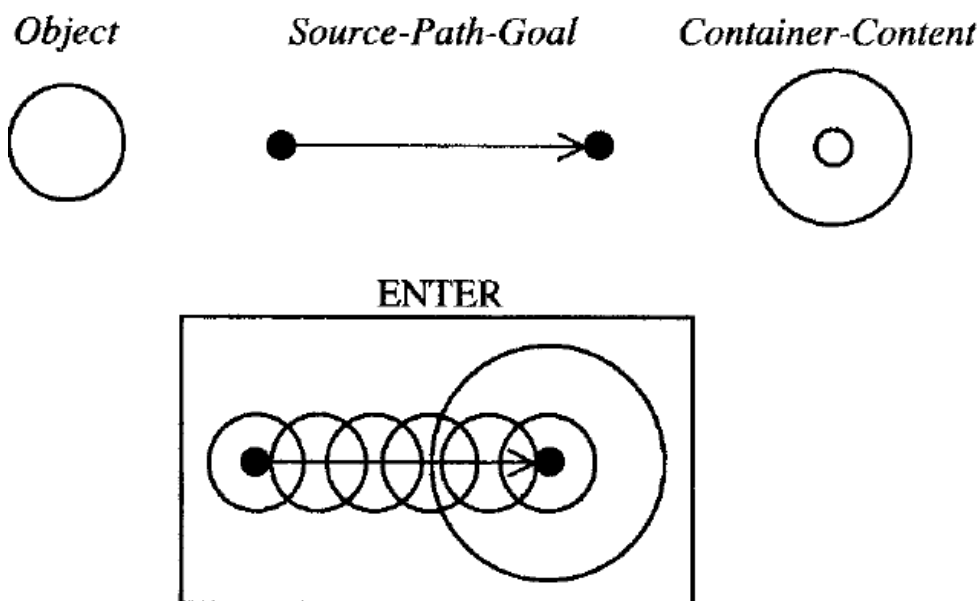


Figura 3 – Langacker (2008).

Assim, o termo *entrar* é evocado para estruturar o conteúdo conceitual de “entrada” (nível mais baixo). Como uma ponte entre as teorias, temos a seguinte passagem de Langacker ao ilustrar a relação de afinidade que há entre os estudos dos diversos autores sobre este tema, destacando que o nível de complexidade pode ser descrito, ou seja, entendido da seguinte forma:

Considere a palavra *sophomore* (equivalente ao décimo ano escola em uma escala até o 12º ano). Entre os elementos que figuram em seu significado estão os domínios básicos de tempo e espaço, bem como níveis mais baixos de conceitos como PESSOA, SABER, ANO, e DOIS, bem como noções de alto nível como APRENDIZADO, ESTUDO, ALUNO E ESCOLA. Certamente, através do significado de *sophomore* – e crucialmente – evoca níveis mais alto de conceptualização do tipo que Fillmore (1982) chama de Frames e Lakoff (1987) refere-se como Modelo Cognitivo Idealizado-... (LANGACKER, 2008 p. 46).

O nível de complexidade é o que Fillmore chama de *Frame*, uma moldura cognitiva e Lakoff de MCI –ICM, *modelo cognitivo idealizado*. Seriam os conteúdos conceituais que servem de base para a negociação do sentido. O termo *Domínio* remete mais

amplamente à noção de conteúdo conceptual, uma vez que as outras duas noções *MCI* e *Frame* não remontam a domínios mais básicos como ocorre no conceito de Domínio Base.

O conjunto de domínios evocados por uma expressão será chamado de *matriz conceptual*. E os múltiplos domínios serão chamados de complexos (the domains of a complex matrix). Assim, para este novo paradigma da linguística, como estes domínios se relacionam e como são mentalmente acessados constituem dimensões importantes para o significado linguístico (LANGACKER, 2008, p. 47).

Dado que os domínios cognitivos podem ser entendidos como um tipo qualquer de concepção ou uma experiência mental, os conceitos (como aconteceu com *MCI* e *FRAMES*) podem ser confundidos com o de *espaços mentais* propostos por Fauconnier.

Mas os domínios cognitivos de Langacker estão mais ligados ao domínio conceptual do que, propriamente, aos entes linguísticos. A teoria dos *espaços mentais* enfatiza a descontinuidade conceptual, isto é, a partição da estrutura conceptual. Por esta via de explicação, percebe-se a abrangência da Gramática Cognitiva em relação às demais “ilhas teóricas”. Domínios cognitivos podem também se relacionar a processos como a teoria da metáfora conceptual, uma vez que usamos estruturas semânticas para ilustrar a relação entre domínio fonte e domínio alvo. Lakoff em sua teoria da metáfora conceptual, afirma que entidades concretas projetam-se sobre entidades abstratas. O resultado deste processo é denominado por ele de *metáfora primária*. O domínio fonte (concreto) se projeta sobre o domínio alvo (abstrato). Um exemplo clássico desta relação é a seguinte metáfora:

Calor é afeto

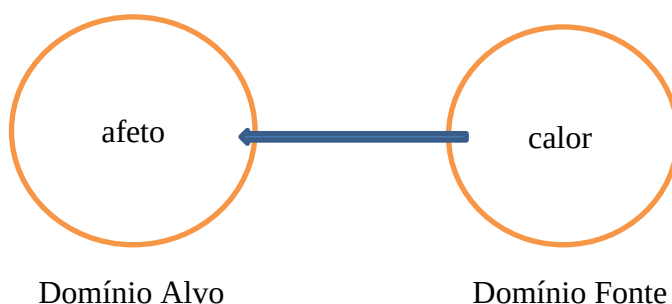


Figura 4 – Langacker (2008).

Entendemos, neste caso, que a concepção de calor (domínio fonte), é algo concreto, um conceito palpável que se projeta sobre um domínio alvo (abstrato) como é a noção de afeto. Desta metáfora, surgem estruturas como: *queimando de paixão, abraço caloroso, o fogo da paixão* e tantas outras. Considerando ainda a relação entre o domínio fonte e domínio alvo, cria-se, na negociação de sentidos, um terceiro elemento chamado de *mesclagem conceptual* (Blending).

Mesclagem conceptual, ou *blending*, é definido como sendo a *mistura* de propriedades, *traços*, mas nem todos eles emergem da relação entre domínios distintos do tipo fonte-alvo, comentado acima. Mesclagem é definido por Langacker, assim: “Os espaços de mescla são formados de outros dois espaços devido ao surgimento de um novo elemento, um híbrido, uma entidade que contém algumas, não todas, propriedades” (LANGACKER, 2008, p. 52).

A mesclagem é alcançada pelos conceitos da Gramática Cognitiva, via noção de domínio cognitivo e as matrizes complexas que são evocadas pelas estruturas caracterizadoras do “blending”. Embora a noção de domínio cognitivo alcance o *blending*, assim como fez com os FRAMES, com o MCI e com os Espaços Mentais, o conceito de mesclagem diverge, uma vez que trata do resultado de um *perfilamento* de um termo sobre outro pelas matrizes complexas que são evocadas.

Sobre a conceptualização, um ponto a ser considerado é não se criar uma dicotomia, que soaria de forma artificial, entre o significado linguístico e a interpretação contextual. Langacker (2008, p. 55) recomenda atenção na interpretação do conteúdo de uma expressão: “O significado de uma expressão não é, apenas, o conteúdo conceptual que a expressão evoca - igualmente importante é como ela pode ser compreendida”.

1.1.3.4 Dimensões Imagéticas

Para uma classificação ampla dos fenômenos da multifacetada *interpretação*, Langacker (2008) propõe categorias como *especificidade*, *foco*, *proeminência* e *perspectiva*. Que devem ser levadas em conta quando se analisa uma interação comunicacional.

1.1.3.4.1 Especificidade

“Uma dimensão da interpretação é o nível de precisão e detalhe no qual a situação é caracterizada” (LANGACKER 2008 p. 55). É desta forma que ele define especificidade, uma expressão que potencializa o grau de precisão de uma situação. Os termos *granulação* e *resolução*, também podem ser usados para descrever o maior ou menor grau de precisão de uma estrutura semântica válida. O grau de especificidade pode ser ilustrado pelo termo temperatura. Podemos falar sobre temperatura variando seu grau de especificidade. Assim podemos referenciar a temperatura através das expressões *mais ou menos 20 graus*, *está precisamente 21 graus*, *está abaixo dos 20 graus* e inúmeras outras construções que definirão o nível de precisão da temperatura.

O outro exemplo de expressão que revela um nível de precisão na relação de parentesco é o termo *primo*. “O contrário de especificidade é esquematicidade”, “The converse of specificity is schematicity” (LANGACKER 2008, p. 55). O termo esquematicidade, *schematicity* deve instanciar o grau de precisão. Deve-se, assim, fazer uma relação analógica entre a especificidade e a classificação taxonômica, do mais abrangente para o menos abrangente. Uma sentença se tornará mais específica, dependendo dos itens lexicais usados, dependendo diretamente da classificação taxonômica a que o termo pertence. Pode-se chegar ao nível de especificidade, assim, com estruturas de qualquer tamanho. A Gramática Cognitiva alerta que ao tornar uma estrutura mais longa, se aumentará, também, seu nível de precisão. Deve-se, contudo, respeitar os limites estruturais que a própria extensão da sentença impõe, pois por mais que a expressão linguística esteja especificada, nem todas as facetas da situação, como um todo, serão contempladas. E o autor alerta:

Nós podemos tornar uma expressão tão específica o quanto queiramos, por isso pode ser de qualquer comprimento. Tornando maior, nós sempre poderemos descrever a situação com maior precisão e com maior detalhe. Há limites práticos, contudo (LANGACKER, 2008 p. 56).

Ainda sobre o nível de especificidade, nossa reflexão nos conduz a render tributos à *esquematização*, uma vez que este conceito desenvolve papel essencial na especificidade. Para compreendermos o papel da esquematização, exemplificamos com o item lexical *carnívoro* que instancia relações relativas à natureza de uma entidade taxonomicamente mais baixa: leão, onça e outros que pertençam a esta categoria. Esquematização serve à função de categorização, capturando e agrupando o que é comum entre os itens do mundo.

1.1.3.4.2 Foco

Segundo Langacker, é através das expressões linguísticas que acessamos as porções particulares de nosso universo conceptual. O foco é a dimensão da compreensão (construal) relacionada à seleção de conteúdos conceptuais para uma apresentação linguística, fundamentada no que pode ser descrito, de forma ampla, como *Background e Foreground*.

Este aspecto do foco pode ser percebido através da visão enciclopédica do significado lexical. Como parte do seu valor convencional, um item lexical provê acesso direto a um conjunto de domínios cognitivos (matrizes), elencando os elementos selecionados como mais centrais, neutralizando os que julgamos mais periféricos. Este tipo de seleção está mais relacionado ao grau de centralidade dos conjuntos dos domínios que se deseja colocar em foco. Foco é, assim, uma questão de grau. Está, também, relacionado ao propósito particular da estrutura. No momento em que manifestamos nossas ideias através de uma estrutura oracional, em geral, o sujeito gramatical está na posição de foco. É dele que falamos. O conteúdo do predicado constitui informação de fundo para o sujeito. O falante seleciona, escolhe o foco e o manifesta na posição de sujeito. Assim, o falante assume um ponto de vista podendo colocar diferentes elementos em foco e realizar *construals* distintas. Vejamos os exemplos a seguir que, embora manifestem a mesma situação objetivada, não são sinônimos e apresentam construções com diferentes sujeitos gramaticais:

- a) O prefeito pavimentou a rua.
- b) A rua foi pavimentada.

Em uma frase, a distribuição da informação em sujeito e predicado reflete também o princípio cognitivo baseado na oposição *figura e fundo*, conceito compartilhado com a Linguística Funcional.

Nosso trabalho está relacionado à compreensão de estruturas que envolvem a força do verbo principal, ou seja, sua transitividade, assunto, amplamente discutido pela Linguística Funcional, em especial por Hopper e Thompson (1980). O estudo do foco, como visto acima, está relacionado à seleção de certos conjunto de domínios cognitivos relevantes para se estabelecer uma comunicação precisa do valor conceptual desejado.

Alinhando à noção de foco, ou seja, *background e foreground* com a noção de *figura e fundo*, (como proposto por Langacker em nosso trabalho), teremos um forte argumento teórico, baseados na Linguística Cognitiva e no Funcionalismo, para comprovar que se fizermos uso desta capacidade seletiva, ao analisarmos estruturas que tenham uma grande quantidade de itens lexicais solicitados pelo verbo, nossa suposição é que esta construção deverá apresentar um alto grau de precisão. E, em consequência, o tempo para se chegar à inferência desejada entre falantes será reduzido.

A Gramática Cognitiva define a compreensão entre *Background/Foreground* análoga à noção de *Figura/Fundo* (conceitos derivados do movimento funcionalista). Assim pode-se criar uma relação sinonímica entre a noção de *Background* e a noção de *Fundo*, ou seja, tanto *Background* como *fundo* são a base do conhecimento que servirá de suporte para a nova *construção*, na outra ponta, a noção de *Foreground* apresenta, de forma análoga, as mesmas características do conceito de *Figura*. Com a finalidade de melhor entendermos a noção de *Background/Foreground* associada a noção de *Figura e Fundo* vejamos os seguintes exemplos: um barulho súbito serve como figura para um fundo de silêncio em que ele ocorreu. Outro exemplo: uma tela estática de computador é o fundo em que o mouse passeia. Nestes dois exemplos poderíamos, sem perda alguma de suas noções teóricas, substituir o termo *FUNDO* por *BACKGROUND* e *FIGURA* por *FOREGROUND*.

Outra manifestação da noção de *foreground e background* é a categorização. Assim, o ato de categorizar repousa sobre o *background* baseado em nossas experiências prévias, enquanto nosso alvo estaria no *foreground*, a consciência de como as estruturas

são observadas e como são acessadas; assim, compreende-se o que o autor nos explica: “*nós podemos dizer que as expressões evocam o conhecimento prévio como a base para seu entendimento*” (LANGACKER, 2008, p. 58). E o autor explica assim:

De modo similar, o domínio fonte de uma metáfora tem um tipo de precedência vis-a-vis ao domínio alvo. Geralmente mais concreto ou mais diretamente ancorado nas experiências corporal, O domínio fonte provê um background conceptual em termos dos quais o domínio alvo é visto e entendido (LANGACKER, 2008, p. 58).

Sob este prisma, pode-se perceber que o conceito de *domínio fonte* presta-se à compreensão de domínio (background) e do domínio alvo (*foreground*) depreendidos a partir do domínio fonte. Porém, a junção dos domínios fonte e alvo servem como background para se chegar a uma nova significação, o *blending*, mesclagem que seria o *foreground* da estrutura simbólica. E o autor, em pauta justifica assim: “A mesclagem (*blending*) não apenas herda características selecionadas dos domínios fonte e alvo, mas é também o *foreground* no sentido de ser mais linguisticamente relacionado” (LANGACKER, 2008, p. 58).

Background e *foreground* têm inúmeras manifestações dentro do discurso. Fazendo analogia com um filme, a descrição estática de personagens e situações sevem de background para o desenrolar, *foreground*, da história. O alvo colocado em destaque seria o *foreground* das estruturas gramaticais. Langacker exemplifica, assim, com a estrutura simbólica complexa *lipstickmaker* a noção de *background* e *foreground*:

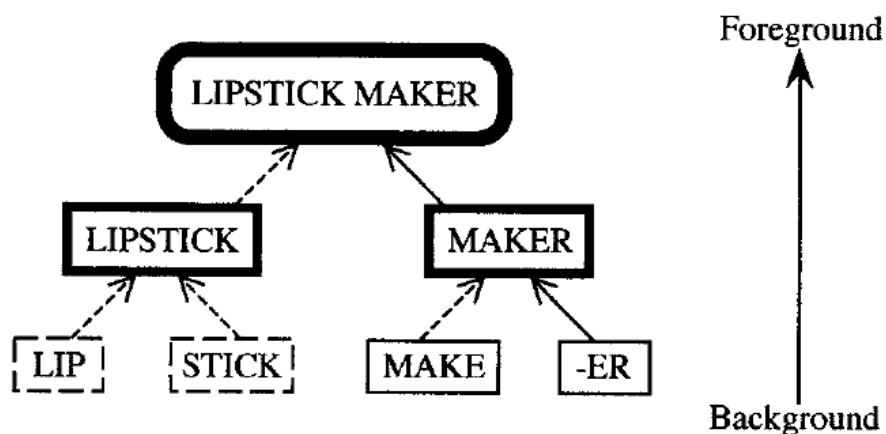


Figura 5 – Langacker (2008).

A Gramática Cognitiva alinha suas concepções ao modo funcionalista de proceder às análises linguísticas; assim, de forma pacífica, a noção do foco, *background/foreground*, também se ajusta à noção de informação *dada e nova* advinda das análises da Linguística Funcional. Nesta perspectiva, as informações *novas* funcionam como o *foreground* das estruturas e as informações que evocarem um conhecimento prévio serão equiparados à noção de *background* ou informação *dada*, em estrutura do tipo:

- a) Pedro será um bom jogador de vôlei, *eu acho*.
- b) Pedro será, *creio*, um bom jogado de vôlei.
- c) Eu, definitivamente, antecipo que Pedro será uma bom jogador de vôlei.
- d) Fábio afirma que Pedro será um bom jogador de vôlei.

As informações são construídas com base em conhecimentos prévios denominados por Langacker de **current discourse space** (CDS). O CDS é um espaço mental que compreende tudo que se presume ser compartilhado pelo falante e ouvinte, como base para o discurso em um dado momento (LANGACKER, 2008, p. 59).

Todo conteúdo de uma sentença é modelado sobre uma plataforma chamada de **estrutura informacional**; os CDS comprimem toda a informação necessária para o ato comunicacional e pode ser entendida no modelo de Hopper e Thompson, (1980) como informação *dada e nova*. Abaixo seguem os exemplos baseados em Langacker:

- a) A: Guilherme será um bom jogador de vôlei?
- b) B: Ele não será.
- c) C: Mas Pablo será.

Assim, o segmento do exemplo acima *será um bom jogador* é informação nova emitida por “A”. “B”, por outro lado, percebe a mesma informação como dada (informação antiga) e passa a considerá-la como tal, fazendo referência à informação *dada* de forma elíptica, implícita e emite a informação negativa, “não” como *nova*. “C” considera as informações emitidas por “A” e “B” como *dadas*, as usa de forma implícita e emite nova informação, neste caso, introduzida pelo termo “mas”. Assim os CDS serão sempre

atualizados dentro da estrutura informacional pelas novas sentenças desde que elas sejam colocadas em *foco*.

1.1.3.4.3 Proeminência

As línguas exibem uma grande quantidade de assimetrias que podem ser, de forma racional, consideradas como questões de proeminência, explica a Gramática das Construções e ainda: os itens lexicais, proeminência e saliência podem ser usados um pelo outro. Proeminência está relacionada à dimensão da estrutura simbólica e seu conteúdo conceptual selecionado, o *foco*, o *foreground* desta estrutura, em oposição à dimensão que não foi selecionada. Dentro das categorias, os termos mais prototípicos são os mais proeminentes, neste caso os mais salientes. A Gramática Cognitiva organiza a proeminência em torno de dois aspectos que são o *perfilamento* e o *alinhamento* entre *trajetor* e *marco*; este de relevância para nosso trabalho.

Antes de entendermos o conceito de perfilamento, temos que compreender o conceito de base. A base é composta por um escopo máximo (cf. LANGACKER 2008), entendido de forma que este escopo alcance suas matrizes na totalidade, um escopo imediato que seleciona apenas o “corpo” que se deseja ressaltar dentro de um domínio cognitivo. A porção, então, colocada em foco, *onstage*, será aquela que se deve entender como perfilamento, a porção do conteúdo conceptual colocada em um foco específico, o *foreground* da estrutura simbólica. O foco em evidência numa determinada região será, assim, seu perfil.

O diagrama abaixo ilustra tal noção:

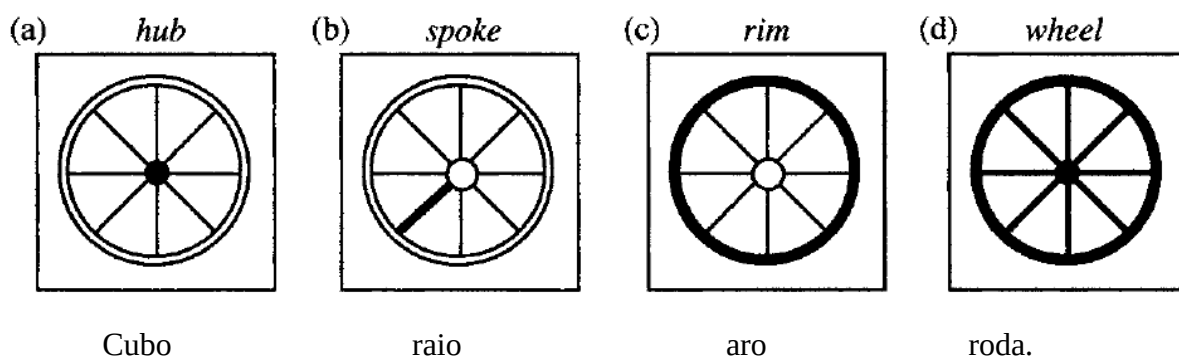


Figura 6 – Langacker (2008).

Em cada exemplo, temos uma região da figura em evidência que corresponde ao cubo, ao raio, ao aro e a roda. Nos quatro casos, a figura é a mesma, porém subestruturas

são derivadas com o intuito de ligar a atenção do conceptualizador à região desejada. Assim um mesmo conteúdo conceptual pode, dependendo da região que se quer chamar a atenção, originar várias subestruturas, como é o caso acima.

Outra faceta do perfilamento é o fenômeno conhecido como metonímia. Este fenômeno é conhecido, em especial, pela troca de foco, ou seja, pela seleção de aspectos que se deseja colocar em saliência. As frases abaixo ilustram este fenômeno:

- a) A dona de casa comprou “omo” para lavar as roupas.
- b) Esta panela só será limpa se for com “bombril”.

Percebe-se que em “a” a marca de sabão em pó foi usada não para realçar a marca, mas como o objetivo de destacar as características relativas àquele tipo de sabão. O mesmo aconteceu na sentença “b” que se entende que não é a marca que limpará a panela, mas, sim, a esponja de aço de qualquer marca.

Um dos aspectos que iremos analisar, em nosso trabalho, é a aparente polissemia dos verbos *dicendi*. Como visto anteriormente, um mesmo conteúdo conceptual pode originar várias subestruturas. No caso dos verbos *dicendi say, tell, talk e speak*, alunos na condição de aprendizes deste idioma parecem usar os verbos indistintamente e uma das possíveis explicações seria a similaridade do conteúdo conceptual; nossa suposição é que o equivoco seja quebrado ao se satisfazer a exigência do verbo principal, oferecendo-lhe seu argumento correto, de forma a aumentar a especificidade, atingindo o foco, a proeminência e o alinhamento entre Trajetor e Marco em relação ao que se deseja comunicar.

O conceito de Trajetor e Marco são importantes, também, para os resultados de nossa pesquisa. De acordo com a Gramática Cognitiva, quando uma relação é perfilada, vários graus de proeminência advêm desta relação. Ao grau com maior nível de saliência é chamado de Trajetor, ou seja, a expressão que comporta o foco primário. O foco primário ou Trajetor (Tr) é caracterizado pelas entidades que denotem localização, avaliação ou descrição. Aos outros participantes da relação, são chamados de foco secundário ou marco (Lm). Deste conceito, depreendemos que uma expressão pode ser instanciada pelo mesmo conteúdo conceptual, divergir, contudo, em significado, devido ao alinhamento entre o Tr e o Lm.

Em seus postulados Langacker exemplifica esta relação com os itens lexicais *abaixo* e *acima*. Estas entidades denotam localização espacial. O conteúdo conceptual

expressa a mesma relação, mas a relação Tr/Lm permite que as entendamos de forma diferenciada. A relação entre o foco primário e o foco secundário, Trajetor e Marco, respectivamente, determina qual entidade está em proeminência.

Eis a figura:

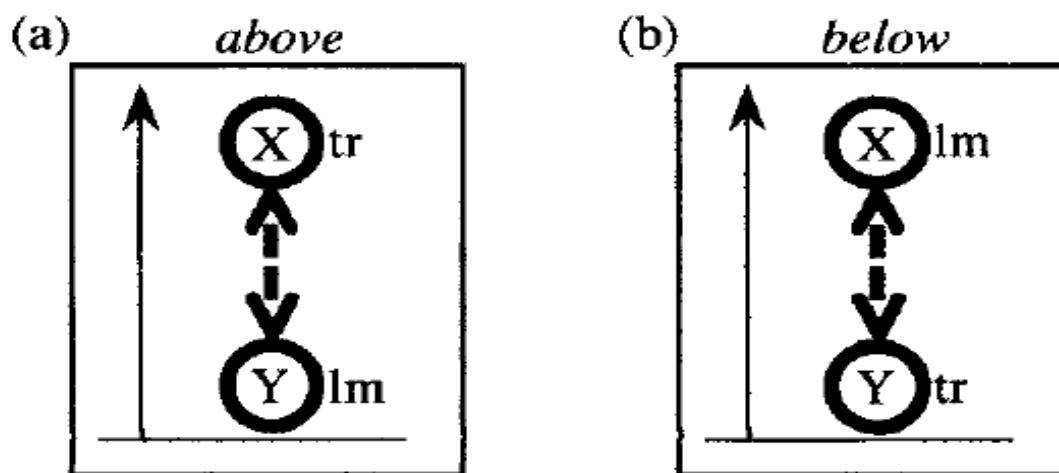


Figura 7 – Langacker (2008).

- a) O Avião voou abaixo das nuvens
- b) As nuvens estão acima do avião.

Os exemplos acima ilustram, com clareza, a relação espacial. Langacker, contudo, adverte que o alinhamento entre Tr/Lm não instancia apenas relações desta natureza. O alinhamento entre Trajetor e Marco pode ser percebido nas relações temporais. As preposições *antes* e *depois* servem como modelo para clarear estas explicações.

- a. O avião partiu depois que eu cheguei ao aeroporto.
- d. Eu cheguei ao aeroporto antes que o avião tivesse partido.

Depreende-se dos exemplos acima que o contexto e o foco primário determinam o uso específico da preposição desejada e que, neste caso, a relação criada é a de tempo, *antes* e *depois*.

Vejamos a figura:

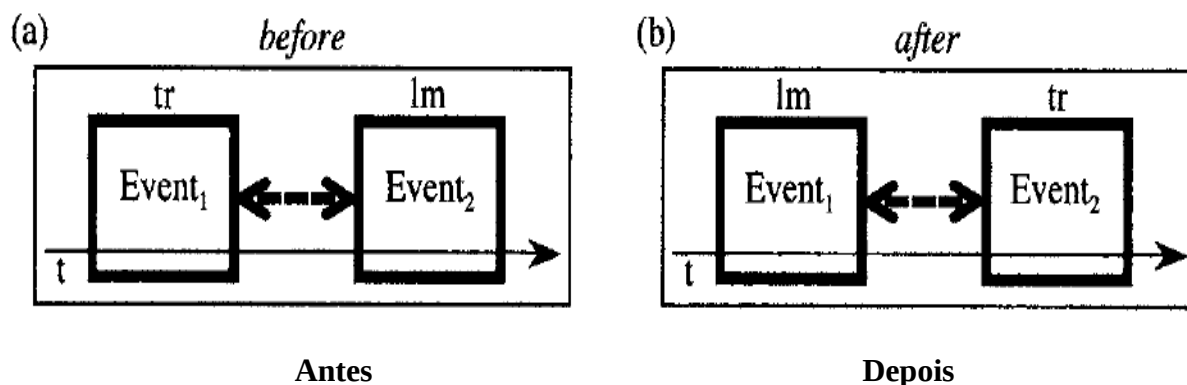


Figura 8 – Langacker (2008).

Ainda sobre alinhamento entre Trajetor e Marco, Langacker chama a atenção para o fato de que uma entidade linguística não terá seu valor semântico fixado, um papel gramatical determinado. Assim, um grupo nominal poderá, em certo contexto, exercer a função de sujeito e, em outro, a de objeto da oração, não na mesma estrutura: “Em suma, cada estrutura em um conjunto simbólico faz suas próprias atribuições de foco, portanto, uma entidade focada em uma estrutura não precisa ter saliência comparável em outro” (LANGACKER, 2008. p. 73).

1.1.3.4.4. Perspectiva

Na proposta teórica da Gramática Cognitiva, a perspectiva é vista como a montagem da cena de conceptualização; esta montagem da cena é como os observadores (conceptualizadores) entendem o significado linguístico de uma determinada expressão. Cada conceptualizador assume seu ponto de observação e este ponto é denominado de ponto de vantagem, *vantage point*, tal como Langacker (2008) advoga: “A perspectiva adotada para a conceptualização de uma cena é tecnicamente denominada de ponto de vantagem...” (LANGACKER, 2008, p. 73).

Langacker (2008) chama a atenção para a sutileza que existe entre o *ponto de vantagem* e a compreensão do conhecimento. A Gramática Cognitiva assevera que a compreensão do conhecimento deve ser compreendida como Subjetiva e Objetiva. Uma melhor forma de se apresentar estes conceitos é através da percepção visual. Em suas explicações, o autor evoca a metáfora da peça de teatro para mostrar a assimetria existente entre o conceptualizador na posição de espectador e a cena assistida. Compreendemos, então que o conceptualizador é a porção que se encontra na *cena fora do palco* (offstage)

constituindo-se assim, no *sujeito* da percepção. O que está sendo visto, no caso a cena, será o *objeto* da percepção *no palco* (onstage).

A subjetividade e a objetividade não dizem respeito ao papel canônico de sujeito e objeto na oração e nem estão relacionados ao conceito de alinhamento entre Trajetor e Marco que coloca um dos elementos em proeminência. Os termos *frente* e *atrás* ilustram a relação sobre o ponto de vantagem e descrição da cena.

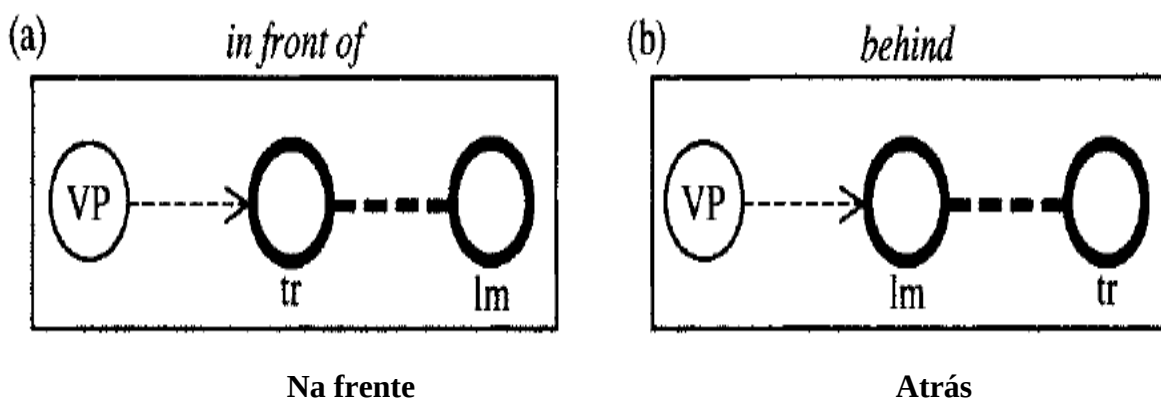


Figura 9 – Langacker (2008).

Outro aspecto da perspectivação que nos ajuda a entender a conceptualização é o *terreno* que instancia as circunstâncias em que o ato de fala ocorre. O ground não é comparado aos canônicos advérbios, mas como os participantes da interação comunicativa, bem como os marcadores de tempo verbal: passado, presente e futuro. Ground, assim, é a porção que não é nem a subjetividade, nem a objetividade; são as circunstâncias que se criam quando se está em pleno uso do ato de fala. É uma plataforma para a compreensão que o contexto exige. O *terreno* entra no significado de toda expressão.

1.1.3.5 Classes gramaticais

Langacker reitera a dificuldade de estabelecer a diferença entre os itens lexicais que compõem uma língua. A priori, a dificuldade é de se formular uma definição que englobe todos os elementos de uma classe. Nos padrões atuais, as definições gramaticais seriam insuficientes para contemplar todos os itens lexicais de uma categoria de forma unânime. Tais questionamentos colocam o gerativismo, à prova, uma vez que, por definição, englobam todos os itens semânticos em uma mesma categoria. A Gramática

Cognitiva alega que nestas definições não se leva em consideração os aspectos cognitivos. De acordo com Langacker, os termos *explosão* e *explodir* podem denotar o mesmo evento, a mesma ação, se analisados de acordo com a doutrina padrão. Percebe-se que isto não ocorre, pois quando levamos em consideração os aspectos cognitivos, categorizamos os dois eventos como pertencentes a diferentes classes gramaticais, exaltando a fragilidade das definições em voga nos dias atuais. A Gramática Cognitiva, assim, define que substantivo é a classe de palavras que dá nome as coisas, e para este autor, a definição de *coisa* é altamente abstrata. Ela agrupa pessoas e coisas como casos especiais e não se limita a entidades físicas (LANGACKER, 2008, p. 93).

Os verbos, por outro lado, serão instanciados por processos que se desenrolam ao longo do tempo. As explicações, segundo Langacker, para tais afirmações é que a categorização é mais esquemática, relacional, do que prototípica.

Como exemplo da dificuldade de categorização a priori, o autor cita a palavra BAT que pode significar tanto o substantivo “taco de baseball” como o verbo “To bat”, explicando que só poderemos diferenciar o substantivo do verbo, ao estabelecermos a que domínio cognitivo ele pertence. A seguir, temos as sentenças usadas por Langacker para exemplificar esta relação:

- a. He uses a heavy bat (Ele usa um taco pesado)
- b. It's your turn to bat (É sua vez de rebater)

Como suporte para a afirmação de que a definição padrão não engloba com acurácia os itens lexicais de uma categoria, conforme exemplificado acima, Langacker propõe o uso do termo *entidade* para descrever um conteúdo estrutural. Assim, a verdadeira categorização, nos moldes da Gramática Cognitiva, só poderá ocorrer após o devido tratamento cognitivo do conteúdo conceptual. Por isso, ele sugere o termo *entidade* que é mais geral e engloba com maior precisão os itens linguísticos. Langacker define substantivo como o nome das coisas, mas, ratifica que o termo *coisa* deve ser entendido como sendo abstrato (qualquer produto de conteúdo reificado, coisificado). Afirma, ainda, que a definição de uma classe gramatical deve atender a todos os elementos categorizados cognitivamente sem que privilégio seja dado a itens prototípicos de uma categoria, como é o caso da definição padrão que define substantivo como sendo o nome das coisas e entendendo coisas como objetos físicos do mundo. E vai mais além quando afirma que

mais importante que classificar itens lexicais é reconhecer, se cognitivamente estes itens instanciam processos ou não processos para que se possa com clareza, determinar a que categoria gramatical a que categoria gramatical as entidades pertencem. Assim o termo entidade supre tanto o conceito de substantivo, não processo, quanto o de verbo, processo.

Process = complex

Nonprocess =simplex

Com estes conceitos, o autor explica que as relações não processuais instanciam as categorias atemporais: adjetivo, advérbio, preposição e particípio. Como a Gramática Cognitiva não tem um termo determinado para estas classes de palavras, Langacker refere-se a elas apenas como sendo *atemporais* e *não processuais*. Enquanto as entidades temporais instanciam processos e relações de tempo: **os verbos**.

Substantivos são instanciados pela noção prototípica de espaço, enquanto os verbos são sempre instanciados pela noção de tempo com a explicação de que verbos e substantivos são categorias opostas e nos oferece, segundo sua visão, as características que perfazem o arquétipo do substantivo. Ei-las:

1. Um objeto físico é composto de substância material.
2. Nós concebemos um objeto como residindo principalmente no espaço, onde é limitada e tem a sua própria localização.
3. Com o tempo, por outro lado, um objeto pode persistir indefinidamente, e é não pensado como tendo qualquer local específico neste domínio.
4. Um objeto é *conceitualmente autônomo*, uma vez que podemos conceituá-lo independentemente da sua participação em qualquer evento.

Por outro lado, é assim que é definido o arquétipo para verbo.

1. Uma interação energética não é propriamente material, harmonizando-se, em vez de trocar e transferir energia.
2. Um evento reside primariamente no tempo; é temporariamente limitado e tem sua própria localização temporal.

3. Por contraste, a localização do evento no espaço é mais difusa e derivativa, enquanto dependente da localização de seus participantes.
4. Isto se deve por que um evento é conceitualmente dependente; ele não pode ser conceptualizado sem conceptualizar os participantes; eles interagem para constitui-lo.

A seguir temos um diagrama retirado de Ferrari (2011) que ilustra esta ideia:

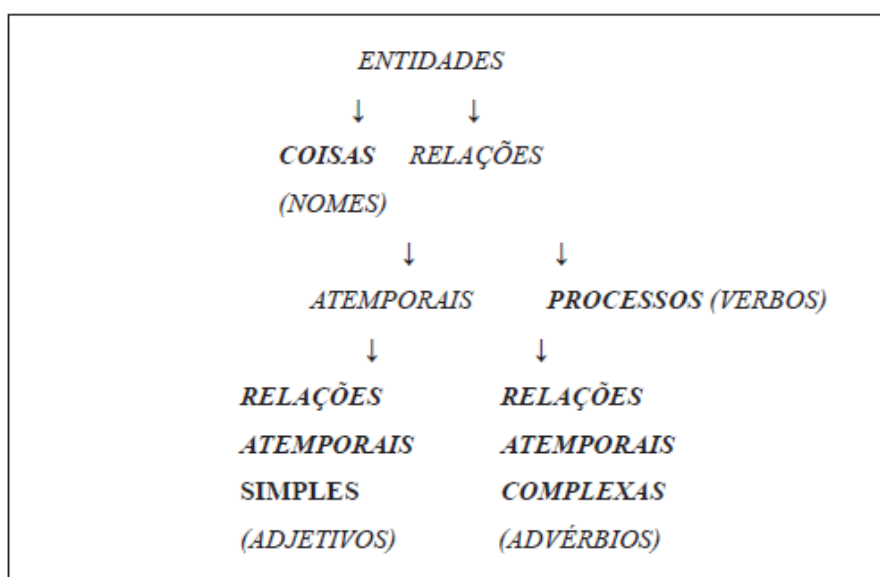


Figura 10 (Ferrari – Proposta da Gramática Cognitiva para análise das classes de palavras).

A partir destas características, percebe-se que é inerente aos substantivos instanciar espaço. Langacker, refletindo sobre esta categoria, aponta para nossa capacidade cognitiva de agrupamento de objetos semelhantes, bem como nossa capacidade de reificação (coisificação). Refere-se ele, a estas habilidades como *contiguidade e similaridade* respectivamente. Assim, as relações que coisificam entidades físicas e não físicas podem ser classificadas como substantivo. A explicação é que a noção esquemática que elas instanciam, baseadas na nossa capacidade cognitiva de *contiguidade e similaridade*, determinam que tais elementos pertençam a uma mesma classe gramatical, neste caso o substantivo. O problema que Langacker chama atenção, no entanto, seria como classificar entidades que são tipicamente não físicas; para solucionar este problema, a teoria dos protótipos é evocada para atender à explicação necessária à afirmação de que os substantivos devem ser agrupados por *contiguidade e similaridade*, desde que sejam

entendidos tais conceitos derivados das noções de *esquema e protótipo*, processo que assevera o englobamento das entidades pertencentes a esta classe.

Quanto ao verbo, entidade que instancia o tempo, Langacker afirma que a capacidade cognitiva de apreender relacionamentos e rastreá-los através do tempo é o que nos permite entender **verbo**. Assim, nossa capacidade cognitiva de *contiguidade e de similaridade*, após certo tempo, nos induz a perceber características espaciais, geométricas, e sonoras, de altura de tom o que tornam a noção de verbo mais precisa.

Para ilustrar a relação tempo e espaço em favor do verbo, Langacker mostra o exemplo de uma bolinha descendo um declive. Em cada momento a bolinha ocupa certo lugar no espaço, mas nossa habilidade cognitiva de perceber seu deslocamento através do tempo é que nos permite categorizar tais eventos como sendo relações complexas, ou seja, um conjunto de relações *simplex* estanques que se desenvolvem ao longo do tempo. Eis mais explicações do autor:

O substantivo e verbo prototípicos- objetos físicos e interação energética- são maximamente distinto em relação ao arquétipo da bola de bilhar. Uma olhada na figura revela que o esquema para o substantivo e o verbo são polos opostos. Estes esquemas são baseados em habilidades cognitivas diferentes (agrupamento e reificação vs. apreensão (compreensão) seguir (manter) relacionamentos). Eles contrastam na natureza de seus perfis (coisa vs. relacionamento), grau de elaboração (simplex e complexo), e modo de escaneamento (resumo vs. sequenciado) (LANGACKER, 2008, p. 102).

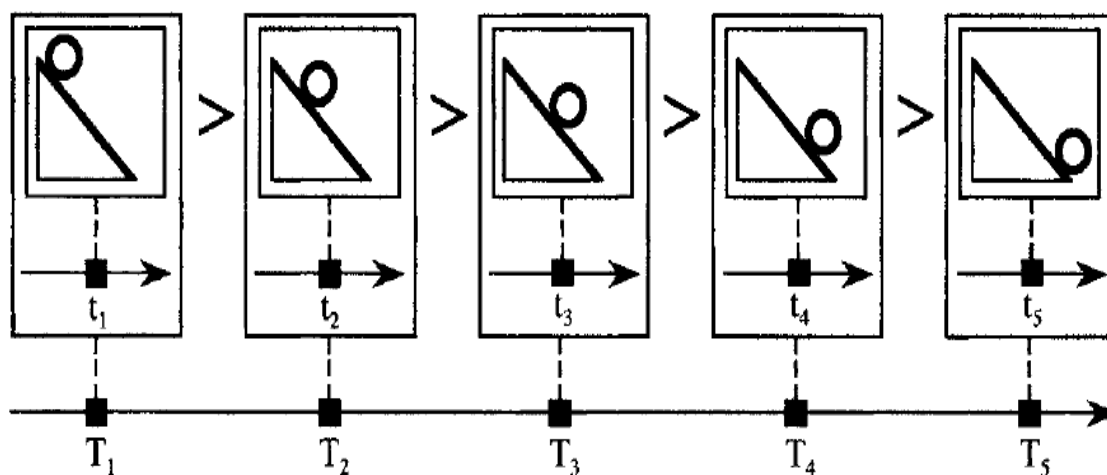


Figura 11 – Langacker (2008).

Nenhum esquema classificatório, para Langacker, faz as distinções necessárias que capturem todas as similaridades entre os itens linguísticos.

Para as classes de palavras que instanciam algo que não seja nem processo, nem *coisa*, ele não vê necessidade de se fazer uma classificação tal como ocorre com as teorias tradicionais. Estes itens enquadram-se nas noções intimamente ligadas à noção de *Trajetor* e *Marco*.

Langacker limita as classes de palavras em universais e fundamentais. Para ele, não há necessidade de se preocupar com esta tarefa, uma vez que léxico e gramática fazem parte de um contínuo linguístico. As categorias terão maior nível de precisão se analisadas dentro da sentença.

2 A TRANSITIVIDADE: DA VISÃO LINGUÍSTICA TRADICIONAL À LINGUÍSTICA FUNCIONAL .

2.1 A VISÃO TRADICIONAL

Como fazer para introduzir um tema que gera inúmeros questionamentos em aprendizes, tanto de língua materna, quanto de língua estrangeira? E, se o assunto for transitividade (relação entre verbo e argumento), o caos está instalado. Este caos parece ocorrer por conta da prática na escola (não entraremos nesta discussão e nem proporemos revisão em práticas pedagógicas, mas entendo que o assunto merece discussão atenta) ao ensinar gramática sob o olhar tradicional, isto é, guiado pela NGB.

Numa visão compacta, dicionarizada (Dicionário de Linguística), os autores dizem que transitividade é a propriedade de um verbo transitivo, isto é, de um verbo seguido de um sintagma nominal complemento de objeto não precedido de preposição. Apresentam em seguida, explicitamente, sua estrutura: Verbos transitivos “são aqueles que na estrutura do sintagma verbal implicam a presença de um sintagma nominal complemento”. Por esta explicação, podemos visualizar o seguinte esquema:

$$SV = \text{Aux.} + V + SN$$

O verbo *atropelar* representa a categoria de verbos transitivos, manifestado na seguinte oração:

O carro atropela o transeunte.

Neste caso, transeunte é o sintagma nominal complemento; os autores lembram que tradicionalmente, são denominados de complemento objeto direto.

Para reforçar a importância da presença do SN, explicam: “Pode-se dizer, também, de outra forma, que todo e qualquer verbo é um verbo transitivo no contexto de um sintagma nominal complemento”.

Bem interessante, neste raciocínio, é o entendimento apresentado para alguns verbos que oscilam, tradicionalmente, entre as categorias transitividade-intransitividade: “Os sintagmas nominais complementos dos verbos transitivos podem ser anulados; *Pedro come alguma coisa – Pedro come*”.

O verbo *comer* nas duas frases é transitivo. Nesta visão, só são transitivos os verbos que vêm seguidos por um sintagma nominal claro (*Pedro come alguma coisa*) ou oculto (*Pedro come*). “Os outros verbos que não comportem um sintagma nominal na estrutura do sintagma verbal são intransitivos (Pedro morreu) ou como os que comportem um sintagma preposicionado, isto é, um sintagma nominal precedido de uma preposição” (DUBOIS et ali, p. 599).

Esta caracterização do sintagma verbal acompanhado de sintagma nominal, claro ou oculto, nos remete para o estudo efetuado por L. Tesnière sobre as pessoas do verbo; ele “opõe entre as pessoas do verbo o anotivo (que se refere aos seres ou coisas ausentes do ato de comunicação) e o ontivo, que se refere às pessoas e aos seres presentes” (p. 446). Há mais detalhes sobre este posicionamento possível de reflexão em outra ocasião.

Mattoso Câmara (Dicionário de filologia e gramática) oferece duas perspectivas sentido estrito e sentido lato) de conceito fundamentado na origem latina do termo transitividade. Em sentido estrito, assegura a necessidade de um complemento do tipo objeto direto para complementar a predicação. Lembra que em línguas de sistemas de casos, como o latim, este complemento indispensável é expresso pelo acusativo. “O nome de transitivos, dados a tais verbos em latim, decorreu da sua possibilidade de poderem passar (lat. *transire*) em latim, para a voz passiva, numa *transformação* (v.) em que o objeto é feito sujeito paciente (v.), no caso nominativo” (p. 377). E conclui com esta afirmativa: “Os intransitivos não admitem essa transformação”.

Percebe-se, então que o predicado verbal cujo complemento dito tradicionalmente objeto indireto não faz parte deste grupo de verbos, no sentido restrito.

Mas, em sentido mais amplo, Mattoso explica que “a transitividade é sinônimo de predicação incompleta, aplicando-se quer aos verbos objeto direto (transitivos diretos), quer aos de objeto indireto (transitivos indiretos)”. No entanto, ele aconselha ser conveniente manter o conceito estrito de transitividade.

Em geral, os gramáticos abordam a questão da transitividade verbal do ponto de vista semântico, ao tratar a ação referenciada pelo item lexical denominado *verbo*, necessitando de complemento significativo na comunicação. Os verbos de nossa língua, quanto à predicação, são classificados, assim:

- a. **verbo transitivo direto:** o verbo é transitivo quando vem acompanhado de complemento; a ação é direcionada para um determinado alvo; a ação transita, portanto (Ex. *A jovem colheu as rosas*). Se o complemento não vem,

obrigatoriamente, antecedido de preposição, temos um típico exemplo de verbo transitivo direto. Os gramáticos recomendam que uma maneira de reconhecê-lo é transformar a estrutura ativa em que o sujeito é agente da ação, em estrutura passiva em que ele passa a ser paciente (*O menino leu o livro* | *O livro foi lido pelo menino*). Este recurso, garantem os especialistas no assunto, serve para reconhecer o VTD, mesmo quando o verbo detém predicções diferentes (Ex.: *Amo a Deus* | *Deus é amado por mim*).

- b. verbo transitivo indireto:** observa-se que alguns tipos de verbos vêm acompanhados de complementos precedidos, obrigatoriamente, de preposição. A este complemento chama-se, tradicionalmente, de objeto indireto (Ex.: *Necessitamos de sua colaboração*). A presença deste tipo de complemento verbal caracteriza o verbo transitivo indireto.
- c. verbo transitivo direto e transitivo indireto:** há, ainda, verbos que vêm acompanhados de dois complementos; um deles, obrigatoriamente está precedido de preposição, o outro, não (Ex.: *Demos o recado ao porteiro*).
- d. Verbo intransitivo:** este tipo de verbo não necessita de complemento. A respeito dos verbos que integram esta categoria, trouxemos a explicação de Cunha & Lindley (2008) ao afirmar que “expressam uma ideia completa”(Ex.: *O menino estuda*). Neste processo não ocorre transitividade; a ação começa e termina no sujeito.

Constatamos que gramáticos tais como Cunha, Celso & Cintra, Cegalla, Domingos Paschoal, Bechara, Rocha Lima e outros não apresentam divergências na abordagem deste tema, como também percebe-se preocupação didática na organização do assunto de forma a proporcionar ao leitor o máximo de entendimento sobre o processo de transitividade que envolve o verbo em nossa língua.

2.2 A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE SUJEITO E PREDICADO

Com a intenção de entendermos a relação que existe entre o verbo e seus argumentos, voltaremos nossa atenção, neste momento, para os ensinamentos de Rodolfo Ilary e Geraldi no que tange à relação existente entre sujeito e predicado; Ele propõe

examinar as três respostas mais importantes para a pergunta, *qual é a relação entre o sujeito e o predicado?*

Em Ilare e Geraldi, a primeira lição vem da lógica formal da gramática de Port-Royal que postula serem “as palavras serem ‘sons distintos e articulados de que os homens fizeram sinais para indicar o que se passa em seu espírito’” (ILARI e GERALDI, p. 10). Não se pode esquecer que a lógica formal e a gramática de Port-Royal “cuidam, sob ângulos diferentes, da mesma atividade, a de pensar” (Ilari e Geraldi, p. 10), por este motivo uma maior atenção é destinada à três classes de palavras *nome, verbo e conjunção*. Estas seriam tomadas como instrumentos das três operações lógicas fundamentais, conforme aponta Ilari e Geraldi. As operações lógicas seriam a de conceber ideias, formular juízo e encadear juízo em raciocínio. Para Ilare e Geraldi, interessados em compreender como a lógica clássica entendia a relação sujeito/ predicado, a operação lógica que consideraram era a formulação de Juízo. Assim, estabelecer juízo é conectar sujeito a predicado (atributo - os autores chamam atenção para a terminologia da época.), isto é, construir oração.

Port - Royal reconhece que as orações são muito diferentes entre si, elegem, contudo, um tipo de oração que exibem com mais clareza a estrutura dos juízos, são as estruturas de predicado nominal. Como nos exemplos:

1. Jan é doutor.

Para os estudiosos de Port-Royal, cada item gramatical representa um elemento distinto na estrutura abstrata do raciocínio. Assim o termo “Jan” e “Doutor” representam ideias concebidas em princípio de maneira independente e, que o verbo ser (é) indica que há entre ambos termos uma relação de compatibilidade, que convém (termo cercado de mistérios, de acordo com Ilare e Geraldi.). Todo juízo comportaria, de forma análoga, este tipo de estrutura, embora, algumas vezes, por variados motivos humanos, esta estrutura seja ocultada como no caso de:

2. Pedro joga.

Para os estudiosos de Port-Royal esta sentença seria analisada em três partes.

a. Pedro é Jogador.

Da mesma forma seria analisada:

3. É corintiano

Lê-se, então,

Jan é corintiano

A gramática em questão também trata dos chamados verbos *impuros* que seriam os verbos de sentido pleno, os verbos intransitivos. Para esta gramática, então o verbo que atendia com propriedade as necessidades de se expressar juízo seria o verbos *ser*. De acordo, então, com Ilari e Geraldi, o modelo lógico e a gramática de Port- Royal seria a primeira das três respostas a pergunta citada.

Frege inseria em suas análises os aspectos semânticos, para este autor “... as orações têm uma estrutura semântica própria, em grande parte autônoma com respeito à estrutura gramatical”(ILARI e GERALDI, p. 15). As reflexões de Gottlob Frege dizem respeito, assim, a estrutura semântica e não as estruturas gramaticais, conforme afirmam Ilari e Geraldi.

A novidade na forma de análise de Frege é que as estruturas apesar de terem os mesmos elementos linguísticos, e desta forma apresentarem a mesma estrutura gramatical, semanticamente estas estruturas são diferentes, em especial se tomadas como parte de estruturas maiores, afirma os autores.

Abaixo seguem os exemplos retirados dos autores em questão:

- a. Pedro perde a mala
- b. Qualquer passageiro da Varig perde a mala.

Gramaticalmente as estruturas detêm os mesmos elementos gramaticais e vale a relação sujeito e predicado, apesar do sujeito agentivo de “a” ser simples e o de “b” ser composto. A novidade trazida por Frege mostra-se quando tomamos as mesmas frases como parte de uma frase maior do tipo, “*se..., a varig o indeniza*”:

- c. Se Pedro perder a mala, a varig o indeniza. = a
- d. Se qualquer passageiro da varig perder a mala, a varig o indeniza. =b

Por contra do uso do pronome usado nas estruturas, na análise de Frege, “c” será igual “a”, mas “b” será diferentes de “d”, vejamos:

- e. Se Pedro perder a mala, a varig indeniza Pedro. (igual “a” e “c”)
- f. Se qualquer passageiro da varig perder a mala, a varig indeniza qualquer passageiro da varig. (diferente de “b” e “d”)

Ilari e Geraldi chamam atenção que para se entender estruturas que contenham expressões como *qualquer* (todos, algum, nenhum e outras) é necessário imaginar que algumas posições na oração podem sofrer variação. E estas variações ocorrem nos sintagmas nominais que acompanham o verbo, sem privilégio para esta ou aquela posição. Os autores afirmam que se pode visualizar a estrutura da oração como contendo uma expressão de caráter predicativo, conforme eles exemplificam:

- g. Nove fica entre nove e onze
- h. José é pai de Carlos.
- i. Cícero é romano.

Ilari e Geraldi explicam que em Frege a coesão resulta do fato que ela contém uma expressão que por ser incompleta necessita de seu preenchimento por nomes de pessoas ou objetos conforme se pode visualizar nos exemplos acima. Frege reporta-se a estes termos como sendo *predicados*. Os predicados tem a forma de oração e podem, na tradição fregeana, apresentar-se nas seguintes posições. Exemplos de Ilari e Geraldi:

- j. Quinze é maior que doze.
- k. ... é maior que doze
- l. Quinze é maior que ...
- m. ... é maior que ...
- .

Assim, neste estudo uma construção se dá como o preenchimento dos espaços presentes antes ou posterior ao *predicado*, não esquecendo que o termo predicado na tradição fregeana difere da noção de predicado da gramática tradicional. Este aspecto é de fundamental importância para nosso trabalho uma vez que reconhece os espaços, antes e depois do predicado como argumento para se montar uma construção com sentido completo. Nesta abordagem não existe privilégio para esta, ou aquela classe de verbo o aspecto levado em conta é o semântico.

Este capítulo destina-se a estabelecer a relação entre sujeito e predicado com objetivo de entendermos com maior precisão como a literatura vem tratando a questão da

transitividade (relação entre sujeito e predicado - neste caso o predicado gramatical e não o predicado de Frege).

Uma terceira posição para a pergunta em questão (O que significa ligar o sujeito ao predicado?) é apresentada pelos autores Ilari e Geraldi tomando como base a gramática dos casos de Charles Fillmore “... cujas motivações e cujos arcabouços conceptuais são bastante complexos.” (ILARI e GERALDI p. 22).

Na sequencia de frases a seguir, os autores, Tesnière, Fillmore e Halliday são unânimes, cada um em sua perspectiva, em afirma que existe entre estas estruturas uma relação entre si dado que, do ponto de vista semântico, para cada argumento há papel definido. Vejamos:

- n. Ontem, Pedro abriu a porta com esta chave.
- o. Ontem, a chave abriu a porta.
- p. Ontem, a porta abriu.
- q. Ontem, a porta abriu-se.
- r. Ontem, a porta abriu com esta chave.

A análise sugere que *porta* desempenha o papel (caso) de “coisa que sofreu ação de abrir”; *Chave* é o instrumento utilizado para abrir; *Pedro* exerce o papel de agente que pratica a ação de abrir. O fato de *a chave e Pedro* serem em suas sentenças agente gramaticais não atribui a eles agente da ação.

Ainda sobre a *gramática das valências* de Tesnière (1959), esta gramática propõe argumentos que corroboram a força que o verbo tem sobre seus argumentos, determinando a posição e quantidades que eles devem a apresentar-se na sentença com o objetivo de tornar clara a interação sociodiscursiva entre os indivíduos de uma comunidade. Tesnière apresenta quatro classificações para a valência dos verbos:

- 1. Monovalentes, que requer apenas um argumento.
 - 1’ O avião caiu.
- 2. Bivalentes, que requer dois argumentos.
 - 2’ Pedro comeu banana
- 3. Trivalentes, que requer três argumentos.
 - 3’ Maria deu o lápis ao namorado.

4. Avalantes, que não requer argumentos (fenômenos da natureza.)

4' chove

No entanto, pretendemos chamar a atenção para a transitividade verbal, especificamente, para a força que o verbo principal exerce no que diz respeito aos argumentos por ele solicitados e licenciados pelas leis de combinação da língua.

Conforme registramos acima, a gramática normativa classifica os verbos em dois grandes grupos: verbos de ação (transitivos, intransitivos) e de estado (ligação). Nesta perspectiva, os verbos transitivos (direto ou indiretos não dotados de significação, exigindo, por isso, complementos); os intransitivos são vistos como itens de significação completa, não necessitando, portanto, de complementos, outras expressões, mesmo relacionadas ao verbo, segundo esta ótica não são exigidas pelo verbo.

Langacker (2008) apresenta o seguinte desafio: como poderemos classificar itens lexicais instanciadores de ação, sem levar em conta seu aspecto temporal/processual e espacial/estático, além das possibilidades que envolvem um item lexical em seu ambiente pragmático específico? Como exemplo, Langacker apresenta o item lexical terremoto, elemento capaz de instanciar ação e, notadamente, não é verbo.

Outro desafio há, sob a ótica da gramática das construções (Goldberg, 2005), bem como os estudos funcionais sobre a transitividade de Hopper e Thompson (1980) e os trabalhos de Halliday, ao se fazer o mapeamento sintático/semântico das construções que contemplam os verbos de ligação, se perceberá que a escolha deste tipo de verbo teve alguma motivação, o que denota que seu sentido não é vazio, como sugerem as inúmeras gramáticas tradicionais. Caso o verbo de ligação fosse, realmente, vazio de sentido que necessidade haveria de ter mais de um destes verbos na língua. Um único verbo bastaria para fazer às vezes dos demais, isto é: ligar elementos.

Um fato que demonstrou a força da transitividade verbal foi por nós registrado nestes dias: ao observamos uma aula de inglês ministrada por um professor estagiário, sobre o Present Progressive, percebemos que o professor foi feliz ao conduzir o assunto à compreensão do ponto gramatical objetivado, ou seja, fazer com que os alunos escrevessem em Inglês sentenças, usando o tempo verbal proposto. O fato interessante ocorreu, quando o estagiário foi corrigir a tarefa que ele havia proposto aos alunos. Ele leu os exemplos no quadro e confirmou que os alunos haviam compreendido o exercício proposto, mas sentiu falta de algo nas sentenças.

Os verbos que ele havia usado necessitavam de argumentos, ou seja, forçavam o aparecimento de argumentos que complementassem o sentido. A tarefa foi realizada com sucesso; a aula atingiu seu objetivo, tanto alunos como professor estavam satisfeito, mas, os sujeitos envolvidos neste processo educacional registraram a falta de algo na sentença, sem perceber, exatamente, quais seriam esses elementos faltosos. Os argumentos ausentes, certamente, os guiariam para a compreensão completa da frase. Eis os exemplos utilizados na sala de aula:

- a. They are polluting (...)
- b. We are notkilling (...)
- c. Sheissaving (...)
- d. You are preserving (..)
- e. He is planting (...)

Este fenômeno tem base científica, se analisarmos as palavras de Goldberg (2005) em relação ao papel do argumento e dos verbos no ato comunicacional. A autora afirma que estes componentes da construção, o verbo e seu(s) argumento(s)/ predicado(s) devem se fundir para que juntos formem o significado do verbo. Os conceitos de ARP e SIC (argument realization principal e subevent identification condition) reforçam a ideia de que o argumento após o verbo tem a finalidade de complementar o sentido geral da sentença. A discussão sobre ARP e SIC, contudo, não será alvo de nosso trabalho, uma vez que objetivamos demonstrar a força do verbo principal, presente na fusão verbo mais complemento, ou predicado, como denomina a gramática tradicional. Nosso trabalho segue o viés da linha de Langacker que afirma que quanto mais itens lexicais houver, isto é, quanto mais longa for a sentença, maior será sua eficácia comunicativa.

Goldberg (2005) advoga que a fusão entre o verbo e seu(s) argumento(s) é de tal força que em alguns casos os argumentos dos verbos parecem não necessitar serem explícitos, por já fazerem parte do conteúdo integral do verbo. Contudo, esta discussão sobre se o subevento (termo usado por Goldberg para definir itens lexicais que se encontram na posição do que pela gramática tradicional é conhecido como sintagmas nominais posicionados após o verbo) deve ser ou não explicitado não será contemplada neste momento.

Por exemplo, em relação ao tema implícito Construção, “soprar”, como um verbo de emissão, requer que o sopro da pessoa seja agentivo; expirar apenas

requer que a expiração seja a fonte do argumento temático. Estes fatos são capturados desde que o argumento satisfaça a especificações tanto do argumento da construção como a do papel do participante do verbo. Assim, o papel do argumento da construção pode ser “fundido” com o papel do participante do verbo. O termo “fusão” é adaptado de Jackendoff’s (1990)... (GOLDBERG, 2005, p. 24).

O foco deste trabalho não é demonstrar, ou provar, se o argumento é explícito ou implícito, mas verificaremos até que ponto os argumentos pospostos (independente da rotulação tradicional do tipo objeto direto, objeto indireto, adjunto circunstancial etc.) ao verbo contribuem como facilitadores da compreensão de estruturas em que se apresentem de forma explícita, específica, saliente e exigida pelo verbo. A fusão, proposta por Jackendoff e referenciada por Goldberg (2005) vem confirmar, no nosso entender, que estamos percorrendo o caminho certo, uma vez que esta fusão ocorre entre o verbo principal da construção e seu (s) argumento(s) ou predicado(s).

No que concerne à presença da gramática das construções em nosso trabalho, cumpre informar que a relevância se dá em relação ao como e por que aprendemos as regras de uma língua, seja ela nativa ou não, conforme discutido no subitem acima. Outro aspecto que deve ser ressaltado seria a posição da gramática das construções, isto é, a abordagem construcionista, ao assumir a fusão entre o verbo e o argumento ou complemento, fenômeno que ressalta a necessidade de se ter mais itens lexicais para se facilitar o ato de comunicação. Outra abordagem que também justifica esta nossa hipótese é a visão de transitividade postula por Hopper e Thompson que demonstram, em seu artigo de 1980, que a transitividade é mais que uma função gramatical. Questões pertinentes, estritamente, à forma e função carregam seu mérito, porém nosso trabalho volta-se para o processo de significação (compreensão) das estruturas com e sem argumentos, sem pretensão de discutir, classificar ou confirmar este ou aquele evento que envolva questões sobre o pareamento forma/função.

Sobre o papel do verbo principal, estamos de pleno acordo com os postulados de Goldberg, ao afirmar que existe mais para ser interpretado do que a estrutura do argumento possa expressar. O conjunto de interpretação acontece pela interação dos argumentos com o verbo principal, sob a luz do contexto pragmático no qual a sentença é expressa, por isto

... o reconhecimento de que há mais interpretação de uma cláusula que a estrutura argumental construção utilizada para expressá-la. A interpretação geral é obtida através da integração da estrutura argumental construída com o verbo principal e vários argumentos, à luz do contexto pragmático em que a cláusula é proferida (GOLDBERG, 2002, p. 38)

E, mais, apenas alguns itens lexicais são utilizados quando se deseja ser específico, isto é, quando se deseja colocar determinado item em saliência. Em estruturas simples estas entidades (para misturar as abordagens cognitivas da gramática, Langacker neste caso) correspondem ao conjunto de termos, núcleo, nuclear e objeto. Em posição de proeminência são denominados de sujeito, objeto e objeto dois, no caso dos verbos bitransitivos, cujos argumentos poderão coincidir ou não com os tradicionais, complementos verbais.

Assim, o que nos parece ser mais relevante em relação ao papel da transitividade, no processo cognitivo, é o fato de o verbo principal fundir-se com seu(s) argumento(s), com a finalidade de criar no ato comunicacional um contínuo de informações que serão compartilhadas, processadas entre as pessoas no momento de suas interações, conforme proposto por Jackendoff e referenciado por Goldberg (sob a visão da gramática das construções). Com relação à Gramática Cognitiva, observa-se a indicação de ocorrer possibilidade de análise, levando-se em conta a imagética convencional (especificidade, foco, proeminência e perspectiva).

2.3 A VISÃO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL E SUA PROXIMIDADE COM A LINGUÍSTICA COGNITIVA

No decorrer deste trabalho, mencionamos que há uma proximidade entre a abordagem Linguística, Funcional e a Cognitiva, segundo autores especialistas no assunto, como o seguinte: “Vale destacar a recente aproximação entre a linguística funcional e a linguística cognitiva, representadas por Langacker (1991), Lakoff (1987)” Furtado da Cunha (2010); “Nos EUA, um movimento muito importante surgiu nos anos de 1970 a partir do trabalho de um grupo de pesquisadores na Califórnia, Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Paul Hopper e em torno de Lakoff e Langacker em Berkeley uma tendência funcional-cognitiva” (PEZATTI, 2011). De fato, a convergência de ideias entre as duas abordagens ocorre em relação às críticas feitas ao Gerativismo. Uma vez que tanto funcionalistas como cognitivistas divergem daquela corrente no que concerne à aquisição de linguagem, na sua modularidade e no estudo focado na sintaxe (ou seja, a sintaxe como solução para todos os fenômenos da linguagem). As críticas se estendem ao modelo racionalista de fazer ciência e ao descaso dado à fala e ao contexto extralinguístico.

Funcionalistas unem-se a cognitivistas não apenas nas críticas feitas ao gerativismo, mas também, nas crenças em que léxico e gramática fazem parte de um contínuo linguístico; os contextos sociais, interacionais da linguagem interferem no modo como estruturamos nossa linguagem. O viés das abordagens toma caminhos paralelos no que responde à dualidade conceptual entre forma/função (para os funcionalistas) e forma/sentido (para os cognitivistas), só para citar alguns pontos de divergência e convergência como exemplo.

Embora afirmemos aqui que forma e função é conceito funcional e forma e sentido é conceito cognitivista, encontramos nas abordagens construcionistas (cognitivistas) Goldberg (2005) o uso de ambos os conceitos. Dada esta proximidade conceptual existente entre funcionalistas e cognitivistas, a pertinência deste capítulo se dá, mais uma vez, pela complementação teórica que a Linguística Funcional pode oferecer a nosso trabalho, cujo tema, *Construções em Língua Inglesa: a Transitividade verbal*, exige o acolhimento de princípios e categorias centrais do funcionalismo como informatividade, iconicidade, marcação, transitividade, plano discursivo e gramaticalização.

Para Furtado da Cunha (2010) “a informatividade focaliza o conhecimento que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação verbal”. O ponto central deste princípio seria o “status” da informação, se esta já tiver aparecido no discurso de alguma forma, será classificada como nova e apresentará certa posição na sentença. Caso contrário, a informação, codificada em uma expressão linguística, receberá um novo local na frase. O “status” classificará a informação como sendo *dada, nova, disponível e inferível*. A autora referenciada explica que se o referente (sintagma nominal) já tiver ocorrido previamente no texto, este sintagma nominal será classificado como *dado/velho* (referente textualmente dado). Caso esta referência ainda não ocorrido, sua classificação será como *novo*. Para exemplificar este conceito reproduziremos os exemplos de Furtado da Cunha (2010):

- a. Aí o mecânico falou que... (vazio) não sabia qual o homem tinha apertado a quilo ((riso))

No exemplo dado pela autora, o sujeito do verbo “saber” é notadamente o referencial “mecânico” mencionado previamente no texto. Conferindo-lhe o “status” de informação *dada*. Existe clara diferença no contexto abaixo em que a informação vai aparecendo à medida que o texto vai se construindo, segue o exemplo:

- b. Aí quando chegou... ali na :: decida/ porque é ... Barra... Tijuca... né? Quando estava quase chegando a... Tijuca... vinha... *um ônibus* na:: direção deles... e tinha *um caminhão*... parado aqui... (informante 12, Dário, Discurso & Gramática, RJ)

No exemplo acima, percebe-se, pelo espaçamento, a introdução de um referente *novo*, ou seja, a informação ainda não foi mencionada textualmente.

Ainda sobre informatividade, as noções de *disponível* e *inferível* referem-se à possibilidade de a informação ser previsível no texto, assim sintagmas nominais como “sol”, “lua”, “Pelé” ou “*Petrópolis*” representam possibilidades de se chegar a estas palavras sem que necessariamente elas façam parte do texto e quando estes sintagmas ocorrerem no texto serão denominados de *disponível*, conforme o subprincípio da informaticidade. O processo pelo qual um referencial pode ser deduzível a partir de informações *dadas* será reconhecido como *inferível*.

Refletindo sobre este conceito, a partir do exemplo (b) o referencial “*ônibus*” remete, necessariamente, a um “*motorista*”. Que nos permite *inferir* o termo *motorista* a partir de informações *dada* “ônibus”.

O princípio de iconicidade, de acordo como Cunha (2010) “é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”. Para os funcionalistas, a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência. Para os cognitivistas, a linguagem é mediada pela cognição humana; representamos o mundo através da linguagem “filtrado” a partir de nossa cognição. Experiência e “interferência” extralinguística são pontos de convergência entre a abordagem funcional e cognitiva.

Assim, o princípio da iconicidade está relacionado à forma e a função e uma vez que as línguas mudam através do tempo, a iconicidade fica a mercê da pressão formal e funcional, que alteram, através do tempo, sua forma e sua função. Um exemplo claro deste fenômeno é a conjunção concessiva *embora* advinda de uma construção temporal. Através de um processo diacrônico de corrosão, esta construção teve tanto sua forma como sua função modificadas ao longo do tempo. A expressão *em boa hora* deu origem à conjunção

concessiva *embora*, como explica Furtado da Cunha (2010). Este fenômeno diacrônico torna a iconicidade da construção linguística opaca ao longo do tempo.

Três subprincípios compõem a iconicidade, o da *quantidade de informação*, o *grau de integração (entre os constituintes)* e a *ordenação sequencial dos segmentos*. Em relação à *quantidade de informação* este subprincípio referencia que quanto mais complexa a informação, mais complexa será a estrutura para expressar este pensamento. Furtado da Cunha (2010) usa o seguinte exemplo:

Belo > Beleza > Embelezar > Embelezamento

Outro subprincípio da iconicidade é o do *grau de interação* entre os constituintes, ou seja, quanto mais próximo cognitivamente os conteúdos estiverem mais próximos estarão, também, sintaticamente.

O terceiro subprincípio é o da *ordenação sequencial*, este subprincípio está relacionada com o “status” da informação e sua posição na sentença. Caso a informação seja classificada como *dada* ou velha, isto é, sua ocorrência já se deu previamente no texto, sua ordem de aparecimento ocorrerá no início da sentença e será denominada de *tema*. Caso a informação não tenha sido, ainda, apresentada textualmente, uma informação *nova*, esta será apresentada no final da oração e será chamada de *tema*.

O princípio da *marcação* retoma a ideia precípua do Círculo Linguístico de Praga que trata da ideia de contraste entre dois elementos de uma mesma categoria linguística. Estas categorias podem apresentar-se no plano fonológico, morfológico ou sintático. O conceito de *marcação* oporá as entidades como *marcada e não-marcada*. Este princípio classificará as entidades quanta à ausência de uma propriedade, presente no outro; por exemplo, será considerado *marcada*, morfológicamente, a entidade linguística “meninos” [+ plural] em oposição à forma *não-marcada* “menino” [- plural]. Segundo a Linguística Funcional as expressões *não-marcadas* exibem características como: *maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; contexto de ocorrência mais amplo; forma mais simples ou menor e aquisição mais precoce pelas crianças*. Sintaticamente, assim poderíamos dizer que a forma sujeito + verbo + objeto (SVO) é *não-marcada* uma vez que exibem as características citadas acima.

Estes conceitos nos leva à seguinte precisão: o tipo de estrutura com que trabalharemos envolverá aquelas caracterizadas como *não-marcadas*, sintaticamente representadas pela estrutura do tipo SVO.

Retomando o arcabouço da Linguística Funcional, o conceito de transitividade é descrito por Hopper e Thompson (1980) como uma função linguística que vai além do conceito tradicional de transitividade. Segundo a gramática tradicional, a transitividade é uma propriedade dos verbos que tiverem sua “compreensão” vinculada a um complemento (objeto direto, objeto indireto ou objeto direto-indireto); quando não houver essa necessidade, os verbos serão denominados de intransitivos, como sabemos de longa data.

Hopper e Thompson (1980), não há oposição binária entre verbos transitividade e intransitividade. Para eles, a transitividade é vista como uma propriedade escalar que se centra nas diferentes relações de transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração. Hopper e Thompson (1980) classificam a transitividade como sendo de alta transitividade e de baixa transitividade e elencam uma série de propriedades para que justificar seu posicionamento. Segue, abaixo, a classificação proposta pelos autores.

Tabela 8 – Classificação proposta por Hopper e Thompson (1980).

	HIGH	LOW
1) A. PARTICIPANTS	2 or more participants, A and O. ¹	1 participant
B. KINESIS	action	non-action
C. ASPECT	telic	atelic
D. PUNCTUALITY	punctual	non-punctual
E. VOLITIONALITY	volitional	non-volitional
F. AFFIRMATION	affirmative	negative
G. MODE	realis	irrealis
H. AGENCY	A high in potency	A low in potency
I. AFFECTEDNESS OF O	O totally affected	O not affected
J. INDIVIDUATION OF O	O highly individuated	O non-individuated

Assim, construções, por exemplo, que apresentem mais de um participante, o verbo expressar ação e se a sentença contemplar um aspecto télico, esta construção será classificada como sendo de alta transitividade, devido à natureza dos elementos que a compõe.

Como último princípio funcional temos a *gramaticalização*. Furtado da Cunha (2010) define este princípio como sendo “um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas do falante”. O que nos faz pensar que ao lado de construções sintáticas consolidadas no sistema de uso, há também processos emergentes de novas construções a fim de tornar o discurso uma prática mais precisa. A *gramaticalização* é processo de se *refazer* as práticas interativas, comum a toda língua natural. Assim, a *gramaticalização* passa a ser um processo, em sentido único, que transforma construções linguísticas em funções gramaticais.

Para exemplificar este fenômeno, Cunha (2010) cita os exemplos das trajetórias de substantivos e verbos transformados em conjunções, a exemplo do verbo *querer*, transformado na conjunção alternativa *quer... quer*; o substantivo (no português arcaico) *logo* que contemporaneamente transformou-se em conjunção conclusiva. Um segundo exemplo de *gramaticalização* é a trajetória dos *nomes e verbos* para morfemas; a autora cita os seguintes exemplos: *mente* (intelecto) transformado em sufixo formador de advérbio; o verbo *haver* (hei) transformado em desinência de futuro *amar hei / ama(rei)*.

A relevância destes princípios para nosso trabalho decorre da proximidade entre as duas teorias e conceitos tais como *formas transitivas altas*, que nos oferecem suporte na formulação de nossa hipótese no que se refere a possibilidade de construções com alta transitividade serem mais rápidas em processos de significação dentro do plano discursivo interacional.

A informaticidade, iconicidade e gramaticalização são conceitos em que nos apoiaremos em nossa análise final.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Nossa metodologia de pesquisa teve como base norteadora experimentos psicolinguísticos com a intenção de viabilizarmos um estudo sobre o processo de significação do conteúdo conceptual de sentenças transitivas tendo o contexto como grupo de controle. Vejamos.

3.1 OBJETO DE ESTUDO: QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS DA PESQUISA

Nosso objeto de estudo recai sobre a relação entre a transitividade e os argumentos pospostos ao verbo, entidades que adquirem feição de Marco (cf. LANGACKER, 2008) da construção. Fizemos experimentos psicolinguísticos que intencionam analisar até que ponto a transitividade contribui para facilitar, ou dificultar a compreensão de construções em que estes elementos ocorram. Partiremos da crença que a transitividade ocorre quando o verbo de uma construção abre *espaços* (do inglês “slots”) na posição de *Trajetor*, ou seja, posição anterior ao verbo, bem como na posição posterior, *Marco*. Reforçamos que não foram analisados argumentos que se apresentam como *Trajetor* (*sujeito gramatical*) das construções analisadas, embora estruturalmente não possamos prescindir deste ente para a seleção das construções escolhidas.

Nossa intenção foi a de demonstrar, apoiado pelo princípio da *imagética convencional* de Langacker (2008), que quanto mais entidades linguísticas ocorrerem na construção, mais específicos serão os traços selecionados a partir dos domínios complexos para que haja um ganho de tempo no processo de significação. Prevemos, logo, que o maior número de entes linguísticos nas sentenças tornará o processamento destas construções mais dinâmico, o que resultará na transitividade como uma facilitadora do processo macro de compreensão das sentenças.

Em oposição ao exposto acima, caso um verbo não tenha seu argumento posposto satisfeito, ou seja, se por algum motivo o item linguístico se apresentar de forma esquemática ou com baixo nível de especificidade, proeminência confusa, foco obscuro e com “erro” de perspectiva, cremos que o processo de significação da sentença demandará um tempo significativamente maior para que a compreensão entre os falantes ocorra. Nestas situações, o tempo para se deduzir quais traços dos domínios complexos devem ser

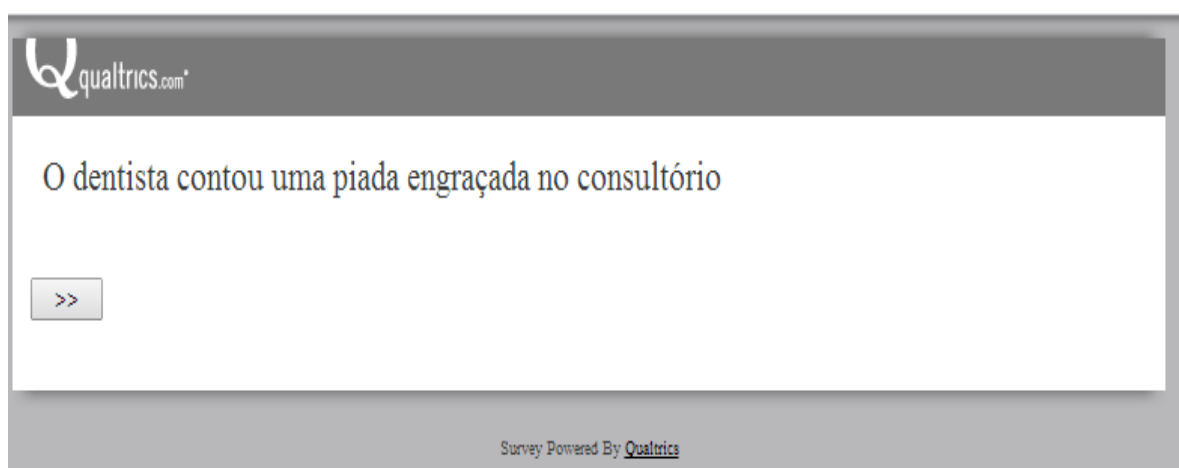
selecionados será maior e poderá desencadear uma série de possibilidades dedutivas para que a informação seja decodificada com sucesso.

Comungamos, assim, com o entendimento da Gramática Cognitiva ao admitir que a inferência de uma sentença é mais que a soma de decodificações individuais das entidades que compõe a construção, ou seja, fatores como a foco, proeminência, grau de especificidade e perspectiva atuaram a favor, facilitando o processo de significação das sentenças.

3.2 EXPERIMENTOS PILOTO

Antes que aplicássemos nosso experimento definitivo, houve dois experimentos piloto, um em língua portuguesa e outro em língua inglesa. De forma objetiva, estes dois experimentos serviram para nos nortear sobre qual caminho deveríamos seguir.

Os testes pilotos foram aplicados em dias e em laboratórios diferentes. No experimento piloto ocorreu um número reduzido de informantes, quatorze (14) em língua inglesa e vinte (20) em língua portuguesa. Embora tenhamos gastado muito tempo, o número de informantes foi considerado, por nós, baixo, o que resultou em nossa primeira constatação: não permitir a interação entre os “alunos” e foco, por parte dos informantes, na tarefa sugerida por nós pesquisadores. Outras questões que julgamos necessárias foram a forma como faríamos a “pergunta” de compreensão, bem como as possibilidades de resposta para o informante. Neste primeiro experimento, seguimos o formato abaixo:



Tela 1 – Estímulo não preposicionado.

Neste experimento (piloto) expusemos o informante às sentenças que serviriam de estímulo. O único propósito do informante foi ler e compreender a sentença. Foi, contudo, na tela seguinte, que ocorreu uma das mudanças mais significativas. Vejamos a tela:

A screenshot of a Qualtrics survey interface. At the top, there is a grey header bar with the Qualtrics logo and the text 'qualtrics.com'. Below the header, the question 'Quem ouviu a piada?' is displayed in a large, dark font. Underneath the question, there are three radio button options, each preceded by a small grey circle: 'o dentista', 'o paciente', and 'a piada'. The options are listed vertically.

Tela 2 – Pergunta com três opções de resposta.

Percebemos que o formato “pergunta” poderia, de alguma forma, induzir o informante a levar mais tempo que o necessário, procurando a “resposta correta” e, assim, motivos que o levasse a ter argumentos para que se questionado posteriormente sobre o porquê de sua escolha, ele pudesse responder com exatidão.

As opções de resposta foi outro formato alterado. No experimento piloto, havia três possibilidades, e uma delas mantinha relação semântica com a sentença de estímulo, formando, no caso acima, uma relação semântica entre *dentista* e *paciente*. Embora *paciente* seja a resposta que procurávamos, os outros itens se denunciavam como não sendo uma escolha viável. Mais abaixo, descreveremos como procuramos minimizar este impasse.

Os experimentos piloto não nos mostraram problemas de operacionalidade com a variável dependente (índice de acerto e tempo) e com as variáveis independentes (construções com argumentos não preposicionados, preposicionado e com argumentos não preposicionado e preposicionado simultaneamente); assim, as mantivemos.

Os procedimentos neste experimento fugiram, em alguns momentos, do nosso controle, mas resultaram em certa experiência para o experimento definitivo. Não tivemos problemas com os materiais e com a coleta dos dados. Mantivemos, assim, o programa Qualtrics de pesquisa científica, computadores com processadores “dual core” de 1,3 conectado a internet de alta velocidade para que o programa “rodasse”.

Não cabe aqui a discussão dos dados e tratamento estatístico deste experimento piloto, uma vez que não podemos confiar na precisão destes dados.

3.3 SUJEITOS DE PESQUISA

Após realizarmos o experimento piloto, chegamos ao definitivo em língua portuguesa do Brasil para o qual foram selecionados 111 informantes distribuídos conforme tabela abaixo:

Para o experimento em língua portuguesa, foram selecionados cento e onze informantes distribuídos entre os experimentos com e sem contexto.

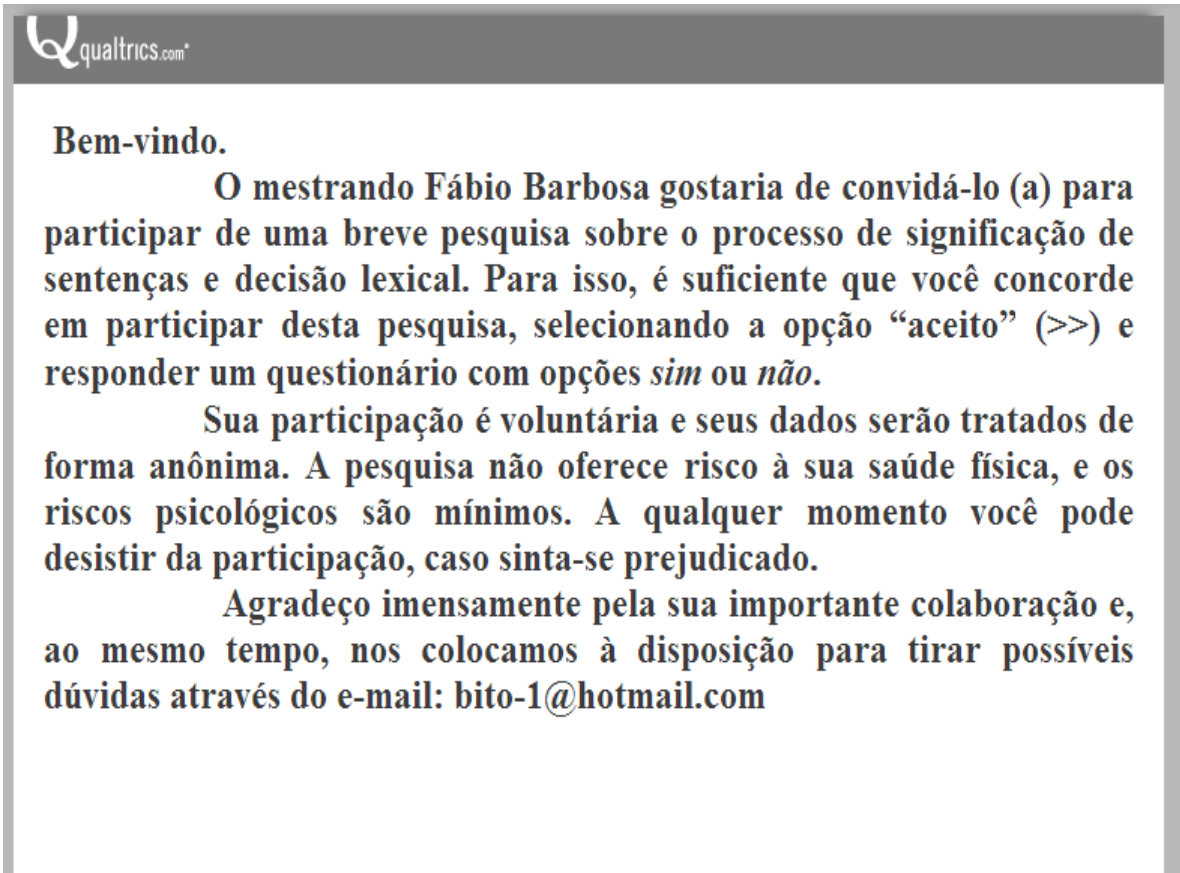
Tabela 11 – Seleção dos informantes.

	Informantes
Com contexto	50
Sem contexto	61

Foram informantes de nosso trabalho, alunos de uma escola estadual de ensino fundamental e médio situada no bairro Pedro Gondim em João Pessoa – Paraíba. Os jovens selecionados encontram-se, atualmente, na faixa etária entre onze (16) e dezoito (18) anos de idade. Os informantes pertencem tanto ao sexo masculino como ao sexo feminino. Caso algum dos informantes tivesse mais de dezoito anos, embora estivesse na mesma sala, não foram autorizados a responder o experimento, ou seja, alunos adultos não tiveram acesso ao experimento, este informante foram eliminado de nosso banco de dados.

A coleta de dados foi feita com tantos informantes quanto foi possível. Ao iniciarem os testes, os alunos tiveram acesso ao termo de Livre e Esclarecido para que, só

após a leitura e aceitação dos termos, o teste fosse efetivamente iniciado. Segue a tela de suporte ao termo:



Bem-vindo.

O mestrando Fábio Barbosa gostaria de convidá-lo (a) para participar de uma breve pesquisa sobre o processo de significação de sentenças e decisão lexical. Para isso, é suficiente que você concorde em participar desta pesquisa, selecionando a opção “aceito” (>>) e responder um questionário com opções *sim* ou *não*.

Sua participação é voluntária e seus dados serão tratados de forma anônima. A pesquisa não oferece risco à sua saúde física, e os riscos psicológicos são mínimos. A qualquer momento você pode desistir da participação, caso sinta-se prejudicado.

Agradeço imensamente pela sua importante colaboração e, ao mesmo tempo, nos colocamos à disposição para tirar possíveis dúvidas através do e-mail: bito-1@hotmail.com

Tela 3 – Termo de consentimento

Este experimento só foi possível após o consentimento do comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba que nos deu o seguinte parecer¹.

¹ Vide os anexos no final deste trabalho para acessar o parecer completo do comitê de ética da UFPB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aquisição de construções em Língua Inglesa:
a transitividade verbal.

Pesquisador: Fábio Lúcio Gomes Barbosa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 19492613.8.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 344.890

Data da Relatoria: 22/07/2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 344.890

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Aprovar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

JOAO PESSOA, 31 de Julho de 2013

Dada a habilidade natural com a tecnologia envolvida na coleta de dados, nossos informantes não precisaram de nenhuma ajuda do pesquisador; leram o termo de *consentimento*, receberam as instruções necessárias para iniciar a tarefa proposta e foram informados que seriam voluntários em nosso trabalho.

3.4. DESENHO DO EXPERIMENTO COM E SEM CONTEXTO EM LÍNGUA INGLESA E PORTUGUESA

Este experimento teve como objetivo testar se as sentenças com maior número de construções na posição de *Marco*, realmente agem como elemento facilitador do processo de significação. Entendemos que a transitividade abre “espaços” tanto na posição de *Trajetor* como na posição de *Marco*. Reiteramos que apenas o *Marco* será objeto de estudo para nosso trabalho. Para tanto, apoiaremos-nos no conceito de foco, proeminência, perspectiva e grau de especificidade da *Imagética Convencional de Langacker (2008)* para testarmos nossa hipótese.

O desenho apresentou as determinadas características. Dentre os inúmeros grupos de verbos possíveis para analisarmos a transitividade, escolhemos os verbos dicendi por se tratar de verbos que, em língua Inglesa, apresentam certa confusão em seu processo de aquisição, devido à proximidade semântica existente entre eles. Os dicendi pertencem a um mesmo grupo semântico.

A relevância do dicendi para nosso trabalho se dá pela dúvida que os aprendizes de língua inglesa apresentam em relação ao complemento verbal “correto” no momento de fala. Usamos este fenômeno como um caminho para manipular a transitividade dos verbos dicendi sem que o informante perceba. Estendemos nossa pesquisa para falantes nativos do português para que servissem de grupo de controle. Elegemos como representantes deste grupo os verbos em inglês: *talk, speak, say e tell* e suas traduções para português *conversar, falar, dizer e contar*.

Lançamos mão do fato que há confusão no momento de fala para aprendizes de inglês, para, assim, manipularmos a transitividade do verbo com três condições diferentes e testar se, com mais informação provida pelas construções pospostas ao verbo, a transitividade tornar-se-ia um agente facilitador da inferência da sentença.

Tivemos então o seguinte desenho experimental: *variável independente*: três possibilidades de complemento, e como *variável dependente*: tempo gasto para depreensão do conteúdo simbólico da sentença aferido no primeiro clique do mouse após a leitura da

sentença de estímulo, (o tempo gasto será medido em milésimos de segundo) e *índice de acerto, ou seja, a quantidade de itens marcados “corretos” conforme pretendido pelo teste*. A tabela a seguir ilustra nosso desenho.

Tabela 12 – Condições experimentais.

	Variável independente	Variável dependente
Discendi	*SN não preposicionado	Índice de Acerto/ Tempo gasto
Discendi	*SN preposicionado	Índice de Acerto / Tempo gasto
Discendi	*SN não preposicionado e *SN preposicionado	Índice de Acerto / Tempo gasto

*Sintagma Nominal.

Logo, o desenho de nosso experimento detém o seguinte formato: 3x2. Lê-se que *três* são os níveis de variável independente e o dois é o *tempo e índice de acerto* resultantes da manipulação das condições. Esta duas variáveis dependentes ocorreram entre grupos. Procuramos minimizar riscos durante a realização do experimento, supervisionando o laboratório onde ocorreu o teste.

Como hipótese geral, cremos que quanto mais itens lexicais na sentença, mais rápido ocorrerá a compreensão no ato comunicacional. Ao elaborarmos as sentenças para o experimento, observamos o alinhamento entre o Trajetor e Marco, conceitos que compõem o princípio da *imagética convencional* proposto por Langacker (2008). Remetendo isto para nosso experimento, destacamos que:

- se expusermos o falante a uma estrutura semântica válida com os argumentos presentes na estrutura gramatical com um nível alto de especificidade,

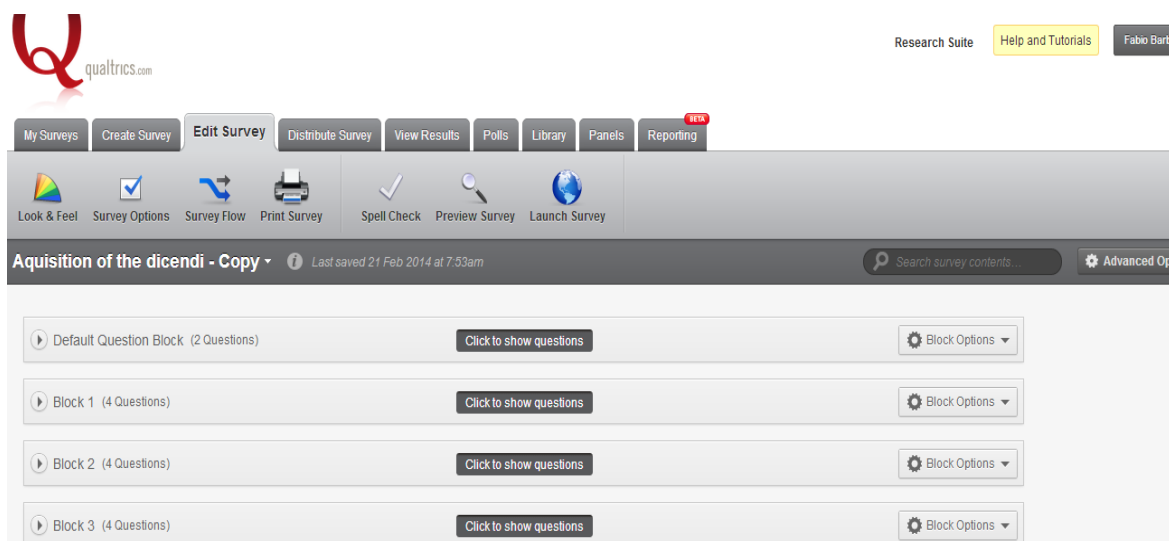
proeminência e saliência, então o tempo de depreensão do conteúdo simbólico será significativamente *menor*, apesar de uma grande quantidade de itens lexicais. Haverá, supostamente, um custo de processamento relativamente *menor* para se chegar à compreensão desejada no ato comunicacional;

- se o argumento, contudo, for apresentado de forma incompleta, depreensível apenas através do contexto, haverá um custo *maior* para se chegar à compreensão desejada do conteúdo conceptual presente na estrutura gramatical.

Como hipótese nula, também possível de ocorrer, teremos que nenhuma das condições postas afetará a velocidade com que nós, falantes das línguas naturais, depreendemos os conteúdos conceptuais presentes nas estruturas semânticas válidas.

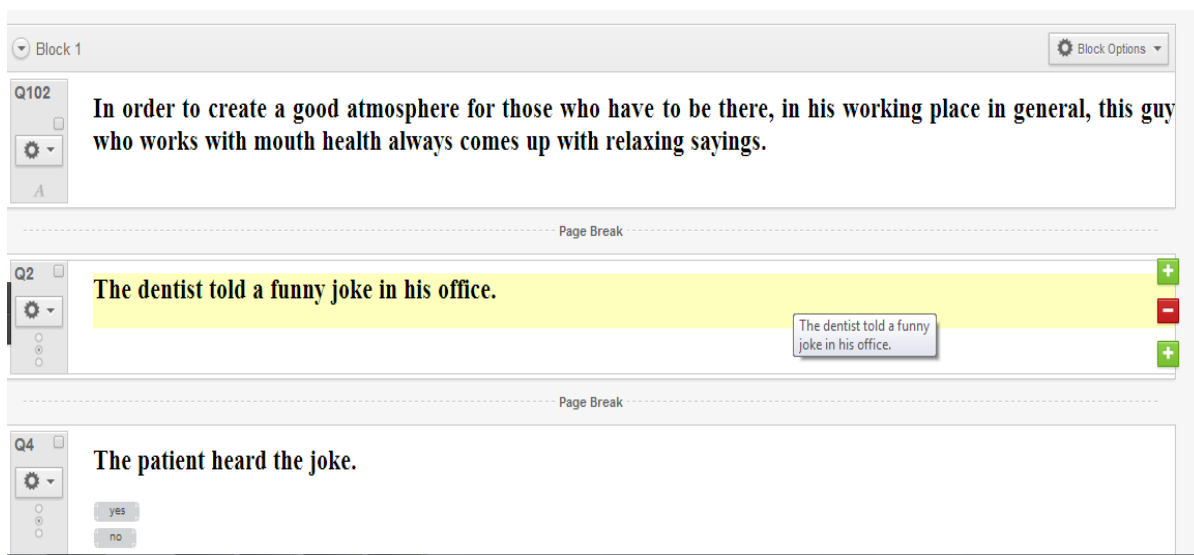
3.4.1 Materiais

Os materiais utilizados para a condução deste experimento incluíram um laboratório de informática com computadores conectados à internet de alta velocidade e equipados com processador “*dual core*” de 1.3 da *Intel*. Estes computadores usavam o *LINUX* como sistema operacional e o navegador foi o *Mozilla Firefox*. O experimento foi feito utilizando o *software* de pesquisa acadêmica *Qualtrics*. O *Qualtrics* é um misto de *website* com *software* científico para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Para nosso trabalho, este “*software*” serviu de suporte digital para desenhar, aplicar e coletar os dados de nossos experimentos, tanto o piloto como o definitivo. Com a finalidade de edição, o *Qualtrics* se organiza em blocos e cada bloco possui inúmeras opções que vão desde o tamanho e estilo da fonte até a gravação e tratamento dos dados gerado na pesquisa. A seguir um modelo dos blocos que podem ser editados:



Tela 4 – Blocos editáveis.

No caso acima, cada bloco está formatado para receber quatro sentenças, de acordo com a necessidade específica de nosso experimento. No canto direito da figura acima, temos as opções possíveis de serem utilizadas (as abas estão fechadas). Segue imagem de um bloco pronto para a edição:



Tela 5 – Exemplo de blocos editados para o experimento.

Este foi o formato usado para nossos experimentos, tanto em língua portuguesa, como o piloto. Após serem formatadas, segundo o padrão acima, tanto em língua Portuguesa, como piloto, mais abaixo, as sentenças foram randomizadas automaticamente pelo programa.

Block 3

Q104

Em um dia ensolarado, um pai teve uma conversa homem a homem com seu filho para falar sobre como é bom sempre dizer a verdade.

Page Break

Q10

O pai contou a verdade para o filho.

Page Break

Q12

A verdade foi contada para o filho pelo pai.

sim

não

Tela 6 – Imagem de edição do experimento em língua portuguesa com contexto.

Block 3

Page Break

Q10

O pai contou a verdade para o filho.

Page Break

Q12

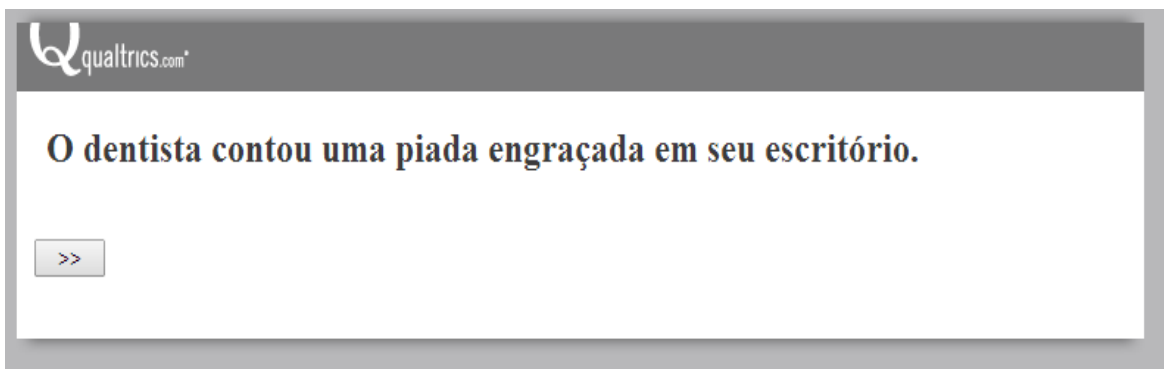
A verdade foi contada para o filho pelo pai.

sim

não

Tela 7 – Imagem de edição do experimento em língua portuguesa sem contexto.

Para este experimento, usamos dois tipos de sentenças, *as que efetivamente queríamos testar*, ou seja, manipular sua transitividade com três condições experimentais e *sentenças distratoras*, que tinham por finalidade evitar que o informante percebesse o foco de nossa pesquisa. Os informantes não tiveram acesso visual às telas acima. Para eles, o programa mostrava a seguinte interface:

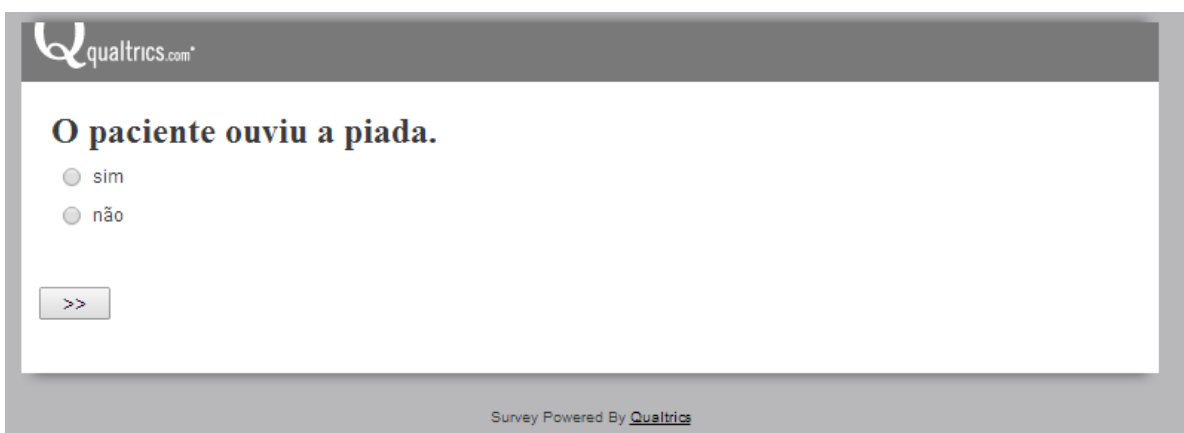


qualtrics.com

O dentista contou uma piada engraçada em seu escritório.

>>

Tela 8 – Estímulo sem contexto.



qualtrics.com

O paciente ouviu a piada.

☐ sim

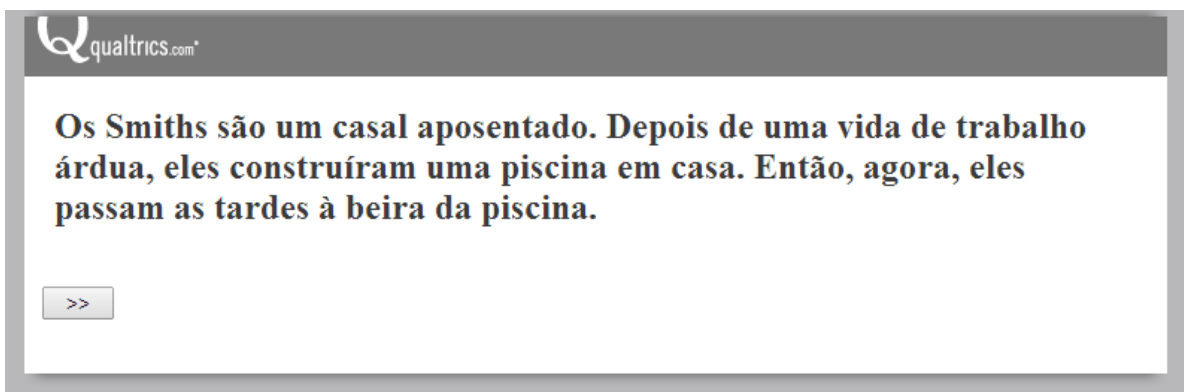
☐ não

>>

Survey Powered By [Qualtrics](#)

Tela 9 – Sentença de afirmação para aferir o processo de significação.

Esta é a forma gerada a partir dos blocos. Acima, temos um exemplo das sentenças apresentadas aos informantes, sem contexto, e abaixo temos um exemplo das telas apresentadas aos informantes, com contexto.

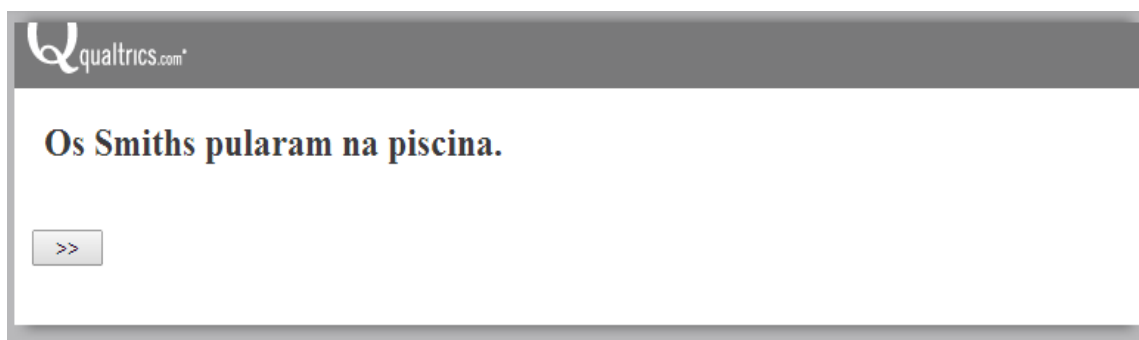


qualtrics.com

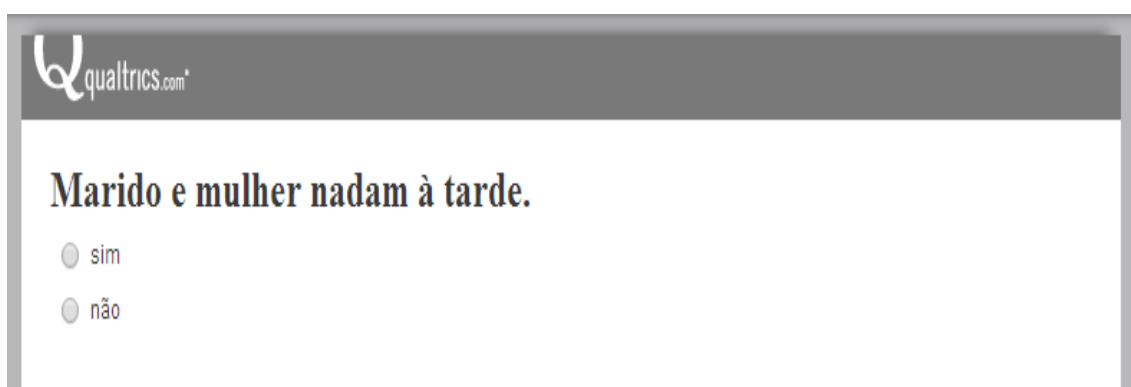
Os Smiths são um casal aposentado. Depois de uma vida de trabalho árdua, eles construíram uma piscina em casa. Então, agora, eles passam as tardes à beira da piscina.

>>

Tela 10 – Texto motivador para criar uma situação.



Tela 11 – Servia de estímulo.



Tela 12 – Tinha a finalidade de aferir o processo de significação.

No caso específico das três últimas telas, elas funcionaram como distratoras em nosso experimento; as demais são exemplos de sentenças que objetivavam aferir o processo de significação.

Durante a execução do experimento piloto, deparamo-nos com uma forma não apropriada de direcionarmos o informante para nosso objetivo, que foi a pergunta seguida por três opções. Este formato é conhecido como múltipla escolha, típico de exames. As telas acima nos mostram que a “pergunta” no experimento piloto foi substituída por uma afirmação e que o informante era livre para concordar ou não, sem a pressão de um “exame”. Assim, cada verbo (dicendi) recebeu três tipos de argumentos, um preposicionado, um não preposicionado e um terceiro duplo preposicionado e não preposicionado simultaneamente. O experimento prosseguia com a leitura das telas. A primeira tela continha um texto que criava um contexto para o informante, no caso do experimento com este objetivo. Esta tela não apareceu para os informantes que fizeram o

teste na versão sem contexto. No experimento, havia sempre uma tela com a condição a ser testada, seguida por outra tela em que o informante poderia escolher entre o *sim* ou o *não*. Nos anexos, os testes usados neste trabalho podem ser encontrados.

Os resultados, *tempo e índice de acerto* foram calculados automaticamente e armazenados no Qualtrics. Logo após a coleta e armazenamento dos dados, utilizamos um programa de estatística chamado de “R” para fazermos o tratamento destes resultados.

3.4.2 Procedimentos

Para a aplicação do teste, usamos o laboratório de informática de cada escola. Os alunos foram conduzidos ao laboratório a partir de suas salas de aula por um voluntário do local. Ao chegar ao laboratório, os informantes voluntários receberam as explicações sobre o experimento, com a garantia de que os dados informados seriam preservados sigilosamente, e que, a qualquer instante, poderiam desistir do teste. Foram, também, informados dos riscos que correriam ao utilizar o computador destinado para aquele fim.

Em seguida, foi feito um modelo de teste para que os informantes se familiarizem com o experimento. Só então é que efetivamente iniciariam o teste. Na primeira tela, havia um termo de *consentimento*, e ao avançá-la, significaria que o informante estaria de acordo com as condições de voluntários na pesquisa.

Cada informante foi exposto a três condições experimentais, argumento posposto ao verbo sem preposição, com preposição e simultaneamente sem e com preposição, além das sentenças distratoras. Segue abaixo uma tabela das condições experimentais e das distratoras.

Tabela 13 – Condições experimentais e distratoras.

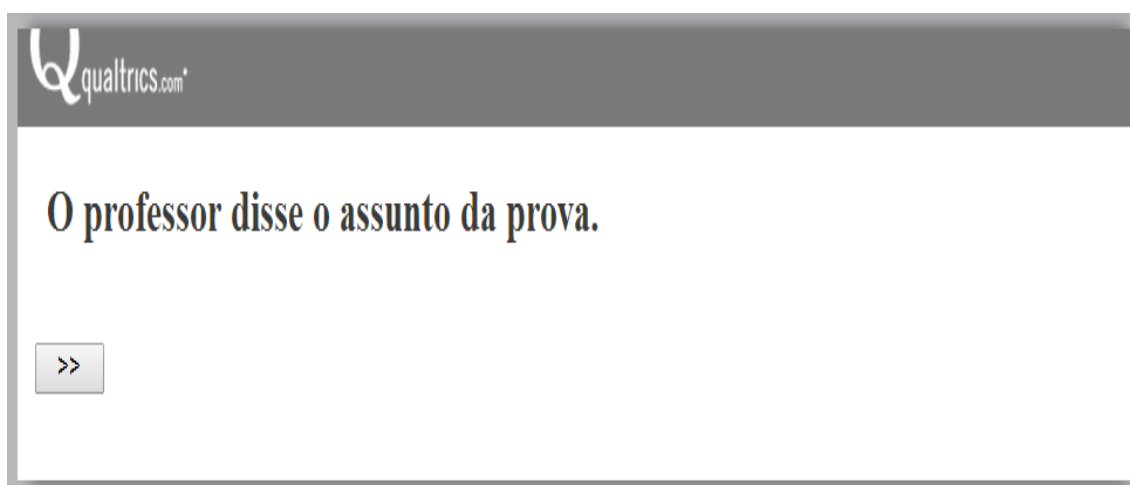
	Argumento Preposicionado	Argumento não Preposicionado	Argumento Preposicionado e Argumento não Preposicionado	Distratora
Discendi: contar, dizer conversar e falar	4 sentenças	4 sentenças	4 sentenças	
Não Discendi				11 sentenças

Vale ressaltar que as sentenças foram expostas de forma randomizada, com a intenção de desviar o foco de percepção dos informantes. Abaixo, segue uma sequência de

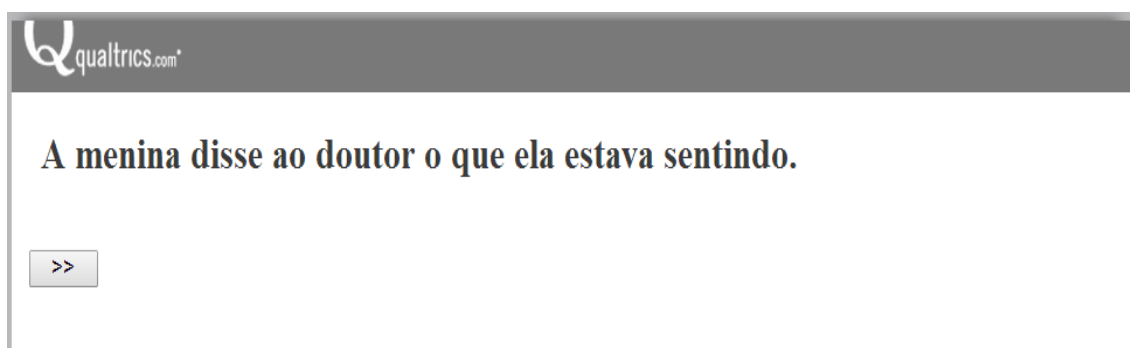
telas com diferentes condições experimentais de um mesmo verbo, o *dizer*, e um exemplo com uma sentença distratora.



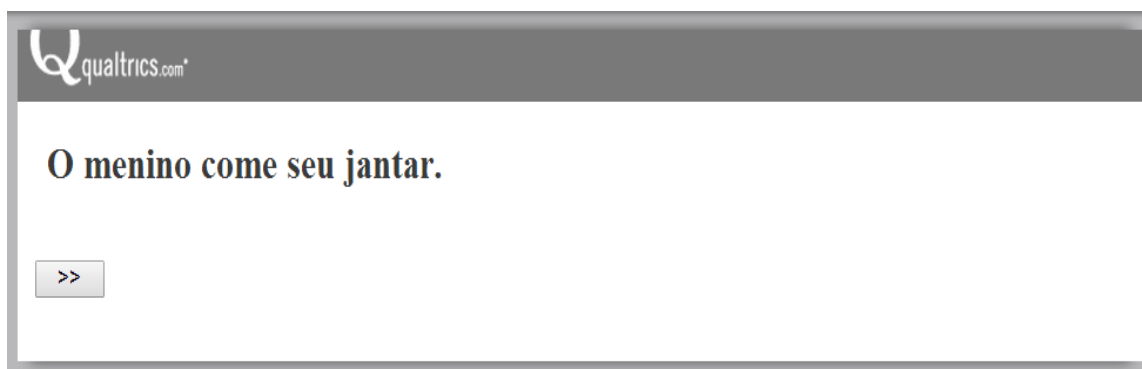
Tela 13 – Sentença preposicionada.



Tela 14 – Sentença não preposicionada.



Tela 15 – Sentença preposicionada e não preposicionada simultaneamente.



Tela 16 – Sentença distratora.

3.5 ETAPA DE ANÁLISE

Após a apresentação de nossa metodologia, seguimos para a análise das condições experimentais. O verbo dicendi como um argumento único, *com e sem* preposição por vez e dicendi com argumento duplo *com e sem* preposição na mesma construção. Analisamos se há relevância em relação a nossa hipótese, ou prevaleceria a hipótese nula. Verificamos se a transitividade comporta-se como facilitadora do processo de significação das sentenças gramaticais. O contexto foi tratado, entre grupos, como uma variável passiva de gerar inferência na compreensão das construções. Neste proceder, serão revelados dados que possam confirmar ou refutar nossa hipótese, bem como, a possibilidade de encontrarmos dados que fujam ao alcance deste nosso trabalho.

4 RESULTADO DOS TESTES: ANÁLISE DOS DADOS

Iniciaremos este capítulo apresentando a natureza das sentenças do experimento sob a ótica da *imagética convencional*: *foco, perspectiva, proeminência e grau de especificidade* propostos por Langacker (2008). Apresentaremos também os dados advindos de nossos experimentos. Sistematizamos esta apresentação de forma que, pela ordem, aparecesse a natureza das sentenças: o porquê das construções terem o formato que tiveram. Será explicada sua codificação cuja análise estatística será feita pelos programas “R” e “ACTION”. A apresentação dos resultados evoluirá desde tabelas de fácil interpretação até a complexidade dos gráficos com resultados estatísticos mais refinados.

Nosso ponto de interesse reside no processo de significação. Neste fazer, o contexto aparece tanto embasado por uma sequência de eventos, um texto motivador, *explícito*, quanto *implícito*, recuperando-se o conteúdo conceptual somente através do processo cognitivo de seleção espontânea dos traços pertinentes aos domínios complexos das construções em uso. Cabe, neste momento, explicarmos que, embora ao longo deste trabalho as terminologias *objeto direto, objeto indireto e duplo (direto e indireto)* tenham sido utilizadas, não cabe a classificação normativa e formal de análise sintática. Trabalhamos com conceitos *não triviais* propostos pelas Gramáticas Cognitivas de (LANGACKER, 2008), da Gramática das Construções (Goldberg, 1995-2006) e com passagem panorâmica pela gramática das construções radicais de (CROFT, 2001). De forma simplificada, utilizamos a noção de *imagética convencional* proposta por Langacker (2008), com um olhar mais objetivo para o conceito de *Trajeto e Marco*, por entendermos que este conceito vai além das barreiras canônicas de *sujeito e objeto*, embora, sob uma perspectiva equivocada, possa-se atribuir o mesmo valor teórico.

No final da análise, fala registrar a importância do contexto, via transitividade como elemento facilitador do processo de significação sob suporte teórico da *imagética convencional* de Langacker (2008).

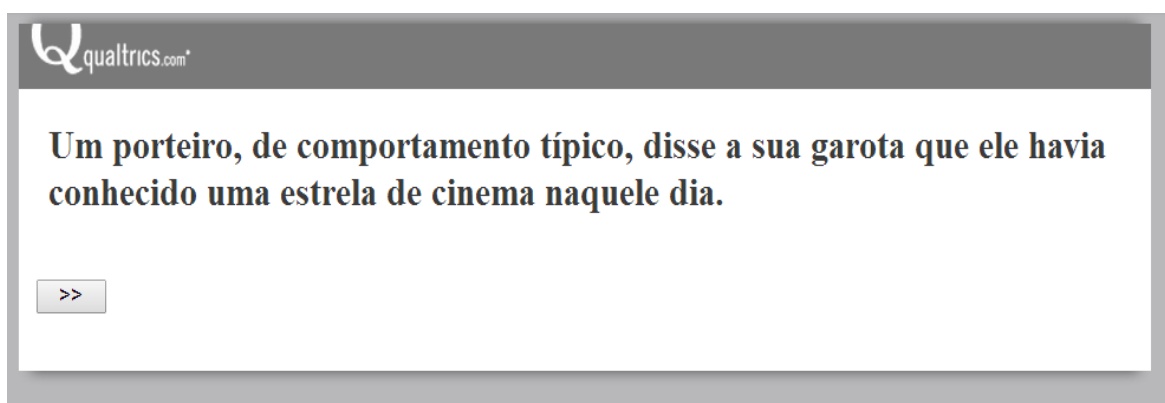
4.1 ENTENDENDO A NATUREZA DAS SENTENÇAS DO EXPERIMENTO

Neste tópico, discutiremos a natureza das sentenças do experimento: o porquê das construções terem adquirido determinado formato. Partimos do entendimento de que todo

ato de comunicação humana é motivado por um contexto e que este contexto encontra sua estrutura conceptual nas sentenças. Encontramos, então, no contexto via sentenças transitivas, uma possibilidade de desenvolvermos nosso trabalho.

Como discutido no capítulo II desta dissertação, a *transitividade* ocorre com a abertura de “espaços” na posição de *trajetor* e *marco*²; embora a noção de *trajetor* não seja foco de nosso estudo, lembramos que não pudemos prescindir desta construção para a estruturação das sentenças. Neste fazer, nosso foco recaiu no *marco*, ou seja, no que chamamos de *argumento posposto ao verbo*.

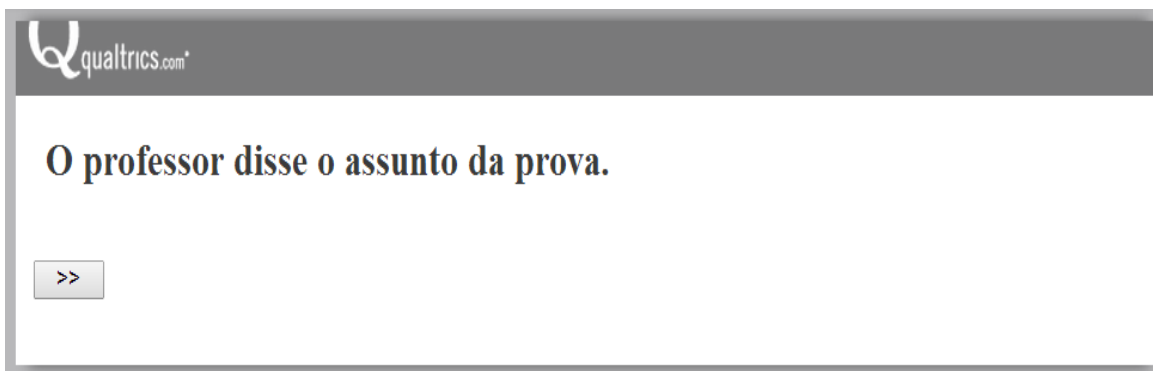
Atribuímos, para efeito de categorização, aos argumentos pospostos ao verbo a seguinte natureza: argumento não preposicionado, preposicionado e simultaneamente preposicionado e não preposicionado. Assim, *trajetor* e *marco*, argumentos *não preposicionado*, *preposicionado* e simultaneamente *preposicionado e não preposicionado*, são termos fundamentados na Linguística Cognitiva. Abaixo seguem exemplos de cada tipo de argumento, presentes em nossos testes.



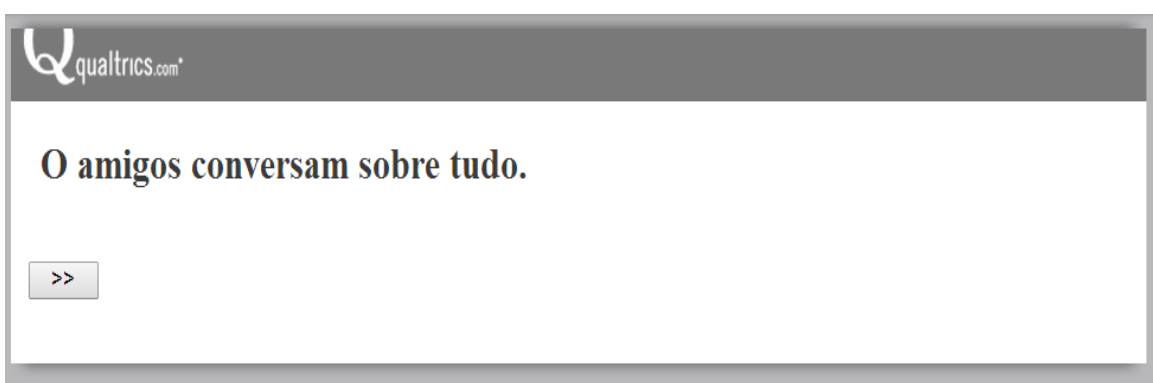
Tela 17 – Mostra o contexto.

Nos experimentos em que o contexto se fazia presente, buscamos um texto que servisse de motivação para uma dada circunstância. A tela cria este contexto. Logo após a leitura do contexto, o informante foi exposto às seguintes condições.

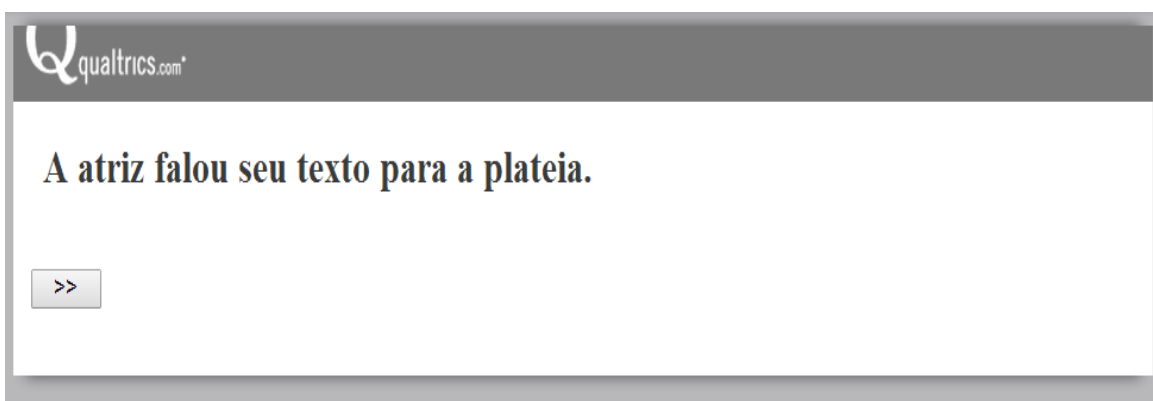
² Visitar esta noção no item Dimensões Imagética desta dissertação.



Tela 18 – Argumento não preposicionado.



Tela 19 – Argumento preposicionado.



Tela 20 – Argumento não preposicionado e preposicionado simultaneamente.

O contexto foi, assim, testado via transitividade verbal e para que pudéssemos controlar nosso experimento, foi definido um grupo de verbos, os dicendi: *contar*, *dizer*, *falar* e *conversar*, com seus correspondentes na língua inglesa: *tell*, *say*, *speak* e *talk*. Todo verbo que fosse *não dicendi*, recebeu o tratamento de distrator. Usamos a

transitividade como um caminho capaz de nos conduzir a uma precisão empírica confiável e estatisticamente verificável.

Observamos que o contexto parece exercer um papel cognitivo de definidor dos elementos pertencentes ao ato comunicacional, (*coisas*³, *processos* e *agente*). Durante a percepção dos elementos envolvidos, a transitividade age como estrutura conceptualizadora capaz de receber e categorizar as informações que devem ser veiculadas na conversa.

Assim, a natureza das sentenças se traduzem em construções do tipo SVO com foco no *marco*.

4.2 A CODIFICAÇÃO DAS SENTENÇAS: X, Y, Z E TODOS

Para que pudéssemos fazer o tratamento dos dados usando os programas estatísticos já mencionados, o R e o ACTION, tivemos que codificar as três condições experimentais: argumento preposicionado, não preposicionado e preposicionado e não preposicionado simultaneamente. A codificação resultou em quatro formas de relacionarmos estas condições. Para cada forma, atribuímos às letras X, Y e Z mais a palavra TODOS quando se tratava de análise X, Y e Z em conjunto.

A codificação, então, assumiu a seguinte legenda:

X = *argumento preposicionado, argumento não preposicionado simultaneamente;*

Y = *argumento preposicionado;*

Z = *argumento não preposicionado;*

TODOS = *argumentos X, Y e Z.*

Desta forma, entenderemos que, por exemplo, Y versus Y na presença ou ausência do contexto, teremos a seguinte equação:

Y (sem contexto) (versus) Y (com contexto) = Um número natural qualquer.

Os números que resultaram destas relações foram submetidos ao programa de análise estatística no programa “R” e “ACTION”. Este experimento objetivou medir o índice de acerto e o tempo que o informante levaria para escolher a resposta correta através de um clique no “mouse”.

³ Cf. Langacker 2008

4.3. APRESENTAÇÃO DAS TABELAS, GRÁFICOS E PARÂMETROS ESTATÍSTICOS

Uma característica básica da metodologia experimental é definir a(s) variável(s) independente(s) e dependente(s). Definimos como variáveis dependentes, *o índice de acerto e o tempo* e para variável independente, a transitividade dos dicendi com as condições expostas. Adotamos como resposta ‘correta’ a alternativa *Sim*. Para o *tempo*, contado em milésimos de segundo, foi levada em conta a duração cronológica demandada para escolher a resposta ‘correta’. Apresentaremos, abaixo, a tabela das respostas, com e sem contexto.

	X		Y		Z		TODOS	
Respos tas	com conte xto	sem conte xto	com conte xto	sem conte xto	com conte xto	sem conte xto	com conte xto	sem conte xto
Erro	28	8	35	54	40	92	111	149
Acerto	164	184	161	142	158	106	453	415

Tabela 14 – Índice de acerto com e sem contexto.

Com base nos dados mostrados pela tabela, o contexto foi relevante para o processo de significação na maioria dos casos, embora admitamos que haja, nesta tabela, pontos que devem ser considerados. Por exemplo, no tipo de sentença “X”, condição experimental com *argumento preposicionado e não preposicionado simultaneamente*, houve uma diferença numérica que indica uma relação entre o contexto e a quantidade de itens lexicais. A presença de muitas ‘palavras’ parece mostrar a existência de um fator de distração natural, fato que não ocorreu nas demais tabelas.

Cada condição experimental (X, Y, Z e TODOS) resultou do seguinte cruzamento: X (com contexto) versus X (sem contexto). De forma análoga, repetimos este procedimento com as condições Y, Z e TODOS, e obtivemos as seguintes tabelas:

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	28	8
Acerto	164	184

Tabela 15 – Associação da condição experimental X, com contexto versus sem contexto.

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	35	54
Acerto	161	142

Tabela 16 – Associação da condição experimental Y, com contexto versus sem contexto.

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	40	92
Acerto	158	106

Tabela 17 – Associação da condição experimental Z, com contexto versus sem contexto.

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	111	149
Acerto	453	415

Tabela 18 – Associação da condição experimental TODOS, com contexto versus sem contexto.

Nosso trabalho contou com a colaboração voluntária em um primeiro momento de 61 informantes de ambos os sexos que frequentaram, no máximo, duas séries do ensino médio da rede estadual na cidade de João Pessoa. Realizamos o segundo experimento para que pudéssemos ter valores de referência com apenas (50) cinquenta informantes.

Tabela 19 – Experimento 1

Sexo	Nº de informantes	2ª série do ensino médio	1ª série do ensino médio
M	27	14	13
F	34	16	18
Total	61	30	31

Tabela 20 – Grupo de controle:

Sexo	Nº de informantes	2ª série do ensino médio	1ª série do ensino médio
M	21	9	12
F	29	15	14
Total	50	24	26

Há, neste caso, quatro tipos de análise das sentenças que foram usadas para que pudéssemos aferir a eficácia do contexto como elemento facilitador do processo de significação: dois programas estatísticos, com a fórmula do Qui-quadrado e do teste t foram utilizados. O Qui - quadrado, com correlação de yates, é uma fórmula matemática que tem como objetivo medir a correlação entre variáveis em pesquisas empíricas, verificando se a relação entre as variáveis mantêm - se em um padrão significativo (que se deve considerar), ou se os resultados foram obtidos por acaso. Para isso, usa-se um referencial denominado P-Valor. Caso o P-valor for menor ou igual a 0,05 diz-se que há significância entre as variáveis, do contrário, o P-valor não será significativo. Usamos também o Qui-quadrado com correlação de yates por ser uma fórmula que considera variáveis categoriais, ou seja, converte letras (palavras) em números, como foi o caso demonstrado acima. Os dados originaram matrizes capazes de serem incorporadas pela fórmula do Qui-quadrado. Para a aferição do *tempo*, usamos outra fórmula: o teste – t em seu formato pareado. A escolha do teste - t deu-se por conta da unidade de tempo gerar um

resultado numérico, em milésimos de segundo. Assim, não houve a necessidade de se fazer conversões. O teste - t também tem como parâmetro o P-valor dentro das mesmas medidas, ou seja, $P < 0,05$. Pelas razões expostas é que fizemos a codificação das três condições experimentais em “x”⁴, “y”⁵, “z”⁶ e “TODOS”⁷.

A partir dos dados encontrados nas tabelas, um programa estatístico denominado de R foi utilizado com o objetivo de verificar se a correlação dos dados comprovaria ou refutaria nossa hipótese experimental: o contexto via transitividade verbal como facilitador do processo de significação. Desta forma, a tabela do índice de acerto de X, por exemplo, resultou no seguinte gráfico e nas observações que se seguem:

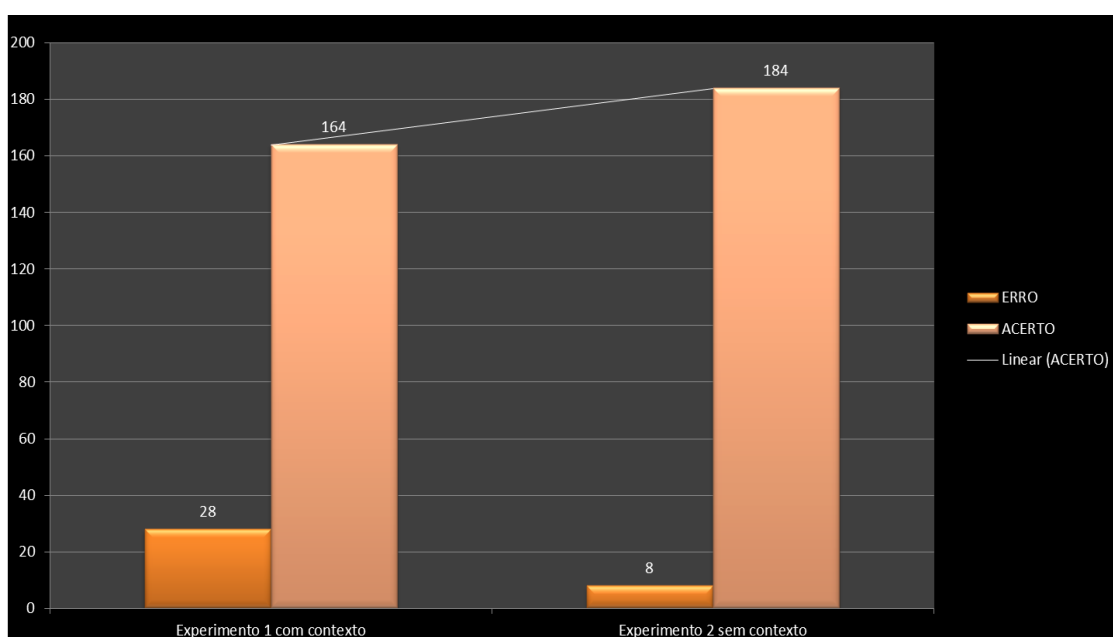


Gráfico 1 –

Conforme visto nas tabelas, cognitivamente, o contexto parece ter servido de base para a criação na mente/cérebro do informante um conjunto de informações que o leva a uma resposta levemente imprecisa ao estímulo recebido. Isto nos guia a materializar que a transitividade, assim como asseveram os Funcionalistas e os Linguistas Cognitivos, não pode ser vista como mera função sintática, como propõem os gerativistas. Vejamos o que ocorre na interação entre sentenças.

⁴ Apenas com argumento posposto ao verbo e duplo: preposicionado e não preposicionado na mesma sentença.

⁵ Apenas com argumento verbal posposto ao verbo preposicionado.

⁶ Apenas com argumento verbal posposto ao verbo não preposicionado.

⁷ Com todos os tipos de sentenças: x, y e z.

4.4 QUE ACONTECE COM A INTERAÇÃO ENTRE “Z”⁸ E “Z” COM CONTEXTO E SEM CONTEXTO E “TODOS” COM CONTEXTO E SEM CONTEXTO?

Lembramos que o total de informantes no experimento com contexto foi de 61 e no segundo, sem contexto, foi de 50. Houve, contudo, casos nos dois experimentos em que tivemos que trinar informantes. Basicamente, a trimagem ocorreu pela falta de uma ou mais sentenças sem respostas, fato que poderia, de alguma forma, agir como dado tendencioso. No caso específico dos dados de “z” e de “TODOS”, foram tratados os fornecidos por 50 informantes dos dois grupos: o experimental e o de controle.

O cruzamento entre as sentenças “z” com e sem contexto provaram a eficiência do contexto. A relação entre os índices de acertos *com contexto* versus o índice de acertos *sem contexto* gerou a seguinte tabela:

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	40	92
Acerto	158	106

Tabela 21 – Cruzamento das sentenças Z.

Ao conferirmos os dados que geraram a tabela acima, notamos que a condição *com contexto*, para este tipo de sentença, proporcionou cento e cinquenta e oito (158) respostas *sim* contra quarenta (40) *não*. Ao retirarmos o contexto, os números se modificaram para cento e seis (106) respostas *sim*, contra noventa e duas (92) *não*. Estes números originaram o seguinte gráfico:

⁸ Apenas com argumento verbal não preposicionado posposto ao verbo.

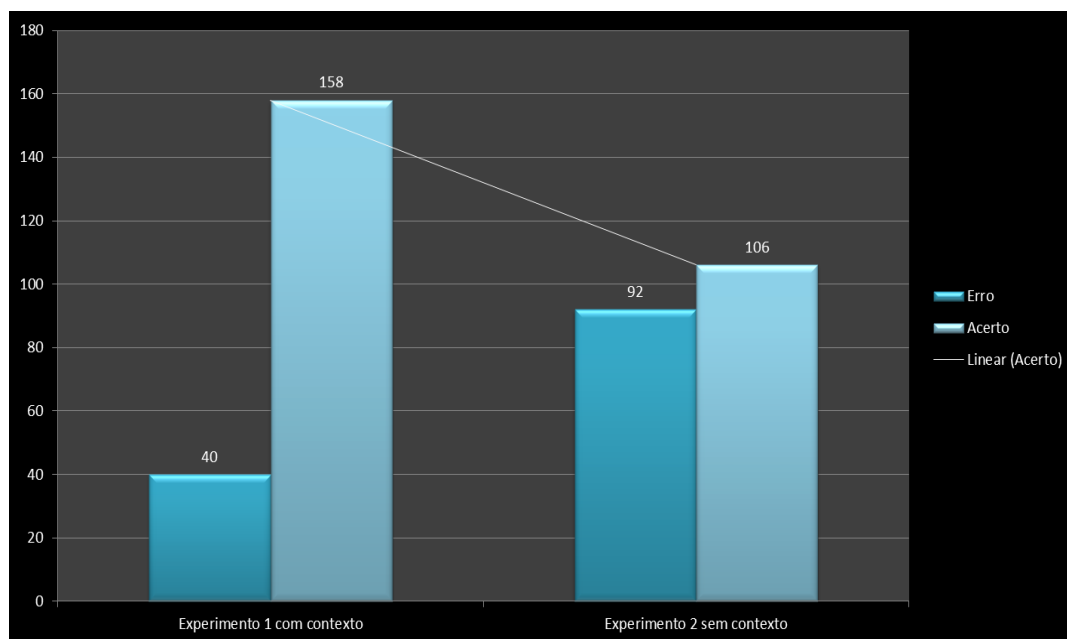


Gráfico 3 –

O teste Qui-quadrado, com correlação de Yates, revelou os seguintes números: $X^2=4.6648$, grau de liberdade= 1, e, lembramos que o valor de p deve ser $p<0,05$. Obtivemos p-valor = 0.03079 que nos revela que o contexto não pode ser desconsiderado em interações humanas, mesmo que a diferença numérica não seja significativa.

Estes números também são similares aos apresentados na interação das sentenças do tipo “TODOS” com contexto e sem contexto. Analisemos a tabela:

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	111	149
Acerto	453	415

Tabela 22 – Cruzamento das sentenças “TODOS”.

Ao conferirmos os dados para sentenças do tipo “*TODOS*”, percebemos que *com contexto*, para este tipo de sentença, houve quatrocentos e cinquenta (453) respostas *sim* contra cento e onze (111) *não*. Ao retirarmos o contexto, os números se modificaram para quatrocentos e quinze (415) respostas *sim*, contra cento e quarenta e nove (149) *não*. Estes números originaram o seguinte gráfico:

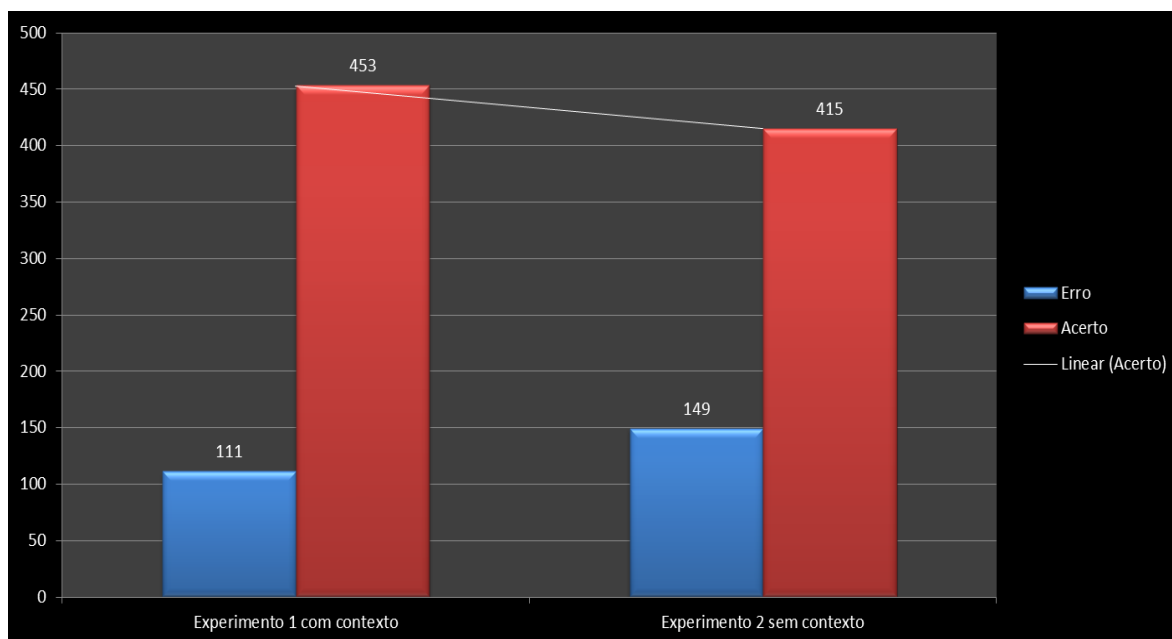


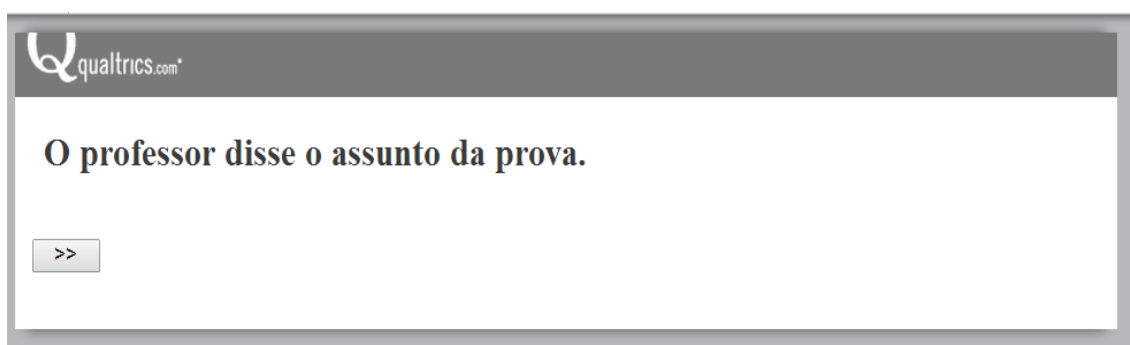
Gráfico 4 –

O teste Qui-quadrado, com correlação de Yates, revelou os seguintes números: $X^2 = 6.8426$, grau de liberdade = 1, e, lembramos que o valor de p deve ser $p < 0,05$. Obtivemos $p\text{-valor} = 0.008901$ que nos revela que o contexto não pode ser desconsiderado em interações, porém as diferenças numéricas são não significativas.

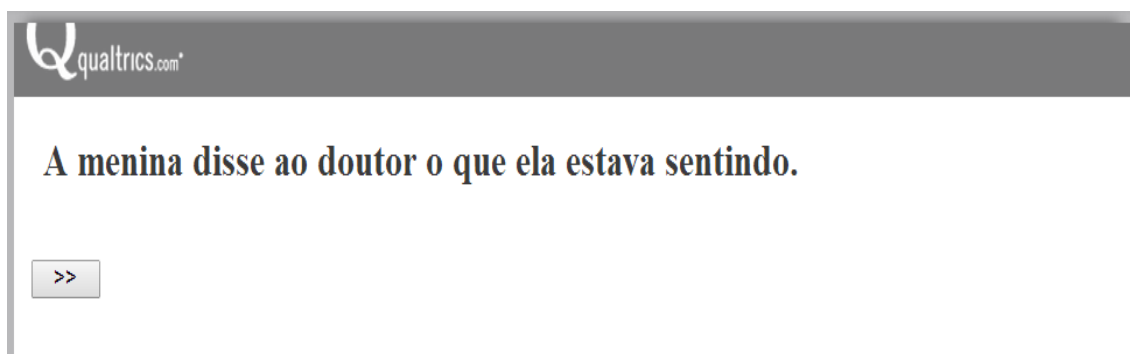
Fica, assim, neste experimento, ratificada a força do contexto, apesar de sua não significância. Podemos entender então que o contexto é a habilidade cognitiva humana para percebermos, mesmo sem necessariamente ouvirmos (lermos), sobre que assunto se está falando. Abaixo seguem algumas telas que ilustram este tipo de sentença. (“*Todos*” engloba “*z*”)



Tela 21 – Estímulo linguístico.



Tela 22 – Estímulo linguístico.



Tela 23 – Estímulo linguístico.

Mas o que acontece com outros tipos de condições experimentais?

4.5. QUAL O RESULTADO PARA O CONTEXTO QUANDO O(S) ARGUMENTO(S) POSPOSTO(S) FOR(EM) PREPOSICIONADO(S) DO TIPO “Y”⁹?

Ao observarmos os dados das sentenças do tipo “y”, verificamos que existe um fator que não prevíamos em nossa hipótese experimental. Nas sentenças do Y a presença da preposição entre o verbo da construção e seu argumento agiu cognitivamente como um facilitador do processo de significação das construções, funcionando, neste caso, como um “suporte” para o contexto. Esta suposição se conjuga com o princípio da *imagética convencional* no que tange ao alinhamento entre *trajetor* e *marco*. A construção preposicionada, de alguma forma, ativa na mente/cérebro do informante, caminhos que o levam a uma identificação mais precisa entre qual item deve ser categorizado como *trajetor* e qual deles deve ser categorizado como *marco*. Os dados encontrados para estes tipos de estrutura, “y” foram os seguintes:

Respostas	Com contexto	Sem contexto
Erro	35	54
Acerto	161	142

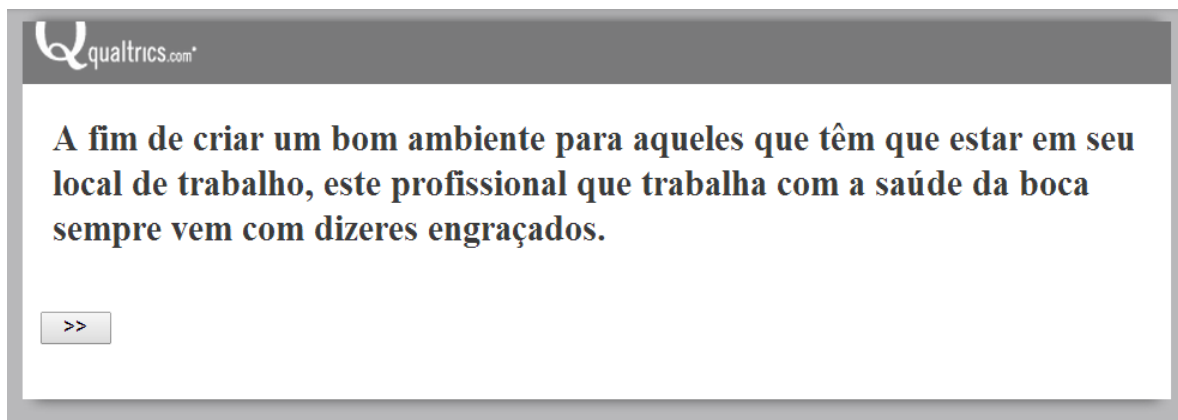
Tabela 23 Índice de acerto de argumentos preposicionado (y).

Embora numericamente haja valores absolutos maiores nas sentenças Y, em análise, *argumento preposicionado*, a diferença entre os resultados, *com contexto* e *sem contexto*, quando aplicado o teste estatístico de correlação, é significativa, ou seja, P-valor

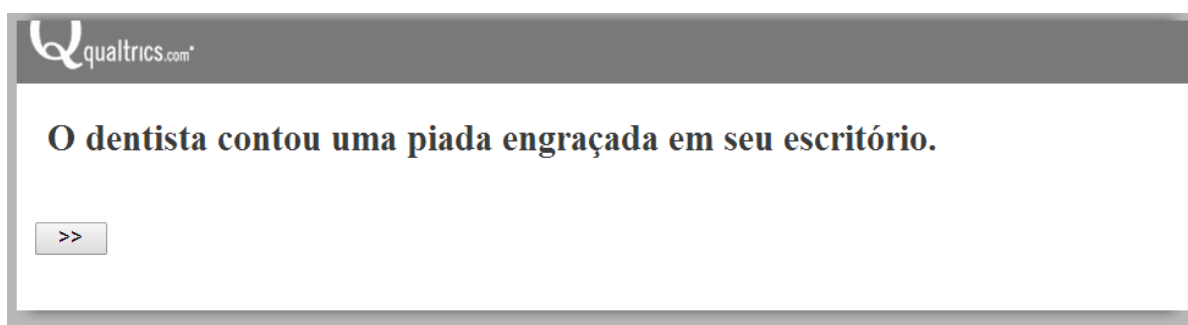
⁹ Argumento preposicionado.

é menor que 0,05. Neste caso nossas hipóteses não previram a sentença preposicionada como um facilitador do processo de significação.

Depreendemos que o contexto revelou-se significativo após cruzarmos os dados dos dois experimentos, grupo experimental e o grupo controle. O valor de P foi de $P=0.0299$. Sabemos que para que o valor de P seja significativo, ele deve ser $P<0,05$. Os resultados que derivaram do teste Qui-quadrado apresentaram os seguintes valores: $X^2=4,7098$, grau de liberdade= 1, p-valor = 0.0299. Registramos : quando tivemos o texto motivador (o contexto) e uma quantidade maior de entidades linguísticas, este fenômeno parece ter agido como um distrator natural das sentenças do tipo “X” (argumentos preposicionados e não preposicionados simultaneamente), diminuindo o índice de acerto. Abaixo seguem algumas telas retiradas do experimento:



Tela 24 – Texto motivador (o contexto).



Tela 25 – Sentença de estímulo.

Um fato que pode ter ocorrido é a pouca familiaridade, baixa frequência dos termos usados no texto motivador. Entidades linguísticas como: *profissional que trabalha com saúde bucal* ao invés de *dentista* ou ainda *dizer engraçado* ao invés de *piada*. Este fenômeno atrela-se a outro, a faixa etária poderia provocar este distanciamento lexical.

Motivo socioeconômico poderia, também, ser o causador deste efeito e não propriamente o contexto. O fato é que, para este experimento e para este tipo de sentença (argumento preposicionado e não preposicionado simultaneamente), o contexto sofreu alguma forma de alteração.

4.6 OS RESULTADOS EM RELAÇÃO AO TEMPO

Em relação à aferição do tempo, após a realização dos experimentos, percebemos que houve uma imprecisão na forma com que o tempo foi gravado. Um dos fatores percebidos em determinados itens foi o fato de que o informante parecia alheio à situação demandando grande quantidade de tempo; em outros casos, a resposta era automática. Não estamos fazendo julgamento sobre a atenção do informante, uma vez que este não era seu papel. Para uma medida de tempo mais precisa, necessitaríamos de outro tipo de material, por exemplo, um leitor de ondas cerebrais (EG) ou até mesmo um leitor ótico (eye track). Seguem alguns exemplos de medidas:

	A	B	C	D
1	EXPERIMENTO	LINGUA PORTUGUESA		
2	Informantes	Perguntas	indice de Acerto	Tempo
3				
4	IF 01	Bloco 1	S	9.79
5	IF 01	Bloco 3	S	15.09
6	IF 01	Bloco 5	N	8.31
7	IF 01	Bloco 7	S	22.21
8	IF 01	Bloco 9	S	16.83
9	IF 01	Bloco 11	N	4.18
10	IF 01	Bloco 13	S	5.08
11	IF 01	Bloco 15	S	24.22
12	IF 01	Bloco 17	S	3.32
13	IF 01	Bloco 19	N	4.0
14	IF 01	Bloco 21	S	5.91
15	IF 01	Bloco 23	S	7.12

Tela 26 – Tempo com contexto

	A	B	C	D
1	informantes	Perguntas	indice de acerto sem contexto	tempo
2	IF 01	Bloco 1	s	7750
3	IF 01	Bloco 3	s	2490
4	IF 01	Bloco 5	s	2600
5	IF 01	Bloco 7	s	3980
6	IF 01	Bloco 9	s	2960
7	IF 01	Bloco 11	s	3050
8	IF 01	Bloco 13	s	4290
9	IF 01	Bloco 15	s	1582
10	IF 01	Bloco 17	s	2490
11	IF 01	Bloco 19	s	3650
12	IF 01	Bloco 21	s	6550
13	IF 01	Bloco 23	s	4830

Tempo sem contexto

No caso das linhas, por exemplo, cinco e sete, para este informante, há uma discrepância considerável. Supostamente, deveria haver um número com uma média constante de tempo, como se percebe, mais ou menos, com o tempo no experimento sem contexto. Mas, como dissemos anteriormente, o material utilizado para este experimento deveria ter sido outro, se outro fosse nosso objetivo. Abaixo listaremos algumas das sentenças utilizadas, por exemplo, nas linhas cinco e sete.

Q105 ☐
 A

Durante uma palestra domingo, um padre perguntou a seus fieis quem estava pronto para seguir o exemplo de Jesus e deixar a familia para evangelizar o mundo. Caso houvesse alguém interessado, seria suficiente dizer-lhe o nome após a missa.

----- Page Break -----

Q18 ☐

John disse ao padre.

----- Page Break -----

Q20 ☐

O padre ouviu o nome de John.

TELA 27 – Exemplo da sentença cinco.

Q106 ☐
 A

No último mês do ano escolar, um professor disse o número de unidades com que os alunos deveriam se preocupar para um possível teste.

----- Page Break -----

Q26 ☐

O professor disse o assunto da prova.

----- Page Break -----

Q28 ☐

Os alunos ouviram falar sobre o teste.

Q29 ☐ Timing

Vertical toolbar on the right:

Tela 28 – Exemplo da sentença sete.

Mesmo não dispondo de um equipamento capaz de nos fornecer um dado preciso do que de fato ocorre na mente/cérebro do falante em relação à presença ou ausência do contexto, usamos os dados disponibilizados pelos informantes no programa de estatística ACTION.

Neste fazer, trazemos de volta, apesar das adversidades quanto ao equipamento, os parâmetros de P-Valor para que possamos compreender se, segundo estes dados, o contexto foi pertinente ou não. Vale explicar que o teste – t apresenta três modelos: o de amostra única, o de amostra independente e o pareado; o que se aplica neste nosso trabalho é o teste – t pareado, uma vez que fizemos a correlação entre os tempos com e sem contexto (texto motivador). Os resultados a que chegamos são os seguintes:

Tabela 26 – Resultado feito pelo programa R.

TESTE T - PAREADO
DADOS DO PROCESSO

<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
T	2,346653871
Graus de Liberdade	597
P-valor	0,01926878
Média das Diferenças	834,4732441
Desvio Padrão das diferenças	8695,88869
Hipótese Alternativa: Diferente de	0
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	136,0915822
Limite Superior	1532,854906

Percebemos pelos números, especialmente pelo P-valor, que houve uma significância entre o tempo com e sem contexto. Isto quer dizer que o contexto, neste experimento, age via transitividade como um facilitador do processo de significação.

4.7 CONCLUSÕES A QUE CHEGAMOS

Concluiremos nossa análise ressaltando que nosso ponto de interesse reside no processo de significação em que o contexto embasado por uma sequência de eventos (texto motivador *explícito* ou *implícito*) recupera o conteúdo conceptual através do processo cognitivo de seleção espontânea dos traços pertinentes dos domínios complexos das construções em uso.

Todo nosso trabalho voltou-se para conceitos *não triviais* propostos pelas Gramáticas Cognitivas (LANGACKER, 2008), Gramática das Construções (Goldberg, 1995-2006) com passagem panorâmica pela gramática das construções radicais de Croft segundo Silva (2004).

Ao usar a transitividade como ferramenta para chegarmos ao contexto, tivemos o seguinte posicionamento: quando se condiciona a transitividade de um verbo com o seu

objeto, como fazem os gerativistas, limita-se a análise das estruturas simbólicas a uma mera função gramatical; a subjetividade da linguagem advinda do contexto é desconsiderada por completo; a carga semântica que a estrutura carrega se perde, por não se observar o *foco* da estrutura, seu papel na comunicação, a *perspectiva* do falante, o *grau de especificidade* da informação veiculada e a *proeminência* que ocorre entre o *trajetor* e o *marco*. A atualização do significado desejada pelo falante no momento da interação comunicacional deixaria de ocorrer, caso a transitividade fosse apenas uma função sintática, como pregam os gerativistas.

Nas quatro interações realizadas, percebemos que, numericamente, em todas as sentenças que tinham contexto, o índice de acerto foi maior que as sentenças que não tinham, exceto nas sentenças X (argumento preposicionado e não preposicionado simultaneamente). Porém, ao aplicarmos o teste estatístico, percebemos que existe uma relação entre o contexto e a transitividade que pode merecer em outro momento, um estudo mais detalhado. No entanto o foco de nosso trabalho não foi esta relação.

Com base nos dados coletados no estudo dos dados, percebemos que existe alguma relação entre o contexto via transitividade e o processo de significação.

Assim, podemos afirmar que o contexto é relevante nas interações e que a transitividade deve ser ensinada não mais como uma função gramatical objetiva, livre da subjetividade linguística. Podemos concluir, após a análise dos dados, que a transitividade não é apenas uma função gramatical como encontramos nas gramáticas tradicionais e em abordagens linguísticas que veem a sintaxe como explicação para os fenômenos linguísticos. Defendemos que a transitividade é mais que isto e merece ser objeto de estudos experimentais capazes de evidenciarem sua importância na cognição humana, como propõem os movimentos Funcionalistas e a Linguística Cognitiva. Este fato nos levou a crer no contexto, via transitividade, como um dos fatores relevantes para o processo de significação de sentença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este estudo, entendemos compreensão como resultado de processos cognitivos (memorização, simbolização, e outros) que se desdobram na capacidade inerentemente humana de reconhecer em seu semelhante como um agente passivo capaz de interação. Desta forma, a importância desta pesquisa pode ser justificada pela possibilidade de abertura de caminhos que proporcionam, ao se atingir a compreensão por meio do fenômeno da transitividade. Conjugados com Cognitivistas e Funcionalistas, demonstramos que a transitividade age cognitivamente como facilitadora da compreensão humana, revelando-se, assim, mais que mera função sintática prescritiva/ normativa.

O preenchimento dos espaços abertos anterior e posterior ao verbo (slots) é preenchido no momento da interação, levando-se em conta o foco, a perspectiva, o grau de especificidade e proeminência. Nossa análise, contudo, recaiu, especificamente, sobre o Trajetor e Marco da sentença. Não podemos deixar de registrar que, cognitivamente, todos estes fatores integram as possibilidades de preenchimento dos espaços abertos que envolvem a transitividade.

Para tanto, usamos uma metodologia de cunho experimental que nos guiou, de forma estatisticamente objetiva, a uma observação do índice de acerto dos informantes na presença e na ausência de um texto motivador ao qual atribuímos um valor de contexto. Não nos afastamos, contudo, de discussões que contemplem outra metodologia, e, em especial, aspectos relativos a este assunto.

Sobre os resultados dos experimentos aplicados, pudemos verificar que de fato existe uma relação entre contexto, processo de significação e construções seguidas, ou não por preposição. A análise dos dados demonstrou que com os verbos dicendi, tais como falar, dizer, conversar e contar, usados em nosso experimento, o contexto mostrou-se produtivo em sentenças com argumentos preposicionados e não preposicionados simultaneamente, confirmando a hipótese de que a quantidade de itens lexicais age como facilitador dos processos de significação. Para estes verbos, as estruturas preposicionadas e o contexto constituem atuante veículo de comunicação, uma vez que funcionam como elemento facilitador da compreensão. Ao analisarmos as sentenças que não foram seguidas por argumentos preposicionados, verificou-se que o contexto de forma esquemática, aliado a

argumentos não preposicionados dificulta a compreensão, ou seja, os informantes apresentaram um índice maior de “erros” em sentenças desta natureza.

Concluindo, ressaltamos que mais testes sob esta metodologia, ou com a que mais convier ao pesquisador, faz-se necessário para refutar ou corroborar os resultados encontrados nesse trabalho. Como possibilidade de trabalhos futuros, gostaríamos de analisar, ainda, como os processos de significação seriam afetados na interação de sentenças com preposição e sem preposição, tendo como grupo de controle informantes sem dislexia. Gostaríamos também de analisar como a preposição se comportaria diante de construções subordinadas do tipo:

- a) Necessito que você chegue urgente. / necessito de que ...
- b) Gosto que me visitem. / Gosto de que...

Como se percebe, esta pesquisa, dada a amplitude do tema, pode tornar-se, também, ponto de partida para um estudo complementar do assunto em pauta.

REFERÊNCIAS

- BATORÉO, H. Produtividade lexical, espaços mentais integrados e lexicais compostas na Língua portuguesa (PE e PB): o que a Linguística Cognitiva nos ensina sobre língua e cultura? In: *Linguística* (Revista do Programa de Pós- Graduação em Linguística da UFRJ), Rio de Janeiro: Imprinta, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37.ed. rev.e ampl. 16ª, Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48.ed. rev. – São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.
- CHOMSKY, N. *A review of B.F. Skinner's "verbal behavior"*. *Language*, 1959.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*; editora Cultrix Ltda, São Paulo, 1993, p. 599.
- FAUCONNIER, G.;TURNER, M. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, L. *Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares*. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Letras e cognição 41, Niterói: UFF, 2010.
- FILLMORE, C.; KAY,P.; O'CORNER, C. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone*. In: *Language*. 1988.
- FONTES, V. M.; FERRARI, L. *Dêixes e mesclagem: a expressão pronominalizada "a gente" como categoria radial*. Revista linguística (Revista do programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ). Rio de Janeiro: Imprinta, 2010.
- GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- ILARI, Rodolfo, GERALDI, João W. G.: *Semântica*. São Paulo: Ática, 2006.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

LANGACKER, Ronald, W. *Cognitive Grammar A Basis Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MATTOSO, Joaquim Câmara JR. *Dicionário de Filologia e Gramática* Referente à língua portuguesa; J. Ozon Editor; 5.ed. São Paulo.

MIRANDA, Neusa Salim e SALOMÃO, Maria Margarida M: *Construções do Português do Brasil Da gramática ao discurso*; ed. UFMG, 2009. Belo Horizonte.

MUSSALIM, Fernanda, Bentes, Anna Christina (Org) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológico*, São Paulo: Cortês, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SILVA, Augusto Soares. *Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva*. Almeida, v.I. 2004, p. 1-18

TOMASELLO, M. *First verbs: a case study of early grammatical development*. New York: Cambridge University Press, 1992.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. London: Harvard University Press, 1999

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aquisição de construções em Língua Inglesa:
a transitividade verbal.

Pesquisador: Fábio Lúcio Gomes Barbosa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 19492613.8.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 344.890

Data da Relatoria: 22/07/2013

Apresentação do Projeto:

A aquisição da linguagem, do ponto de vista da Linguística Cognitiva, traz implicações revolucionárias, tais como o entendimento de competência linguística madura como o inventário de símbolos linguísticos, reunindo construções nucleares e construções periféricas. As pesquisas sobre aquisição da linguagem coordenadas por Michael Tomasello no Departamento de Psicologia Comparada e do Desenvolvimento, do Instituto Max Planck, evidenciam a importância desta abordagem. Assim, entende-se que a aquisição de uma língua estrangeira é, também, parte integrante da cognição, não é um módulo separado, tal como nos ensina a Linguística Cognitiva. Fundamenta-se, portanto, em processos cognitivos sócio-interacionais e culturais, devendo ser ensinada e exercitada em atos concretos de comunicação.

Objetivo da Pesquisa:

Nosso objetivo primário será aplicar a teoria da Gramática Cognitiva de Langacker (2008) em estruturas verbais utilizadas por aprendizes da língua inglesa. Verificar o custo de processamento da compreensão de estruturas linguística da língua quando os argumentos verbais exigidos forem explícitos ou implícitos.

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 344.890

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Aprovar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

JOAO PESSOA, 31 de Julho de 2013

Assinador por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

Texto exposto na tela de abertura do experimento.

Aquisição dos dicendi

Bem-vindo. O mestrando Fábio Barbosa gostaria de convidá-lo (a) para participar de uma breve pesquisa sobre o processo de significação de sentenças e decisão lexical. Para isso, é suficiente que você concorde em participar desta pesquisa, selecionando a opção “aceito” (>>) e responder um questionário com opções sim ou não. Sua participação é voluntária e seus dados serão tratados de forma anônima. A pesquisa não oferece risco à sua saúde física, e os riscos psicológicos são mínimos. A qualquer momento você pode desistir da participação, caso sinta-se prejudicado. Agradeço imensamente pela sua importante colaboração e, ao mesmo tempo, nos colocamos à disposição para tirar possíveis dúvidas através do e-mail: bito-1@hotmail.com

Olá! Você irá participar de um teste de leitura. Primeiro você lerá uma frase. Caso concorde em continuar com o teste, você pressionará o botão (>>) para que uma pergunta com duas opções apareça na tela. Escolha uma opção, clicando sobre o “círculo” ao lado. Boa leitura e obrigado!

A fim de criar um bom ambiente para aqueles que têm que estar em seu local de trabalho, este profissional que trabalha com a saúde da boca sempre vem com dizeres engraçados.

O dentista contou uma piada engraçada em seu escritório.

O paciente ouviu a piada.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Como qualquer garoto de sua idade, Fred não gosta de comer legumes. Assim, sua mãe usa a criatividade, disfarçando os legumes em uma sopa.

O menino come seu jantar.

O menino toma sua sopa.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Em um dia ensolarado, um pai teve uma conversa homem a homem com seu filho para falar sobre como é bom sempre dizer a verdade.

O pai contou a verdade para o filho.

A verdade foi contada para o filho pelo pai.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Os Smiths são um casal aposentado. Depois de uma vida de trabalho árdua, eles construíram uma piscina em casa. Então, agora, eles passam as tardes à beira da piscina.

Os Smiths pularam na piscina.

Marido e mulher nadam à tarde.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Durante uma palestra domingo, um padre perguntou a seus fieis quem estava pronto para seguir o exemplo de Jesus e deixar a família para evangelizar o mundo. Caso houvesse alguém interessado, seria suficiente dizer-lhe o nome após a missa.

John disse ao padre.

O padre ouviu o nome de John.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Após supor que tinha cometido o crime perfeito, assaltante foi preso por roubar joias.

O policial prendeu o ladrão.

O ladrão foi preso.

☐ sim (1)

☐ não (2)

No último mês do ano escolar, um professor disse o número de unidades com que os alunos deveriam se preocupar para um possível teste. O professor disse o assunto da prova.

Os alunos ouviram falar sobre o teste.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Uma mulher caiu em um estacionamento de supermercado. Depois de tentar levantar os pesados sacos de papel: “Eu pedi ajuda, mas acho que ninguém me ouviu”, foram estas as palavras da mulher.

A mulher pediu ajuda.

A mulher caiu.

☐ sim (1)

☐ não (2)

No primeiro dia de aula, depois de ter sido deixado em sua sala de aula, uma menina foi levada às pressas ao hospital devido a um colapso respiratório. No hospital, ela disse ao médico que estava muito nervosa, porque a mãe a tinha deixado só na escola ...

A menina disse ao doutor o que ela estava sentindo.

O doutor ouviu sobre os sintomas da menina.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Todos nós sabemos como avôs podem ser “bobos”;. Então, depois de ouvir que seu neto desejava visitar um jardim zoológico, Peter, um desses vovôs, dirigiu 200 quilômetros para realizar o sonho de seu neto.

O neto visitou o zoológico.

O menino viu os animais do zoológico.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Um porteiro, de comportamento típico, disse a sua garota que ele havia conhecido uma estrela de cinema naquele dia.

O porteiro contou a sua namorada.

A namorada ouviu sobre o encontro do porteiro.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Um estudante de intercâmbio informou que ele nunca teve problemas naquele país, pois sempre recebeu ajuda dos amigos que fez por lá.

Meus amigos me ajudam muito.

Os nativos daquele país geralmente ajudam os visitantes a se sentirem confortáveis.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Era uma festa de Natal entre amigos. Esta festa acontece todos os anos. Já é uma tradição entre amigos de um condomínio. A maioria dos amigos lá se conhece e conversa sobre tudo.

O amigos conversam sobre tudo.

Os amigos ouvem as histórias uns dos outros.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Eu ainda me lembro como era bom passar o fim de semana na casa de nossa avó. As memórias trazem de volta o doce sabor dos deliciosos bolos que ela costumava fazer.

Vovó preparava bolos gostosos.

O bolo de vovó traz recordações sublimes.

☐ sim (1)

☐ não (2)

No caminho para a escola, um menino de 15 anos de idade, obediente, caso raro, geralmente conversa com seu pai sobre diferentes temas. Filho e pai tentam não guardar segredos um para o outro.

Eu converso sobre tudo com meu pai.

O pai escuta o que o menino tem a dizer.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Um menino costumava correr para o ginásio da escola para ver sua garota favorita, Sarah, que joga vôlei.

Sarah joga vôlei muito bem.

O menino gosta de ver Sarah jogando.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Em uma oficina mecânica, o proprietário de um carro e o mecânico estavam falando sobre como melhorar o desempenho do carro. O mecânico falou com o cliente sobre o que podia e não poderia ser feito.

O mecânico conversa sobre o carro.

O homem ouve as explicações do mecânico.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Culturalmente, em todo o mundo, as pessoas vêem os ingleses como “comedores” de peixe com batata fritas. Para confirmar tal crença, basta conferir os cardápios dos restaurantes em Londres. É certo que acharemos sempre peixe e batatas fritas.

A família Inglesa comeu peixe naquela noite.

Peixe fazia parte do cardápio naquele dia.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Depois de se sentir injustiçado, um candidato processa a banca do concurso, a fim de ser ouvido. No tribunal, ele falou com a banca sobre o que realmente tinha acontecido.

O candidato falou a verdade.

A banca do concurso ouviu a verdade.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Uma mulher irritada deixou a sala de aula depois de ouvir o que ela considerou absurdo sobre teologia. Ela disse que a professora não sabia nada sobre Deus e Seu filho Jesus Cristo.

A mulher saiu da sala.

A professora irritou a mulher.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Uma atriz, em sua primeira apresentação, estava muito feliz. O jeito com que ela falou seu texto para o público era encantador. Eu me lembro como ela estava bonita naquele dia.

A atriz falou seu texto para a plateia.

O texto falado pela atriz foi ouvido pela plateia.

☐ sim (1)

☐ não (2)

Durante o tempo de ensino médio, cinco amigos planejaram uma viagem especial após o dia da formatura. O dia "d" chegou e, como mágica, eles embarcaram para visitar a Europa.

Os amigos viajaram para conhecer a Europa.

Os amigos visitaram a Europa.

☐ sim (1)

☐ não (2)

As palavras do diretor ainda ecoam em minha cabeça. Quando eu era estudante, era comum ouvir as suas palavras acolhendo-nos no primeiro dia do nosso ano letivo.

O diretor falou com os alunos.

O diretor falou palavras de boas-vindas.

☐ sim (1)

☐ não (2)